

A EDUCAÇÃO COMO PAIXÃO INTEMPORAL

Histórias de uma Professora



Maria do Carmo Cruz

Porto, maio de 2022

Ficha técnica

Título: A Educação como paixão intemporal - Histórias de uma Professora

Autora: Maria do Carmo Cruz

Editor: José Matias Alves

Texto de apresentação: José Matias Alves

Edição: Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa

Local: Porto

Data: maio de 2022

Fotos de capa: autoria de Maria do Carmo Cruz

ISBN: 978-989-53098-9-4

Índice

Doçura, amor e sapientia: a trilogia da vida de uma professora.....	10
PARTE 1 - OS PRINCÍPIOS DE TUDO	17
Capítulo 1: Primeira infância e a importância das sinestésias.	18
Capítulo 2: O incêndio no moinho.	22
PARTE 2: ANGOLA	24
Capítulo 1: A primeira escola e a vida no Marçal.....	25
Capítulo 2: Como começou o enredo.	28
Capítulo 3: E a vida continuou, a trabalhar em casa.	31
Capítulo 4: As cartas para os colonos.....	33
Capítulo 5: A Luanda do seu tempo: as pessoas com quem cresceu.....	35
Capítulo 6: O primeiro aluno grande – e bem grande!.....	37
Capítulo 7: Chegou a hora! Mas quase virou modista... ..	39
PARTE 3. VAI LÁ ESTUDAR, MAS FAZES A TUA PARTE DO TRABALHO.....	42
Capítulo 1: Começou o Liceu.....	43
Capítulo 2: Aconteceu aquele bendito acidente de viação!	45
Capítulo 3: Vamos alimentar o sonho e ganhar algum dinheiro.....	47
PARTE 4: VINDA A PORTUGAL EM 1960	48
Capítulo 1: Encontro no Alto da Serra.....	49
PARTE 5: REGRESSO A ANGOLA	50
Capítulo 1: Os dois em Angola, o primeiro emprego.	51
PARTE 6: O CASAMENTO, MALANJE À VISTA.....	54
Capítulo 1: Um casamento estranho... E a chegada a Malanje?!	55
Capítulo 2: S. José de Cluny outra vez no seu caminho.	58
Capítulo 3: Professora de Macau e um par de percalços.....	60
Capítulo 4: A Dra, Salomé Montenegro a ajudar à Missa.....	68

PARTE 7: OUTRA VEZ EM PORTUGAL	69
PARTE 8: FINALMENTE, NA UNIVERSIDADE!.....	72
Capítulo 1: Também eles conhecerem o Senhor Cavia.	73
Capítulo 2: O Milagre da Livraria Almedina.....	75
Capítulo 3: Dois anos em S. João da Madeira.	77
Capítulo 4: Agora começo eu!.....	79
Capítulo 5: Está na hora de ser Professora a sério.	81
Capítulo 6: Nem tudo foram rosas: dois anos para esquecer.	83
Capítulo 7: Não se pode ser trabalhador em Portugal... ..	84
PARTE 9: A ESCOLA DO CORAÇÃO	85
Capítulo 1: A Gestão Escolar.	86
Capítulo 2: O Melhor são mesmo os Alunos.....	90
Capítulo 3: Ensinar a estudar.	91
PARTE 10: RECORDAÇÕES PARA SEMPRE	98
Capítulo 1: Um Professor é sempre professor.	99
Capítulo 2: A Psicóloga de serviço.....	101
Capítulo 3: Aquela Área-Escola.	102
Capítulo 4: Mais umas gabarolices para acabar em grande 1998.	105
Capítulo 5: Podemos ser professores na rua?.....	107
Capítulo 6: E deu mais alguma coisa à Escola?	108
PARTE 11: DEUS TIROU-LHE O CHÃO	113
Capítulo 1: A festa dos 40 anos.....	114
Capítulo 2: Os caminhos de Deus são inescrutáveis!	117
PARTE 12: MOÇAMBIQUE: O QUE É E ONDE FICA MUMEMO?	121
Capítulo 1: A escolinha do André.....	122
Capítulo 2: O que era Mumemo?.....	124

Capítulo 3: Vamos criar uma Escola Profissional?.....	132
Capítulo 4: A Associação de Mulheres.	136
Capítulo 5: O Dia da Criança em 2005.	141
Capítulo 6: Escolas e professores.	143
Capítulo 7: A Informática e as senhoras deficientes	144
Capítulo 8: Vamos para onde fizemos falta: Invinha.	148
PARTE 13: ANGOLA, A PONTE RECONSTRUÍDA.....	157
Capítulo 1: Foi a Angola só porque a convidaram... ..	158
Capítulo 2: O Manual de Boas Práticas.	160
Capítulo 3: Viver em comunidade: Quibaxe.	167
Capítulo 4: Troca de saberes.....	175
Capítulo 5: Tarefa feita, companhia desfeita.....	177
PARTE 14: O QUE LHE QUERIA LUANDA?	178
Capítulo 1: Outra vez a Clínica Sagrada Esperança.	179
Capítulo 2: Foi trabalhar com um grupo Espírita.	180
Capítulo 3: Voltar a ver o Marçal.	185
PARTE 15. A FORMADORA.....	186
Capítulo 1: Clínica Sagrada Esperança, Ilha de Luanda.....	187
Capítulo 2: Humanização dos Cuidados Clínicos.	190
PARTE FINAL: VALEU A PENA?	194

Índice de Imagens

Figura 1 - Em 1945, fotografia tirada na Foto Delfim Ferreira, em Condeixa-a-Nova.

Figura 2 - A boneca oferecida pelo filho.

Figura 3 - 1950, fins de Fevereiro, com o irmão José e o primo Américo, antes de partirem para Angola.

Figura 4 - A Igreja da Missão de S. Paulo, cujas salas de aula se situavam à esquerda da foto, e onde se casou em 1963.

Figura 5 - Maçãs da Índia e tamarindos (foto da direita).

Figura 6 - Foto do Bilhete de identidade.

Figura 7 - O Hotel Majestic, quando ainda se podia ver...

Figura 8 - Já estava uma senhorinha para ir para o primeiro ano do Liceu...

Figura 9 - Foto de família tirada em 1960, antes de vir para Portugal.

Figura 10 - Uma das ruas de Anobra em 1960.

Figura 11 - O Manuel em Onga-Zanga, na recepção do algodão.

Figura 12 - Diploma do 7.º ano.

Figura 13 - A noiva com as madrinhas e maiores amigas, Isabel Serrão e Isabel Pina.

Figura 14 - Com 21 anos, no dia do Baptismo do Carlos. Eram tão jovens!

Figura 15 - A casa em Anobra, em 1966.

Figura 16 - A Faculdade de Letras, onde só ia duas vezes por mês.

Figura 17 - A Filipa de Vilhena, escola do seu coração.

Figura 18 - Cartaz da Área Escola.

Figura 19 - O Agradecimento filial.

Figura 20 - Livro da Escola: Cinquenta ou Cem anos?

Figura 21 - Cartaz da Oficina de Escrita.

Figura 22 - Se fosse numa revista cor-de-rosa, diriam que eles tinham um ar “muito cúmplice”...

Figura 23 - A Turma J, 10.º Ano, de 2002-03.

Figura 24 - Com o Ricardo Ribeiro, aluno da Escola. Dizia que ela tinha sido a única pessoa que tinha acreditado nele. Vem visitá-la, em 2021.

Figura 25 - A Escolinha do André, 2003.

Figura 26 - A Irmã Susana nunca estava parada.

Figura 27 - Atribuição das primeiras casas.

Figura 28 - A primeira foto em Mumemo, 11 de Abril de 2004.

Figura 29 - Imagem do Ofertório.

Figura 30 - Os bolinhos e chuva que iam no tabuleiro.

Figura 31 - Escola de Mumemo, vista do pátio interior.

Figura 32 - A alfaiataria em acção, ainda em 2004.

Figura 33 - A creche já estava a funcionar.

Figura 34 - Com a Irmã Rita, à procura de um rato para o computador.

Figura 35 - Os primeiros pães da padaria de Mumemo, já em 2005!

Figura 36 - Início das aulas da manhã: em sentido e a cantar o hino nacional.

Figura 37 - Casa dos voluntários vista de frente.

Figura 38 - A cozinha, completamente equipada.

Figura 39 - O quarto da voluntária (eram todos iguais mesmo no candeeiro).

Figura 40 - O salão.

Figura 41 - O aviário: Em noites mais frias, iam aquecer os pintainhos com candeeiros a petróleo, se as lâmpadas não chegassem.

Figura 42 - Inauguração da Escola Profissional: A Irmã Susana faz o discurso inaugural.

Figura 43 - Inauguração da Escola Profissional: as figuras públicas.

Figura 44 - A Irmã Susana explicando o que era o Dia da Criança.

Figura 45 - As crianças trouxeram os irmãos, mais novos ou mais velhos.

Figura 46 - As três cozinheiras...

Figura 47 - Houve uma empatia imediata entre a voluntária e as “suas” deficientes.

Figura 48 - O Vítor Barata e a Irmã Susana no primeiro dia de aulas.

Figura 49 - O ar feliz da Fatiminha não engana ninguém.

Figura 50 - Curso de Batik; à esquerda, a Fátima.

Figura 51 - Exposição-venda no dia da inauguração da Escola.

Figura 52 - A primeira foto tirada em Invinha. O seu quarto era à esquerda e dele se vêem as duas janelas e a porta.

Figura 53 - Estava com muita prática de transplantar alface...

Figura 54 - A Irmã Superiora de Invinha, depois de ter ido, sozinha, colher uma carrinha de milho. À civil...

Figura 55 - Uma sala de aulas das Irmãs.

Figura 56 - A escola da comunidade. Veja-se a armação para o quadro, que o professor levava para casa, para não ser roubado.

Figura 57 - Interior da Escola da Oxfam. e alguns dos seus alunos.

Figura 58 - O bebé de Invinha, que não resistiu à falta de leite apropriado.

Figura 59 - Os vestidos de noiva eram lavados e preparados antes de serem entregues.

Figura 60 - Batizados: de notar a pia e a concha baptismal.

Figura 61 - Estes dois véus tiveram que ser feitos de véspera, “recriados” pelas mãos, que não são de fada, da voluntária.

Figura 62 - Um formigueiro familiar, na machamba (horta) ao pé do milho miúdo ou massambala.

Figura 63 - Confortando o Vítor Barata.

Figura 64 - Fazendo a magia do costume...

Figura 65 - A necessidade aguça o engenho: o saco de café.

Figura 66 - Jura que não sabe como conseguiu, mas o saca-rolhas funcionava.

Figura 67 - Nada vale tanto como a tristeza destas carinhas na hora da despedida.

Figura 68 - A Isabel, durante a visita que proporcionou à amiga. Na Barra do Kuanza.

Figura 69 - A capa do Manual para entregar nas comunidades.

Figura 70 - Três tipos de latrinas.

Figura 71 - O palácio do Governador português em Quibaxe (digamos que não era opulento...)

Figura 72 - A casa do Administrador, antes da independência.

Figura 73 - Com o Pastor da comunidade e a Tia Maria.

Figura 74 - Chá de folha de abacate, bem fervidinho, logo de manhã...

Figura 75 - A Maria Nova era perfeita no ênfase da higiene dos produtos.

Figura 76 - A nossa sopa de hortaliça tinha este aspecto!

Figura 77 - Feijoada de verdes.

Figura 78 - Arroz de ginguba (amendoim)

Figura 79 - As duas sopas, lado a lado. A da esquerda é para as crianças.

Figura 80 - A certa altura do campeonato, até já alguns idosos vinham assistir às sessões e o Pastor não se cansava de tirar notas (Fig. 79)

Figura 81 - O garfo foi levado de Portugal, tinha aprendido no Mussulo que era difícil arranjar um...

Figura 82 - O Pedro, de azul, e o seu público atento.

Figura 83 - Tratamento feito com barro vermelho.

Figura 84 - O ramo de sabugueiro que lhe ofereceram.

Figura 85 - Viana: Casa André Luís. Os primeiros a aparecer, logo de manhã, no dia a seguir à chegada.

Figura 86 - A escola debaixo do embondeiro.

Figura 87 - A CSE tinha começado numa graciosa mas enorme vivenda destinada a férias de altos dignitários. Foi sendo acrescentada, praticamente todos os anos, dada a sua enorme clientela.

Figura 88 - O manual de humanização dos cuidados clínicos, “E se fosse eu?”

Figura 89 - O filme “Patch Adams” e o verdadeiro Patch Adams.

Figura 90 - Após uma formação com enfermeiras na filial de Talatona.

Figura 91 - Boletim Informativo da CSE.

Figura 92 - Revista Científica da CSE.

Figura 93 - Com os seus meninos, no dia da Profissão de Fé, na Igreja de Nossa Senhora da Lapa.

Doçura, amor e sapientia: a trilogia da vida de uma professora

José Matias Alves

(Centro de Investigação para o Desenvolvimento Humano – CEDH)

(<http://orcid.org/0000-0002-9490-9957>)

Há uma idade em que se ensina o que se sabe; mas vem em seguida outra, em que se ensina o que não se sabe: isso se chama pesquisar. Vem talvez agora a idade de uma outra experiência, a de desaprender, de deixar trabalhar o remanejamento imprevisível que o esquecimento impõe à sedimentação dos saberes, das culturas, das crenças que atravessamos. Essa experiência tem, creio eu, um nome ilustre e fora de moda, que ousarei tomar aqui sem complexo, na própria encruzilhada de sua etimologia: **Sapientia**: nenhum poder, um pouco de saber, um pouco de sabedoria, e o máximo de sabor possível.

Roland Barthes. Lição

1. Motivo

Como se sabe, este livro tem uma Autora, uma *autoridade na arte de ser humano*. Uma autoridade que começou na infância e nas sucessivas peregrinações. Conheci a Maria do Carmo desde os tempos da *Filipa*, fui sabendo a história maravilhosa que realizou em Mumemo (Moçambique), e toda a atividade que continuou a realizar depois de se aposentar. Ia lendo as suas publicações no *facebook*, e os textos que chegou a escrever no *Católica Porto Educação*. E sabia que a sua história de vida era um ensinamento valioso, um tesouro que não podia ficar escondido debaixo das pedras. Era um imperativo o desafio da escrita, da partilha de um percurso que nos enche de ensinamentos e de alegria.

E daí nasceu o desafio e o convite (como tantas vezes fiz): não quererás, Maria do Carmo, escrever a tua história de vida?

E a resposta foi rápida (com uma pequeníssima hesitação): por que não? Dá-me só algum tempo. E foi dado todo o tempo para que este texto pudesse surgir à luz do dia (e podemos dizer que foi breve na produção, na procura de imagens e estruturação, ainda que a doença a tivesse visitado por abril e maio de 22 e perturbado a finalização da narrativa.).

2. Cartografia de uma paixão docente

Poderíamos dizer que este livro é um mapa de uma paixão polifónica, cedo anunciada e revelada. Apenas com o rigor (e a sensibilidade) do coração seja-me permitido tecer a cartografia de uma paixão que cedo se revelou: a paixão de fazer crescer os outros, a paixão de ensinar, a paixão de unir as pessoas através do conhecimento, do aprender a conhecer, do aprender a saber fazer, a saber ser, saber conviver e a crescer juntos, fazendo lembrar os pilares da educação no célebre livro da UNESCO *Educação – Um tesouro a descobrir*. Esta foi a *carta de marear* que sempre orientou e animou a Maria do Carmo nos dois continentes onde intensamente viveu. E que fez dela um ser humano generoso, autêntico, compassivo, competente, solidário.

Poderia ainda dizer que as narrativas que nos oferece são um intenso fruto de uma dádiva sem fim. Quem faria o que fez em Mumemo (Moçambique)? Quem poderia fazer uma parceria tão grandiosa como a fez com a irmã Susana, justamente em Mumemo? Quem faria o que continua a fazer junto de milhares de falantes da língua portuguesa?

3. O sistema, a pessoa e a agência: elementos de uma sinfonia

A história que nos é aqui revelada, desde a infância até à idade atual (2022) revela uma permanente tensão entre o sistema, a pessoa e poder de agência do ator/autor. Isto é: não obstante o peso das circunstâncias, dos contextos, dos destinos (veja-se o caso do incêndio do moinho, mas há muitos mais...), há sempre uma saída possível para a liberdade, a ousadia e a determinação. Mesmo que a distância vá desde Condeixa, em Coimbra até Angola. O fio condutor das saídas das asfixias e dos labirintos parece-me ser a determinação, a vontade, o sonho (de evoluir, de se desenvolver, de servir). E de acreditar que *sonho comanda a vida, que sempre que uma mulher sonha, o mundo pula e avança*. E são estas realidades que nos animam, que nos fazem ver que outros mundos são possíveis, para além das misérias humanas.

E por isso, é que vejo a vida da Maria do Carmo como uma sinfonia: essa incessante procura de sintonia, de ultrapassagem dos limites sociais, económicos, culturais, de construção de uma vida plena e virtuosa sempre animada pelo amor ao próximo e em particular ao que muito cedo haveria de ser o seu marido e por quem nutriu um carinho, uma afeição, uma ternura, uma admiração, um amor sem fim. Mas, sendo isto verdade,

este amor pessoal nunca a impediu de estender este dom a um círculo muito maior de pessoas de muitos sítios e lugares.

Mas, passemos, então, a enunciar os 10 elementos desta singular sinfonia.

3. 1. A trilogia virtuosa da sapiência: ensinar, ensinar o que não se sabe e desaprender

A citação inicial de Roland Barthes bem pode ilustrar este primeiro e recorrente andamento da sinfonia: ensinar o que se sabe, ensinar o que não se sabe e desaprender para chegar ao estágio da *sapientia*, isto é, do sabor máximo possível [e é bom recordar que saber e sabor não podem deixar estar entrelaçados].

Ensinar o que sabe é fácil. Mas quantas vezes a Maria do Carmo teve de ensinar o que *não sabia*, isto é, teve de procurar, de pesquisar, de refletir, de se auto-iluminar, de se inspirar para fazer aprender os outros. Quantas vezes teve de desaprender o que a oprimia, o que a cercava, o que limitava o desejo de caminhar em direção a um horizonte que ela sabia que haveria de atingir. Quantas vezes teve de esperar que o tempo amadurecesse a possibilidade de progredir. Quantas vezes teve mesmo de inventar a possibilidade.

3. 2. Vocação

Há algo de litúrgico em muitas destas histórias. Chamei *vocação* a este segundo elemento porque quis destacar o seu sentido etimológico. A vocação é um chamamento, *vocare é chamar*. E parece haver, nesta história de vida um chamamento (ou múltiplos chamamentos). Não sabemos quem é o sujeito do chamar (os crentes poderiam pacificamente dizer que o autor é a divindade), mas parece não haver dúvida que há aqui uma força, um apelo interior para *ser tudo em cada coisa, pôr quanto és no mínimo fazes*, uma voz que diz o horizonte e o caminho. E depois há a ação, a determinação, a vontade, a persistência, a resiliência, *os golpes de asa* que tornam os sonhos possíveis.

3. 3. Inteligência sensível

A narradora possui o dom da inteligência (das várias inteligências). Este dom faz com que acredite no valor e no poder do conhecimento. E por isso sempre lutou de forma determinada pelo acesso ao conhecimento. As peripécias que teve de enfrentar

para se licenciar e ser *professora dos grandes* são uma odisséia rara que nos chega a comover.

Porque não basta sentir o chamamento. É preciso *andaimar* esse processo de escala progressiva. E isso só é possível se se aliar o *honesto estudo com a longa experiência misturado*, como nos ensina Luís de Camões.

3. 4. Amor ao próximo

O amor é a força motriz desta vida. O amor ao conhecimento, o amor aos outros, o amor aos *deserdados* (as histórias ligadas ao tempo de Mumemo são paradigmáticas a este propósito – pois quem é a professora que despende milhares de euros do seu próprio bolso para construir uma habitação digna para voluntários que queiram graciosamente ajudar a acolher, cuidar e formar milhares de moçambicanos que ficaram sem nada fruto de grandes cheias ocorridas a norte de Maputo?).

O amor, pois. O amor à vida, afinal. Aos seres humanos.

3. 5. Amor ao conhecimento (o triângulo pedagógico)

Já referimos que o amor é a força motriz desta narrativa. Mas gostaria de destacar o amor ao conhecimento como um elemento vital. O conhecimento liberta. O conhecimento emancipa. O conhecimento aumenta a possibilidade de transformação, de ajuda, de serviço, de dádiva. E esta é uma das lições maiores deste livro e desta vida maravilhosa. O engenho que teve de colocar para conseguir os livros por onde tinha de estudar. O gesto humanitário do proprietário da livraria Almedina (que aqui destaco como gesto invulgar de humanidade solidária) são bem o exemplo deste amor que gera depois uma competência plural nos modos de ser professora, ser diretora de escola, ser autora, ser criadora.

3. 6. A compaixão

Como assinala João Lobo Antunes numa resposta a uma entrevista - *Uma palavra que usa muitas vezes é “compaixão”*.

“- Compasio é mais do que a simples empatia, vai mais fundo. E cada vez mais interessa às neurociências, pois parece que o nosso cérebro está equipado para sentir compaixão, ou seja, para viver o sofrimento do outro. Apesar do progresso, e ainda mais

numa especialidade altamente tecnológica como a minha, nunca vi, não conheço arma nenhuma, de qualquer natureza, seja medicamentosa seja instrumental, que faça anular a necessidade da compaixão.”

E esta *compassividade, esta pedagogia da compaixão* é um ingrediente fundamental desta vida narrada. Como escrevi noutra contexto:

Há uma pedagogia da emoção que é preciso redescobrir no tempo da aridez tecnocrática. Há uma pedagogia da compaixão que é preciso acender na escuridão dos formalismos estéreis. Na selva da competição. Na angústia dos exames, das provas globais, do acesso ao ensino superior. No acesso a coisa nenhuma.

Há uma comunidade de afetos a construir no império sombrio das regras burocráticas que decretam a igualdade formal e a excelência das soluções universais. (Alves, 2016)

Este livro que tive o prazer de promover e editar é a prova e a esperança de que outro mundo é possível. Na condição de, à escala global, haver mecanismos eficazes de combate à barbárie.

3. 7. A procura incessante

Outro dos traços marcantes da história desta professora singular é a incessante procura de respostas para os problemas. Como referia Karl Popper, "viver é resolver problemas". É isso que é decisivo. O mundo põe problemas à vida. Ao mesmo tempo a vida é o pressuposto do problema, o pressuposto para o facto de haver problemas. (...) E as teorias que colocamos no mundo são tentativas de resolução de problemas.”

As histórias de vida que teremos oportunidade de ler são teorias e práticas de resolução de problemas da mais diversa natureza: da ignorância, da pobreza, da sobrevivência. E é, em larga medida, isto que faz desta vida uma dádiva de humanidade.

3. 8. A dádiva

Também já se sabe. “Quanto mais te dava, mais tinha para te dar” escrevia Eugénio de Andrade, no seu doloroso poema de separação “Adeus”. Mas estas são histórias de encontros, de gratidão e de dádiva. Que cresce na medida da doação. E esta é, também, uma lição maior do ser professora: a de doar conhecimentos e afetos, doar tempos de proximidade e encontro. Estes também são os gestos da comunhão que faz

a docência. E as marcas da eternidade do professor que fica para sempre na memória daqueles que transformou.

3. 9. A alegria de ensinar

Dizia Rubem Alves, no seu livro *Alegria de Ensinar* que “ensinar é um exercício de imortalidade, porque o professor continua a morar no olhar dos seus alunos”. E Santos Guerra prolonga esta mensagem, referindo

É necessário, em tempos de adversidade, procurar motivos que alimentem o entusiasmo. Jean Dean disse que um dos elementos de estímulo profissional para os docentes é a repercussão positiva que a docência tem nos alunos e que estes expressam, por vezes, de forma precisa e emocionada. Poucas profissões oferecem um tipo de compensações tão belas, tão profundas e tão ricas. Não é em vão que o professor trabalha com as ideias, com os sentimentos, com as atitudes, com os valores, com as expectativas, com as ilusões ... (p. 55).

Ora, aqui encontramos muitos motivos de entusiasmo e de alegria que faz do professor “o primeiro de todos os ofícios”, como também reconhecia Pierre Bourdieu (1985).

3. 10. A aprendizagem sem fim

Como última nota desta cartografia, refira-se a presença recorrente de um campo essencial ao ser professor: a aprendizagem permanente, a aprendizagem sem fim. E como é que se aprende? Pensando, refletindo sobre os obstáculos e os desafios, lendo, interagindo com pares do mesmo ofício para procurar as melhores soluções para os problemas. E também desaprendendo o que demonstrou ser um caminho inadequado.

E é esta atitude, esta humildade, esta ação reflexiva, esta aprendizagem permanente que fazem da docência uma atividade imprescindível para a construção de um futuro melhor.

4. Conclusão: um permanente exercício de humanidade

Esta narrativa de tantas partes e capítulos é, pois, uma odisséia de um ser humano extraordinário: sensível, generoso, competente, compassivo. Um ser humano com uma notável capacidade de doação, uma liderança servidora sem limites e sem fronteiras. Como também dizia João Lobo Antunes (2015) “por isso, mais do que uma mudança

sofri uma evolução, que introduziu outra doçura na relação com as pessoas”. Esta é uma vida cheia de doçuras.

Neste tempo tão cruel que vivemos precisamos destes exemplos de humanidade, destes faróis que iluminam as noites da perdição. E que não permitem o egocentrismo e a indiferença. A narradora é o sal da terra e a luz da humanidade. Como amigo e como leitor aqui deixo inscrito este testemunho para memória futura.

Referências

Alves, J. M. (2016), Uma pedagogia da compaixão, *Vozes à Solta*. Porto: Afrontamento. Pp. 159-166

Alves, R. (2003). *A alegria de ensinar*. Porto: Edições Asa

Antunes, J. L. (2015) João Lobo Antunes: “O pessimismo é uma profecia que se cumpre”. Entrevista ao Expresso, 31 de dezembro

Bourdieu, P./College de France (1985). Propostas para o ensino do futuro. *Cadernos de Ciências Sociais*, n.º 5,

Guerra, M. S. (2002). *Uma pedagogia da libertação*. Porto: Edições ASA

PARTE 1 - OS PRINCÍPIOS DE TUDO



Capítulo 1: Primeira infância e a importância das sinestésias.

Quando lhe perguntaram se queria partilhar a sua vida de professora, o seu gosto por ensinar, aquilo a que havia quem chamasse paixão, ela hesitou. Não porque seja introvertida ou tímida, mas porque, para ser fiel à resposta a dar, teria de se despir de muitas camadas para chegar ao dia de hoje.

Mas a verdade é que, ao chegar a esta etapa da vida, com “dois carros” de anos, como diria Camilo Castelo Branco, ela considerava útil e até necessário fazer o balanço da sua vida. Talvez para colmatar algo que ficou por fazer... ou até iluminar facetas que só a escrita revela no seu poder poético.

Afinal, a vida já a levava a fazer este exercício várias vezes, mas consegue-se ir cada vez mais fundo e, agora, ela dava por si a pensar: Porquê? Como? Quando?

E o núcleo da questão é sempre o mesmo: ser professora ou, mais do que isso, ser professora-aprendiz, ensinar, aprender para ensinar, partilhar o que sabia, aprender dos outros e com os outros.

E no fim deste exercício de revista ao seu passado, poder juntar um contributo: dar aos jovens a certeza de que tudo se consegue quando realmente se quer.

Nasceu dentro de uma família pobre, de moleiros, a mãe não sabia ler nem escrever porque teve o azar de, entre oito irmãos, ter nascido na altura ideal para tomar conta dos cinco que a precediam.

Não encontrou muitas fotografias da família, a mais antiga é mesma esta, em que deveriam ter ido a Condeixa-a-Nova de propósito para fazer uma foto de família. (Fig.1)



Fig.1 - Em 1945, fotografia tirada na Foto Delfim Ferreira,, em Condeixa-a-Nova.

Nela, os pais teriam menos de 30 anos, ela tinha três e o irmão só tinha um ano de idade. O pai, último de oito filhos, frequentou a escola até fazer a terceira classe, que era o então exigido (quando era...) para os rapazes. Era o primeiro grau.

Ninguém tivera mais do que essa terceira classe na família, incluindo uma das irmãs da mãe, mais nova, e que foi a única criança do sexo feminino, de um lado e do outro da sua ilustre ancestralidade, a ter frequentado a Escola.

Foi para a escola da aldeia, Vila Pouca de Cernache, com sete anos acabadinhos de fazer anos, o pai já lhe tinha comprado o livro da primeira classe, porque ela o começara a pedir logo que foi matriculada. Não teria sido, pois, por abundância de fundos, mas para ela o deixar em paz. Sempre foi muito persistente. Durante aqueles longos três meses até começarem as aulas, ela “leu” e “releu” o livro em todas as suas páginas. A começar nas das letras grandes, inventando contos, enredos e coisas quejandas a partir das imagens.

Nunca se conseguiu lembrar de quem e como aprendera as vogais, a tanto não lhe chega a memória, mas a verdade é que as sabia, reconhecia-as no livro e, ao pronunciá-las, acontecia-lhe uma coisa que ela julgava ser comum a todas as pessoas: elas tinham cor e exprimiam sensações. O que acontecia – e que acontece - é que o A é branco e frio, o E é verde e fresco, o I é amarelo e estridente, o O é castanho, redondo e morno, o U é roxo e parece sempre longe, além de lhe lembrar a procissão do Senhor dos Passos que tinha visto na Quaresma daquele ano em Condeixa.

A vida era dura e ela, aos seis anos, nunca tinha tido uma boneca, nem sequer uma daquelas feitas de pasta de papel, que se compravam nas feiras, e algumas com os braços colados ao corpo. E as outras, em que os braços saíam de uns buracos do tronco, e se moviam, assim como as pernas. Dessa altura, lembra-se até de ouvir a mãe dizer que na Feira dos 23, em Coimbra, vira uma boneca quase do seu tamanho e que dizia Papá e Mamã. Aliás, ela só veio a ter uma boneca quando o seu filho mais velho lhe ofereceu com dinheiro do seu primeiro ordenado... (Fig. 2) .



Fig.2 - A boneca oferecida pelo filho.

Curiosamente, tem que reconhecer que, aos seis anos, não sentira tanto a falta da boneca como veio a sentir mais tarde, quando percebeu que não tivera esse mimo da infância, quando soube o que era suposto ser criança. Mas julga hoje que foi por isso mesmo que se concentrou no livro, nos livros. Não sabia ler as letras pequenas? E onde estava o problema? Não sabia, inventava, a partir das imagens. Mas em breve estava em Outubro, começou a escola, como se dizia, e começou igualmente o seu caso com a professora por causa das vogais. Naquele tempo, (ela lembra que corria o ano de 1949) as professoras tinham as quatro classes ao mesmo tempo e depois de umas breves revisões aos “efectivos”, voltou-se para a dúzia ou pouco mais de “estagiários”, os da primeira classe, a que ela pertencia E, aparentemente, não sabiam o que eram sinestésias! Nem eles, nem a professora...

A professora a mostrar a letra, a desenhá-la no quadro, a pronunciá-la e a cachopita, de tranças e sapatos de lona castanha, põe a mão no ar – como tinha visto os outros fazer, os mais velhos – e diz apressadamente, antes que a mandem calar, as vogais todas mais os seus predicados de cores e texturas, tal e qual como ela as via. Essa exibição não requerida valeu-lhe, da parte da professora, uma cara fechada e umas sobrelhas quase juntas que ela também soube ler...

Entretanto, ainda nas primeiras semanas de aulas a professora perguntou aos mais pequenos o que queriam ser. Os horizontes eram estreitos: os rapazes queriam ser

carpinteiros, marceneiros, electricistas, qualquer coisa que os afastasse da enxada mas ela nunca se esqueceu de que o Alcides, seu vizinho, queria ser guarda-livros e que alguns se riram dele quando o disse.

- “Não querias mais nada? E andar de carro?”

As meninas, poucas, queriam ser costureiras, trabalhar em padarias e no campo.

Mas quando chegou a sua vez, ela “ouveu-se” a dizer:

- Eu quero ser professora de grandes.

- Queres ser o quê? Professora de grandes? O que é isso?

- Quero ser professora, mas não quero ser professora de cachopos.

Estranhamente ou não, desta vez a professora não lhe disse mais nada, mas chamou lá o pai, que ficou a saber que a filha via cores e outras coisas nas letras e palavras e queria ser professora, mas não professora primária. Era caso para ele ficar preocupado...

Capítulo 2: O incêndio no moinho.

Entretanto, pouco depois deste incidente, algo de muito mais preocupante aconteceu que fez esquecer tudo o resto. O pai tinha electrificado o moinho, depois de anos sucessivos de secas, porque, de facto, águas paradas não movem moinhos. Tinha-o feito num assomo de desafio perante a dependência do rio, tinha gasto o que tinha e o que não tinha: vira-se obrigado a pedir dinheiro emprestado. Mas não estava arrependido, as coisas estavam a correr bem, valia o sacrifício, porque moía todo o milho e o pouco trigo que os fregueses lhe entregavam, quer houvesse ou não houvesse água a correr por debaixo da casa. Casa que estava, de facto, construída sobre um rio, pequeno embora, logo, num sítio baixo. O transporte do grão e a devolução da farinha era feita de carroça, puxada por uma mula que parecia enorme aos olhos da pequena e do irmão mais novo dois anos que já tinha. Mesmo assim, entre o moinho e a estrada que levava a Cernache (e depois, conforme os dias, para os lados de Coimbra ou para os de Condeixa) era preciso ajudar a mula a subir uma ladeira íngreme e a mãe das crianças ajudava, com o pai, a empurrar para contrabalançar o declive.

Saíam de madrugada e os miúdos ficavam no quente da cama, ainda a dormir ou à espera que a mãe voltasse e lhes desse o café com boroa. Boroa: ora ali estava uma coisa que nunca faltava em casa de moleiro: boroa e papas, alimentícias e saciantes!

Foi numa dessas madrugadas que ela nunca esqueceria, que um cheiro estranho, metálico, que ainda hoje consegue reconstruir no olfacto, invadiu a casa, ao mesmo tempo que se viam línguas de fogo por todo o lado, como se uma trovoada tivesse rebentado dentro de casa.

Era um cheiro a metal queimado e nos seus sete anos recém-completados, ela saltou da cama e começou a gritar: os motores estavam a arder e deles saíam faíscas com um som quase inaudível. Como naquela casa e naquele tempo não havia conversas privadas, ela sabia o que aquele incêndio significava e tomou consciência imediata do drama que se desenrolava perante os seus olhos infantis.

Entretanto, já havia chamas altas e isso e os seus gritos fizeram com que os pais voltassem a correr e deixassem, no seu desespero, a mula vir, às arrecuas, por ali abaixo, a ganhar cada vez mais velocidade, até parar ferida e com muitos ossos quebrados, incapaz de continuar a viver, os pedaços da carroça espalhados, juntamente com os poucos sacos de farinha que tinham escapado durante a descida.

Para encurtar desgraças, basta dizer que a família ficou na miséria: além de o moinho ter ficado inutilizado, não havia possibilidades de pagar a dívida que tinha sido contraída. Passaram um mês, talvez, embrenhados na infelicidade, até que o pai se lembrou de que tinha três cunhados em Angola, em Luanda, e constava que viviam bem. Encheu-se de coragem e escreveu ao mais velho a pedir que lhe mandasse uma “carta de chamada”, isto é, uma carta a garantir que, quando ele chegasse a Luanda teria emprego. Sem essa bendita carta de chamada não era permitido emigrar para lá, para aquilo que também se afirmava a todo o mundo ser Portugal... A não ser que se tivesse dinheiro para montar um negócio. E lá foram todos juntos, os quatro.

Tiraram-lhe uma fotografia com o irmão e o primito mais velho, para deixar uma recordação à irmã da mãe. (Fig.3)



Fig.3 - 1950, fins de Fevereiro, com o irmão José e o primo Américo, antes de partirem para a Angola

PARTE 2: ANGOLA



Capítulo 1: A primeira escola e a vida no Marçal.

Chegaram a Luanda no dia 14 de Março de 1950. O seu futuro de “professora de grandes” sofreu um ligeiro atraso, por dois motivos: primeiro, porque no meio das aflições, os pais não tinham levado nenhum documento a provar que ela já frequentava a escola. Embora, na verdade, isso pouco tivesse adiantado, porque o ano lectivo, em Angola, (segundo motivo) nessa altura e muito sensatamente, começava em Fevereiro/Março. Era o que as duas estações do ano, a das chuvas e a do cacimbo, determinavam como mais adequado.

Portanto, a menina foi outra vez para a primeira classe na escola da Missão de S. Paulo, perto do musseque Marçal.(Fig.4) Afinal, o tal tio mais velho, era solteirão, tinha uma loja no musseque, já fora da orla da cidade, e uma grande horta a cerca de 11 quilómetros de distância, onde cultivava frutas e legumes para fornecer os vendedores do mercado da Baixa, o velho mercado da Caponta, coberto de chapas de zinco, que abanavam com qualquer aragem. Ainda nem sequer estava em construção aquele que haveria de se tornar o quase lendário Mercado de Quinaxixe, no Largo da Maria da Fonte, que teve esse nome entre outros.



Fig.4 - A Igreja da Missão de S. Paulo, cujas salas de aula se situavam à esquerda da foto, e onde se casou em 1963.

Só que essa horta estava muito desleixada, por falta de pessoal competente e interessado. Evidentemente que o cunhado, ainda por cima numa situação de

necessidade, tinha vindo mesmo a calhar!. Lembra-se claramente (porque às vezes até sonha com elas) das muitas mangueiras, mamoeiros e papaieiras, fruta-pinha (aqui chamada anona), sape-sape e abacates que havia na horta que o pai cultivava. Os cajus eram abundantes mas não se cultivavam nem compravam. Era só apanhá-los. Recorda com água na boca o cheirinho que deixavam quando se guardavam no frigorífico, que lá se chamava geleira. E que não funcionava a electricidade, mas sim a petróleo!

O pai dela começou a ter muito gosto pela agricultura e como havia água com fartura, as verduras que ele cultivava eram do melhor que se vendia no mercado. Um dia resolveu construir um pequeno tanque, rectangular, aí com uns 30cm de altura, e semeou agriões, coisa que não havia por lá. Foi um grande sucesso! O pior é que, provavelmente com a semente do agrião, teria ido um ovo de lesma e quando apareceu a primeira, acharam tanta graça que a deixaram viver. Só que, daí a pouco tempo, tinha-se transformado em tal praga que tinham que andar de noite, com lanternas, a dar cabo delas.

Como no tal sítio da horta, que nem nome tinha e era designado por Quilómetro 10 e meio, não havia escola, ela tinha mesmo que ficar em casa desse tio. Dizia-se que a horta ficava situada no Quilómetro 10 e meio porque era em frente da linha férrea Luanda-Cacuaco e estava a 500 metros do apeadeiro que tinha o nome oficial de Quilómetro 11.

Quem tratava dela durante a semana na cidade era uma senhora negra, chamada Domingas, a lavadeira lá de casa e que todas as manhãs lá ia dar-lhe um banho bem escarolado, de água fria, num chuveiro improvisado num regador, esfregando-a literalmente de centímetro a centímetro, com as suas belas mãos de dedos compridos e palmas muito brancas. Tinha um cuidado especial com o pescoço e as orelhas e ainda hoje ela é capaz de recriar o que sentia nos cotovelos quando os braços eram esfregados. Também era a Domingas que lhe fazia as tranças, a vestia e lhe tratava da roupa, o que não dava muito trabalho porque era pouca e porque ela não a sujava, pois não tinha com quem brincar.

Ah, senhora professora, apanhei-a a mentir nestas suas memórias: então e a Fátima, aquela vizinha do lado detrás do muro da casa, a que trocava consigo maçãs da índia por tamarindos? Aquela cuja mãe fumava cigarros grossos com a ponta acesa

metida na boca? Aquela que depois deixou a filha ir consigo para a escola da Missão? Já se lembra? (Fig. 5).



Fig.5 - Maçãs da Índia e tamarindos (foto da direita)

Claro que se lembra, foi realmente a sua primeira amiga, e as duas também comeram muitas vezes juntas os frutinhas minúsculos das mulembeiras. Será que a Fátima também se lembra?

Nesse ano lectivo, oficialmente na primeira classe, frequentou, de facto, a segunda e no ano seguinte fez a segunda e a terceira num ano.

Capítulo 2: Como começou o enredo.

No ano lectivo de 1952 houve uma alteração no seu percurso escolar: foi frequentar a 4.ª classe no Colégio de S. José de Cluny, colégio caro e privado que aceitava, de graça, uma estreita quota de “boas alunas” que fossem recomendadas. Ainda hoje não sabe quem a recomendou, embora suspeite que ali houve mão do tio que, por interposta pessoa, o conseguiu.

Só na 4.ª classe se deu conta de que talvez visse mal, mas não o sabia ao certo, porque, na verdade, nunca tinha visto bem. Deu por isso quando tinha Geografia, pois era-lhe muito difícil ler os mapas. Mesmo assim, era muito boa aluna e bem comportada, ainda que nunca tivesse sido agraciada senão com a medalhita de Aplicação, pendurada na fita azul estreitinha, pregada na bata com um alfinete. As fitas largas, cor de rosa e azuis, de bom comportamento e aproveitamento, assim como a vermelha, de distinção, que se usavam traçadas como as faixas das misses, eram só para as meninas que pagavam. Sente-se um tanto ingrata ao descrever assim aquele tempo no Colégio, mas está apenas a ser verdadeira: as crianças têm um sentido apurado para as injustiças e também memória de elefante.

Ora um dia, a professora da 4.ª classe, que não era freira e se chamava D. Magda, disse, logo no princípio da aula:

- Hoje, vocês, quando forem almoçar, perguntem aos vossos pais se vão continuar a estudar ou não. Quem for continuar a estudar tem que fazer o exame de admissão ao Liceu e eu tenho que vos preparar para isso. Quem não for, faz o exame da 4.ª classe para ficar com um diplomazinho, pois pode ser preciso para um dia arranjar um emprego no Estado.

As palavras ainda estão tão frescas na sua memória como se as tivesse acabado de ouvir. Mas o facto de as recordar com tanta precisão não quer dizer que ela tivesse feito o que lhe fora pedido: foi almoçar, ainda nem havia a Avenida dos Combatentes que estavam apenas a abrir, estavam a montar aqueles grandes tubos do saneamento, havia muita lama, teve de ir a correr como de costume, mas não disse nada a ninguém, nem perguntou nada.

Tinha 10 anos e, à tarde, quando chegou a sua vez de responder à professora a dar a resposta “dos pais”, “ouveu-se” a dizer:

- Eu vou fazer a admissão. Vou continuar a estudar.

E a D. Magda, que sabia da situação económica daquela aluna e, tal como se tinha apresentado no primeiro dia de aulas, quando disse “que era má, até o tinha no nome”, insistiu:

- Perguntaste aos teus pais? Tens a certeza?
- Tenho, sim, senhora professora. Eu perguntei ao meu pai.
- Conta-me lá o que é que ele disse?
- Ele disse que eu que era muito inteligente e que ia continuar a estudar.

Pronto. Estava feito. E ela não poderia ter perguntado aos pais porque naquele tempo ia almoçar a casa do tio no Marçal. Os pais já estavam estabelecidos no mais pobre e sujo musseque de Luanda, o Sambizanga, mas era longe para ir lá almoçar. Ainda se lembra de que naquele dia de Janeiro de 1953, quando fez o exame de admissão, e voltava do Liceu Nacional Salvador Correia, choveu muito e quando voltava para casa, por acaso numa parte nova da cidade, já acima das Barrocas, tinha de passar pelo Cemitério do Alto das Cruzes, vulgarmente conhecido como Cemitério Velho. Para voltar para casa tinha que percorrer um longo caminho, de quilómetros, a pé, e já era lusco-fusco, quando, sozinha, passou em frente do cemitério. Naquele tempo este tinha grandes portões de grades. Como tinha chovido e estava muito calor, havia fogos-fátuos, mas a menina não sabia o que era e ficou muito assustada. Via luzinhas muito ténues, com um tom azulado no meio, que vinham da terra e rapidamente se apagavam. Correu, correu, até chegar a casa sem fôlego e sem o seu Bilhete de Identidade. (Fig. 6)



Fig.6 - Foto do Bilhete de identidade.

Tinha ido fazer exame de admissão ao liceu, tinha passado, ninguém pôs sequer a questão de ela ter passado ou não, mas ela também não disse nada aos pais! Disse que tinha ido fazer exame tout court. No dia seguinte, começou a trabalhar na loja e a tomar conta de um irmãozito que tinha nascido em Setembro de 1952.

Capítulo 3: E a vida continuou, a trabalhar em casa.

A vida seguiu o seu curso: entretanto os pais voltaram a mudar, agora para aquela loja no Musseque Marçal que tinham tomado de trespasse ao seu tio mais velho, por 105 contos, que deveriam ser pagos em prestações mensais de cinco contos.. Estavam a subir na hierarquia dos bairros da Luanda periférica e nas preocupações financeiras... Conseguir tirar cinco contos por mês dos apuros da loja não era tarefa fácil. Até ela o sabia!

Aquela prestação era muito elevada, para aquela altura, e a loja nunca fechava, trabalhava-se 24 horas sobre 24, a família (pai, mãe, ela e um empregado que ainda era familiar do pai) trabalhava por turnos. Ela fazia parte do turno da manhã e, desde que mudaram para lá, levantava-se muito cedo e ia, com um rapazito negro mais ou menos da mesma idade, buscar pão à Padaria Lafonense, em frente à parede lateral do velho Cinema Colonial e ao lado do depauperado hotel Majestic, para os fregueses que iam à loja antes de ir trabalhar, beber uma caneca de café e comer um pão com manteiga.

(Fig. 7)



Fig.7 - O Hotel Majestic, quando ainda se podia ver...

Cada um trazia, ela e o rapazito, às costas, 80 pães. E à noite, antes de se deitar, a sua tarefa era fazer pequeníssimos e numerosos embrulhos de papel vegetal (um luxo!), onde colava um pedacito de manteiga, para acompanhar o pão do dia seguinte. E ela sempre muito caladinha, a embalar o sonho de vir a ser professora de grandes. Diz que sabia, que de alguma forma sabia, que ainda não tinha chegado a hora de pedir para voltar a estudar.

A verdade é que ela tinha tido uma sorte imensa, que nunca se cansa de agradecer: o seu pai comprava livros usados para serem usados como papel de embrulho. Ficava mais barato, o que é um belo diploma para a nossa literacia... Cada vez que rasgava uma folha, parecia-lhe que qualquer coisa lhe doía. Começou a tirar livros do monte, a escondê-los debaixo da cama e a lê-los à noite, acendendo um candeeiro de petróleo. Foi assim que leu os Miseráveis, O Conde de Monte Cristo, Jane Eire, O Rosário, a Princesinha, O Pequeno Lorde, o Monte dos Vendavais, Orgulho e Preconceito, David Copperfield, OliverTwist, História de Duas Cidades, Grandes Esperanças, Contos de Natal (estes todos de Charles Dickens) A Cabana do Pai Tomás, O Caçador de Veados, a Eneida (!), a Bíblia (mesmo em papel bíblia, muito fininho, que parecia desfazer-se com qualquer gesto mais brusco mas da qual só leu, naquela altura, o Génesis e o Êxodo, e alguns livros, como o Livro de Rute e o de Job). Interessante, mais tarde, na Faculdade um Professor catedrático disse que ninguém perceberia Literatura se não tivesse lido a Bíblia e que o Livro de Rute era o primeiro romance de amor.

Capítulo 4: As cartas para os colonos.

Quando depois estudou Filosofia no Liceu e “se encontrou” com a Alegoria da Caverna, de Platão, percebeu-a melhor do que ninguém: ela tinha tido sempre uma noção claríssima de que vivia num buraco, numa caverna, e que só pela Educação, pela Cultura, conseguiria sair dela. Não sabia como o sabia, mas sabia. Nunca teve dúvidas de que iria continuar a estudar e haveria de ser professora de grandes.

Até porque, aos 11 ano, teve mesmo de ser professora de um grande!

A família tinha dado um grande passo na sua situação económica e, do mais pobre e atribulado musseque de Luanda, o da Sambizanga, tinham mudado para o Musseque Marçal, como ela já contou, onde desembocava a belíssima Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, ao encontrar-se com a Avenida Brasil. Do lado de lá, estavam na zona suburbana. É claro que o trabalho agora era mais exigente: o pai dela tinha construído uma série de anexos no quintal para alojar hóspedes. Eram os emigrantes da década de 50 do século passado, cavadores de enxada quase todos, analfabetos na sua maior parte. Comiam e dormiam a preços económicos, porque as condições eram muito pouco exigentes.

Aqueles colonos, como se chamavam, que iam daqui e que normalmente eram lavradores, cavadores etc., quando atravessavam o Equador passavam a ter uma profissão: a maior parte seriam pedreiros, outros carpinteiros, marceneiros... Eles realizavam, automaticamente, os seus sonhos, porque chegavam a Angola e havia tanta falta de trabalhadores com iniciativa e vontade de trabalhar, que eles arranjavam emprego imediatamente. Foi assim que muitos fizeram fortuna, se eram trabalhadores, despachados, porque em breve passavam a encarregados de obras, depois montavam o seu próprio negócio e lá iam singrando. Eram quase todos analfabetos, sabiam assinar o nome e mais nada, e uma das coisas que ela detestava, quando era mais pequena, era escrever-lhes e ler-lhes as cartas de e para a família. A partir da segunda classe, era um castigo de fim de tarde, porque os fins-de-semana ia passá-los com os pais.

Desse tempo de escritora de cartas, recorda, talvez já na terceira ou na quarta classe, de um hóspede que tinha sido mineiro nas minas da Panasqueira. O seu maior orgulho era ser primo de uma grande acordeonista, Eugénia Lima, e ele próprio também tocava acordeão. Tinha mulher e filhas na terra e ela lembra-se de o ver a olhar saudosamente para uma fotografia, enquanto lhe ditava a carta semanal. A esposa dele,

coitada, era feia como o pecado, com um enorme papo no pescoço provocado por bócio. Mas quem o visse a olhar para a fotografia pensaria que ele estava a apreciar a maior beleza do mundo! Numa tarde de sábado, (o que quer dizer que já viviam no Marçal), pegou na caneta e no papel e lá foi para debaixo do tamarindeiro, para a sua penitência. E diz-lhe o senhor Joaquim:

- Escreve lá os princípios que eu já falo.

E ela lá começou: “Querida Felicidade, espero que ao receberes esta carta estejas bem de saúde na companhia das nossas queridas filhas, que eu, ao ditar esta, estou bem, graças a Deus”

Entretanto, ele começou a falar: “Felicidade, querida Felicidade, este mundo é um vale de enganos. Ai se eu soubesse o que sei hoje, Felicidade, eu nunca tinha saído de ao pé de vós. Se tu soubesses, minha querida mulher, aquilo que por aqui passo, penso que me vinhas buscar, tanta pena eu mereço. (E mais uns lamentos que não recorda tão bem).

Ela, julgando que ele estava a ditar, ia escrevendo, até que ele parou e disse:

- Bem, vamos lá continuar a carta. Já escreveste os princípios?

Responde-lhe ela: Os princípios? Mas então o sr. Joaquim já não ditou a carta? Eu já escrevi.

- Escreveste o quê?

E ela leu: “Querida Felicidade, espero que ao receberes esta carta estejas bem de saúde na companhia das nossas queridas filhas, que eu, ao ditar esta estou bem, graças a Deus.

Felicidade, querida Felicidade, este mundo é um vale de enganos. Ai se eu soubesse o que sei hoje, Felicidade, eu nunca tinha saído de ao pé de vós. Se tu soubesses, minha querida mulher, aquilo que por aqui passo, penso que me vinhas buscar, tanta pena eu mereço. Etc. e tal.”

Ele olhou longamente para a escriturária, até ela começar a ficar inquieta e, suspirando, disse-lhe:

- Olha, deixa estar que isso é tudo verdade. Põe agora a parte do fim.

Que era, como se adivinha, “ Mais uma vez desejo que estejam bem, com saúde e vos mando muitos beijos e saudades”.

As vezes que ela escreveu e leu cartas a estes pobres que não sabiam ler!

Capítulo 5: A Luanda do seu tempo: as pessoas com quem cresceu.

Naquele tempo, havia muito mais solidariedade e confiança entre as pessoas. Por exemplo, apesar da pouca idade, lembra-se de saber que podia acontecer o seguinte: um comerciante precisava de mandar 40 contos para Malanje, para pagar a um produtor de batata. O que é que ele fazia? Ia para a saída da estrada de Catete, punha-se à espera de um camionista e se ele fosse para Malanje, pedia-lhe que levasse o dinheiro e o entregasse ao destinatário. Não se recorda de alguma queixa de essas quantias ou ainda maiores, não terem sido entregues às pessoas a quem se destinavam. Aliás, em 1963 foi assim que ela enviou para Malanje as suas malas com o pequeno enxoval e presentes que lhe tinham dado.

Sem ser na escola, não convivia com outras crianças brancas fora da família. Não havia mais brancos por ali, além dos hóspedes, e não se lembro de lhes ter sentido a falta. A sua Luanda de então, o seu povo, eram a Fátima, o Jumbo, a Rute, o Raimundo, a Mãe Jejuína, a Velha Mabunda, o Benjamim, a Vitória, o sr. Mário, caboclo cabo-verdiano. Foram os negros com quem viveu no Musseque Marçal, lado a lado, até casar. Foi a Vitória que lhe ensinou a fazer croché, foi a Velha Mabunda que lhe explicou a puberdade, foi a Fátima que partilhou sempre com ela as maçãs da Índia e os doces de ginguba. E ela “roubava” vales de água para a Fátima dar à mãe, viviam mesmo atrás do muro do quintal, eram donas únicas de uma macieira da Índia e de um tamarindeiro.

Por essa altura, um dos antigos hóspedes, lá dos lados da terra do seu pai, tinha ido trabalhar para o Úcuá, na Roça Santa Luzia e vivia com uma senhora chamada D. Margarida. O Sr. Pires, de seu nome, apanhou uma doença grave e vieram os dois para Luanda: ele para o hospital e ela para casa dos pais da futura professora. Era uma mulher seca, que nunca sorria e que passava todo o tempo livre a fazer tricô a uma velocidade que à garota parecia inatingível. A outra ocupação era fazer comida, à base de bacalhau e muito azeite, que cozinhava e levava ao Sr. Pires, ao hospital. Ela olhava para a senhora, e ficava ali à espera que a D. Margarida lhe perguntasse se ela não queria aprender. Afinal, ela estava de favor em casa dos seus pais que, além do mais, lhe forneciam os víveres para ela cozinhar para o doente... Mas como a D. Margarida nunca se chegasse ao ponto, um dia encheu-se de coragem e pediu-lhe:

- D. Margarida, ensina-me a fazer tricô, se faz favor?

Resposta: - Era o que me faltava! Aprende que a mim ninguém me ensinou!

Com aquela ideia de que os mais velhos deviam ser respeitados e que eram os donos da verdade, não disse nada aos pais da resposta daquela mal-agraçada, mas não desistiu. Foi ter com o seu vizinho do lado esquerdo, o Sr. Mário, o tal cabo-verdiano que arranjava e alugava bicicletas, e pediu-lhe que lhe desse dois raios de bicicleta. Depois de os ter na mão, fez como o frade da sopa de pedra e pediu-lhe que lhes fizesse uma barbela. É claro que teve de explicar ao sr. Mário o que era uma barbela, mas ele lá fez o que ela pedia. Munida de um novelo que já não sabe como conseguiu e das suas agulhas de raios de bicicleta, postou-se à frente da D. Margarida e daí a umas três semanas, já tricotava. Com um problema: aprendeu a tricotar em espelho, porque estava à frente dela. No entanto, o resultado saía direito!

Mais tarde, já em Portugal, quando tricotava na praia, para preparar os agasalhos de inverno para os filhos, algumas vezes uma ou outra senhora vinha ter com ela e dizia:

- A senhora está a tricotar ao contrário!

Ela mostrava o trabalho e, com um sorriso, respondia: - Mas o resultado sai direito!

Nunca conseguiu habituar-se a fazer “direito”. E demorou muito tempo a aprender. Por isso é que ela sabe que é tão importante haver quem nos ensine, ensine bem e com gosto!

Capítulo 6: O primeiro aluno grande – e bem grande!

Com esses hóspedes brancos, às vezes sobrava comida, de que os vizinhos, especialmente a velha Mabunda e a Velha Jejuína, se tornaram clientes privilegiados, até no preço, a maior parte das vezes, grátis. Eram boas vizinhas. E foi assim que, além do pequeno almoço, de manhã, a que se chamava “mata-bicho”, e cujos clientes eram só negros e mestiços, a família começou, a pedido dos fregueses, a servir também almoço e jantar, com um menu que só mudava na noite de Natal: num dia era massa com carne ao almoço e arroz com peixe frito ao jantar e no dia seguinte era ao contrário: peixe ao almoço, carne ao jantar. Para os clientes certos, na noite de Natal, batatas com bacalhau, couves e o resto, ao mesmo preço de todos os dias.

Para movimentar aquele negócio o pai precisava de comprar uma carrinha, daquelas de caixa aberta, para ir buscar os produtos ao mercado. Ter uma carrinha significava a necessidade de ter carta de condução e ele só tinha a 3.ª classe. Mas, tal como a Terra se move, também as exigências se tinham movido para a frente e, naquela altura, a habilitação literária exigida era a 4.ª classe, o exame do segundo grau. Após várias tentativas frustradas de fazer o exame frequentando aulas nocturnas, em escolas para adultos, dedicadas a esta finalidade, um dia o pai muniu-se de vários exemplares de exames-tipo, olhou para a filha e disse:

- Quem me vai ensinar és tu!

Nem por um momento lhe passou pela cabeça que não era capaz de o fazer! Estudou os exames, recordou a Aritmética nos cadernos do irmão e começou por fazer ditados mas, mesmo com aquela idade, decidiu que o mais indicado seria ditar-lhe redacções de vários tipos já feitas, tentando assim matar dois coelhos de uma cajadada: o exame teria um ditado e uma redacção e, assim, o fazer o ditado servia dois propósitos. Mas o verdadeiro “monstro” do exame eram as provas de aritmética, que, afinal, tinham o seu ponto mais difícil na resolução de três ou quatro problemas. E os malditos problemas tinham como fulcro principal chegar a dois tipos de resultados: saber quanto custaria determinada quantidade de um produto quando se conhecia o preço do quilo e, por outro lado, que quantidade se poderia comprar quando se sabia o preço do quilo e a quantia disponível para a compra.

Ela adorava resolver problemas e até lhe ganhou gosto quando, um dia, resolveu responder ao desafio do senhor Paulino (talvez ainda volte a falar nele). Nessa altura

andava na quarta classe e o problema era este: “Um gavião passou por um pombal e disse – Adeus, pombal sem pombas! Mas uma pomba que por ali estava respondeu-lhe: - Cem pombas, não! Mas nós, outras tantas como nós, metade de nós, a quarta parte, e contigo, gavião, 100 pombas são!” Teve muito que pensar, porque aquelas metades e quartos complicavam as contas, levou dias e dias, mas ela lá chegou... Havia 36 pombas! Ela explica o seu raciocínio: se considerássemos que a “quarta parte de nós” seria representado pelo número 1, a metade seria 2, elas, as pombas todas, seriam 4, e mais outras tantas como elas seriam mais 4. Total: 11 partes. Se tirarmos o gavião, ficam 99. Ora 99 a dividir por 11, dá 9. Que representava o quê? A quarta parte das pombas. Logo: $9+18+36+36=99...$

Voltemos aos tais problemas do exame da 4.^a classe: tratava-se de recorrer a uma multiplicação e a uma divisão e o difícil foi convencer o pai de que se multiplicava mesmo quando a quantidade era inferior ao quilo. Metia casas decimais, vírgulas, mas depois de conseguir convencê-lo de que quando se queria saber quanto se gastava, bastaria multiplicar e quando se queria saber quanto se poderia comprar bastaria dividir, o senhor Joaquim tornou-se um às em problemas. O exame foi um sucesso e em breve toda a gente conhecida sabia quem tinha feito o “milagre”...

Para ela não tinha sido milagre nenhum, antes uma fascinação perante o que tinha conseguido: ela tinha ensinado, tinha recorrido, nem sabia como, a uns “truques”, umas “metodologias” instintivas que permitiam ensinar alguém, mesmo muito mais velho e experiente do que ela. A verdade é que continuou a ir buscar pão, a dobrar os papelinhos da manteiga à noite, a vender 5 tostões de massa de tomate, a embrulhar, de forma caprichosa, em folhas de livros da melhor literatura, outros 5 tostões de açúcar ou café, ou fuba, farinha musseque (farinha grossa feita de mandioca) ou ginguba, a medir o óleo de palma, o vinho de barril e a carimbar pedaços de cartão que eram dados aos clientes para terem o direito de se abastecerem de água na torneira do quintal, 10 ou 20 litros conforme a despesa.

Capítulo 7: Chegou a hora! Mas quase virou modista...

Aquele tempo longo que já vinha de Janeiro de 1953 não tinha amortecido aquele sonho, que ela, aliás, não deixava de alimentar, ensinando quer lhe pedissem ou não, pois entre os hóspedes da pensão não faltavam candidatos. Ensinou muitos a escrever o nome, escreveu e leu tantas cartas que aprendeu que havia vidas ainda mais duras do que a sua, o que só fazia com que o seu projecto continuasse tão forte e presente como sempre. Ainda sente como lhe era difícil olhar para a falta de motricidade fina – como ela haveria de aprender mais tarde – aquelas mãos calejadas que queriam escrever o nome, como lhe apetecia agarrar naquelas mãos e fazê-las desenhar as letras! Viu-se retratada mais tarde, numa situação paradoxalmente semelhante, na obra “Teresa Batista Cansada da Guerra”, de Jorge Amado.

A situação económica melhorava claramente pelo que, ao fim de dois anos, ela pensou que era tempo de começar a agir:

- Oh pai, tenho que ir estudar, porque ...

- Tens que ir estudar? E porquê?

- Tenho que ir estudar, porque eu não fiz a 4ª classe, não tenho nenhum diploma, e um dia, se eu quiser arranjar um emprego, não posso.

- Mas, então, tu não andaste naquele colégio?!

- Oh pai, eu andei, mas não fiz o exame da 4.ª classe.

- Não fizeste exame? Então tu não foste fazer exame quando morávamos no Sambizanga?

- Fui, sim, mas era o exame de admissão ao liceu. Não se lembra que tive que tirar o Bilhete de Identidade? Era preciso para o exame no liceu.

- E quem te deu autorização para isso, minha espertalhona?

- Foi a minha professora do Colégio. Ela disse que eu era muito inteligente e que devia continuar a estudar. Só não falei antes porque há sempre tanto trabalho...

Estava na hora de dar um passo para o sonho: estava a ficar uma senhorinha!

(Fig.8)



Fig. 8 - Já estava uma senhorinha para ir para o primeiro ano do Liceu...

Este primeiro diálogo entre pai e filha repetiu-se, com ligeiras variações, durante meses. Para a calarem, e visto que o problema era o de um emprego futuro, mandaram-na “aprender costura”. A mestra vivia numa casa na Vila Alice, uma casa onde só havia mulheres: a mestra, a mãe dela, quatro irmãs e as clientes que iam fazer as “provas”. Havia um pai, pois falava-se nele, aliás com um certo tom depreciativo, que a jovem aprendiz reconhecia como tal mesmo então.

la para a costura logo de manhã, depois de servir o mata-bicho, vinha almoçar a casa, dava uma ajudita a servir almoços enquanto alguém da família ia comer, voltava para a costura e acabava por volta das cinco da tarde, porque em Angola anoitece cedo. Aprendeu a chulear (que raio de palavra!), a fazer bainhas e ainda começou a aprender a fazer casas para os botões, isto é, a casear. Mas como ela detestava tudo aquilo! Os mexericos, a estupidez das conversas, o tom ditatorial da mestra, tudo mexia com a aprendiz. Andava lá há pouco mais de um mês e um dia, sem mais nem menos, quando chegou a casa disse, muito sossegadamente, à mãe:

- A mestra perguntou quando é que eu levo o dinheiro.

- O dinheiro? Que dinheiro?

- O dinheiro por ela me ensinar costura.

- Ah, ela quer que tu trabalhes para ela e ainda por cima quer que eu lhe pague?

Deixa estar que eu um dia destes vou lá falar com ela.

Mas não foi preciso: um dia ou dois depois, estavam todas a conversar com uma cliente e a mãe disse que as filhas eram asseadíssimas. Tão asseadas que a mais nova, sempre que ia à rua, mesmo que fosse duas ou três vezes por dia, mudava sempre de calcinhas – era assim que se dizia na altura.

E a pequena, que ainda hoje jura não saber de onde lhe vieram as palavras, disse:

- Se calhar vai mostrá-las a alguém.

Pronto, foi despedida por indecente e por má figura, como se dizia, mas em casa sempre se ficou a pensar que tinha sido por não ter pago a “mensalidade”. Que, realmente, nunca ninguém pedira...

**PARTE 3. VAI LÁ ESTUDAR, MAS FAZES A TUA PARTE DO
TRABALHO**



Capítulo 1: Começou o Liceu.

Andou, pois, dois anos a convencer os pais. Todos os dias falava nisso. Todos os dias dizia que não tinha diploma. Talvez tivessem acabado por a deixar ir para o liceu por puro cansaço. Mas com uma condição: teria que continuar a contribuir para o trabalho da casa. Para poder corresponder, andava sempre a correr: correr para ir à padaria, correr para apanhar o machimbombo n.º 4 até à Mutamba, depois o n.º 1 até perto do Liceu, correr de regresso a casa.

Ela já tinha então 13 anos, estava quase a fazer 14, quando foi para o 1º ano, no Liceu Feminino D. Guiomar de Lencastre, lá em cima, ao lado do Quartel-General. Portanto, tinha estado três anos lectivos fora da escola, dois anos e meio, em termos cronológicos, porque no meio de um ano lectivo, sem mais nem menos, passou a seguir-se o calendário lectivo nacional, visto que Portugal era um país uno e indivisível, sendo Angola apenas uma das suas províncias, por acaso noutra continente, e com uma área catorze vezes maior do que a metrópole. Porque era assim que se designava Portugal.

A mais velha da turma, já adolescente junto de garotas de 10/11 anos, mais atinada porque sabia o que era o Trabalho, sempre aluna de Quadro de Honra e “chefe de turma”, a sua vida escolar era perfeitamente autónoma relativamente à familiar. Ninguém lhe pedia satisfações e o que importava é que ela fizesse exame, para ter o bendito diploma. Essa autonomia já a tinha defendido quando andara na Missão de S. Paulo e no Colégio, pois fora decisão sua inscrever-se na catequese, fazer a primeira Comunhão, a Comunhão Solene e o Crisma. Não houve vestidos brancos nem festa, claro: se em casa não sabiam, não podiam fazer nada. O Crisma é que lhe trouxe um problema: era preciso uma madrinha e ela não tinha. As Irmãs providenciaram uma aluna interna mestiça, Maria Amélia Medeiros, nome que ela nunca esqueceu e que estava à espera que os pais a fossem buscar para ir de férias.

Apenas por duas vezes, e logo no primeiro ano do Liceu, houve contactos entre Escola-Família. Na primeira vez, a senhora Reitora, Dra. Hermínia Roberts, mandou chamar a mãe: entrando uma vez na sala de estudo, que funcionava de tarde e em que ela se tinha inscrito, encontrou-a numa carteira em cima do estrado, com o nariz quase a tocar o quadro. Não quis acreditar que fosse castigo e perguntou à professora o que se tinha passado. A boa da professora respondeu-lhe, com rapidez e bastante ligeireza, que a razão era a incapacidade da adolescente para ver o que se escrevia no quadro!

Até ela, a aluna, se espantou com a reprimenda que a reitora deu à professora, mesmo em frente das alunas, “porque aquela não era a maneira de resolver o problema”. Quis falar com a família e a mãe lá foi saber o que se passava: também ela levou um ralhete por não se ter apercebido de que a filha precisava de usar óculos.

Claro que foi ao oftalmologista que, para começar, lhe receitou lentes com quatro dioptrias e meio. Que maravilha! Como o mundo era nítido e era verdade que os aviões a jacto deixavam um rasto branco quando passavam!

A segunda vez aconteceu no fim do 1.º período. Ela não era propriamente uma santinha, mas nunca gostara de ver abusar ou humilhar outros, mesmo os seus vizinhos negros, grandes ou pequenos. Ora naquele fim do 1.º período, que então não era no Natal, disse à mãe que tinha que ir ao liceu porque “iam dar as notas” A senhora, que não sabia ler nem escrever, interpretou as palavras à letra. Portanto, se iam dar notas, ela queria ir com a filha. E lá foram as duas, primeiro no machimbombo n.º 4, de S. Paulo até à Mutamba, e depois no nº 1, que ia até à Cidade Alta

Chegadas ao Liceu, andava por lá muita gente, ela foi ver as suas classificações, aluna n.º18 da turma C, escreveu-as num papel e foi à procura da pauta da turma A para ver e comparar com as notas de uma outra aluna que também sobressaía no Liceu, mas muito mais nova. Sempre com a mãe atrás, que volta e meia lhe perguntava onde estavam as notas. As crianças, os adolescentes, tanto são anjos como diabinhos, e um grupo de meninas bem percebeu o que se passava e troçaram da ignorância com grandes risadas e cochichos. Ela não reagiu mas também nunca se perdoou a si própria por não ter defendido a mãe daquelas presunçosas mal-educadas.

Capítulo 2: Aconteceu aquele bendito acidente de viação!

Entretanto, chegou ao fim do segundo ano do liceu e dispensou de exame, um belo pretexto para continuar a falar aos pais da necessidade de seguir o liceu, pois, não tendo feito exame, claro que não lhe tinham passado nenhum diploma... E lá voltou ela para o Dona Guiomar de Lencastre, a frequentar o 3.º ano, até ao dia 15 de Abril de 1958, quando um acidente de viação a mandou para o Hospital Maria Pia, em coma, com fracturas no parietal esquerdo, na segunda vértebra cervical e o tímpano do ouvido esquerdo rebentado, pela graça de Deus, para descarga da hemorragia craniana.

No dia seguinte, era voz corrente que “aquela aluna com muito boas notas, que até tinha sido entrevistado para o jornal “A Província de Angola”, num Domingo, tinha morrido”. Nessa manhã não houve aulas no Liceu, até se verificar que, como tinha dito Mark Twain a seu próprio respeito, “as notícias da morte eram claramente excessivas”. Esteve muito tempo internada, muito tempo em coma, mas foi um dos melhores períodos da sua vida! Tão bem tratada, tão mimada, tão visitada, sem tarefas para cumprir, ah, como lhe apetecia nunca mais ter alta! Mas lá chegou o dia de ir para casa, assim como também o de ir assistir a uma Missa, prometida pelas colegas e professoras do Liceu, em que ela ofertaria uma grossa vela do seu tamanho por ter sobrevivido.

Enquanto esteve internada teve que mudar de quarto duas vezes, por causa da condição clínica da outra doente (só havias duas camas em cada quarto) e no terceiro, quando ela já se sentia bem mas ainda não se levantava, passou por uma situação hilariante:

A outra paciente era uma velhota seca, impertinente, que ela veio a saber que era “hóspede frequente” do hospital. Vivia com a filha e o genro, ele pessoa muito bem colocada, e quando eles achavam que ela estava insuportável, falavam com um médico amigo e a senhora ia passar uma temporada ao hospital.

Esta senhora era muito rezadeira, mas rezava de uma maneira fora do comum. Era assim:

- Meu Deus, vou rezar um mistério pela D. Alice, mas olha que é a D. Alice que morreu com paludismo, não é aquela desavergonhada da D. Alice do meu bairro. (E seguia-se o mistério).

Depois rezava por outra pessoa e voltava a identificar bem o destinatário, não fosse Deus enganar-se e dar o mérito a outro. Outra coisa que irritava a jovem doente é

que ela insistia para que rezassem juntas, e para fugir aquela penitência, ela metia-se debaixo da roupa e fingia dormir. Era então que a velhota vinha pé ante pé até junto da cama, baixava-se até lhe sentir a respiração, “abençoava-a” com o seu tremendo mau hálito e dizia:

- Está viva! Está a dormir, mas está viva. Ainda respira!

Naquele ano de 1957-58 só frequentou dois períodos, mas passou de ano porque nos anteriores as classificações tinham sido altas. É, por isso, horas de encerrar este capítulo, após o que a futura professora, a pouco e pouco se recompôs e a vida continuou na mentira e na rotina do costume: tinha que trabalhar, tinha que continuar no liceu porque nunca mais lhe davam o tal diploma e uma vez até lhe sugeriram que não estudasse tanto para ver se ia a exame, de uma vez por todas.

Ela gostaria de fazer aqui um parêntesis para recordar que, muitas vezes, as pessoas não são más ou maldosas: são pobres. E quando julgamos, quando estamos a apontar para alguém com um dedo, temos três outros dedos a apontar para nós.

Capítulo 3: Vamos alimentar o sonho e ganhar algum dinheiro.

Foi nesta altura, quando frequentava o quarto ano, menos sobrecarregada com tarefas mais pesadas, (ordens do médico), que deu explicações a alunos mais novos e, para treinar, dava explicações de todas as disciplinas abaixo dos anos que ela própria frequentava. Eram geralmente rapazes, irmãos de colegas do Liceu, que eram os seus próprios “gestores de carreira”, pois a recomendavam. A sua opinião sobre o êxito é que os professores, no seu muito saber, não acreditam que nem tudo “é óbvio” para o aluno. E ela ainda estava muito perto do tempo em que sentira essa condição. Foi assim que arranjou dinheiro para o seu enxoval e para muitas coisas que seria agora difícil – e penoso – explicar por que teriam de ser compradas por ela. Fig. 9)



Fig.9 - Foto tirada em 1960, antes de vir a Portugal.

PARTE 4: VINDA A PORTUGAL EM 1960



Capítulo 1: Encontro no Alto da Serra.

MAS, - este MAS é o que inicia a grande reviravolta na sua vida – em 1960, quase mulher feita (as adolescentes desenvolvem-se mais depressa em regiões tropicais), veio a Portugal para ser consultada por um neurologista, em Coimbra, pensa que se chamava Dr. Nunes Vicente, devido a umas sequelas do acidente. Consultas mal marcadas, nunca chegou a ir ao neurologista que, no momento, nem sequer estava em Portugal, mas conheceu o Homem que viria a ser o seu marido: foi no dia 29 de Abril de 1960, uma sexta-feira, às 6 horas e meia da tarde.

Daí a pouco mais de mês e meio acabariam as aulas que ela estava a frequentar no Liceu D. Maria, em Coimbra. Tinha vindo com o pai e o tal tio mais velho, foram viver para Anobra, uma aldeia pequena, feia e triste do Concelho de Condeixa-a-Nova, onde vivia então gente feia e triste. (Fig. 10) Começaram a namorar, ou antes, a serem incomodados pela avó dela como se namorar fosse crime, e assim passaram o tempo até ela regressar a Angola em Setembro. Os dois escreveram-se diariamente até ao dia 10 de Janeiro de 1962, data em que ele próprio aterrou em Luanda. Casaram no dia 7 de Março de 1963, numa quinta-feira chuvosa, prenúncio de casamento feliz. A história do namoro e as peripécias do casamento dariam outra história que não cabe nestas lembranças.



Fig. 10 - Uma das ruas de Anobra em 1960.

PARTE 5: REGRESSO A ANGOLA



Capítulo 1: Os dois em Angola, o primeiro emprego.

Ele tinha terminado o curso de engenheiro técnico agrário em Coimbra, ela, já em Luanda, percorreu Seca e Meca mas conseguiu autorização e uma carta de chamada para que ele pudesse ir fazer o estágio obrigatório no Instituto de Algodão de Angola. As plantações estavam situadas em Onga-Zanga, (Fig. 11) perto de Catete, local do estágio, e ele passava aí a semana, ia na segunda muito cedo e voltava a Luanda à sexta à noite, ficando hospedado na residencial Ká-Te-Kero, na Rua da Restauração, do lado direito. Depois passou a haver um hotel com esse nome, mas nesta altura o que havia era a residencial.



Fig.11 - O Manuel em Onga-Zanga, na recepção do algodão.

Seguiu-se a defesa da sua tese na Escola Agrícola do Tchivinguiro, no Sul, e a integração como técnico no mesmo Instituto, mas em Malanje. Quem conhece a história deste Amor e lesse este curtíssimo resumo, não acreditaria que ela tivesse tal capacidade de síntese...

Mas voltemos ao percurso para ser professora de grandes: Portanto, terminou o ano lectivo de 1959-60 em Coimbra, no Liceu D. Maria II e, para não alterar o seu desempenho, que já parecia natural, voltou a dispensar de exame, tanto na parte de Letras como na de Ciências. Um desfecho que tinha um interesse particular, pois podia continuar a dizer que não tinha diploma porque dispensara dos exames. Foi, pois, através de uma longa teia de enganos e aproveitando a falta de conhecimentos dos pais que ela chegou, finalmente, à obrigatoriedade de fazer exames: quando frequentava o 7.º ano. (Fig. 12).

A sua consciência não lhe pesa nem um bocadinho pelas mentiras e enganos, porque teve sempre que cumprir a sua parte do acordo e arranjar tempo para trabalhar para a família.

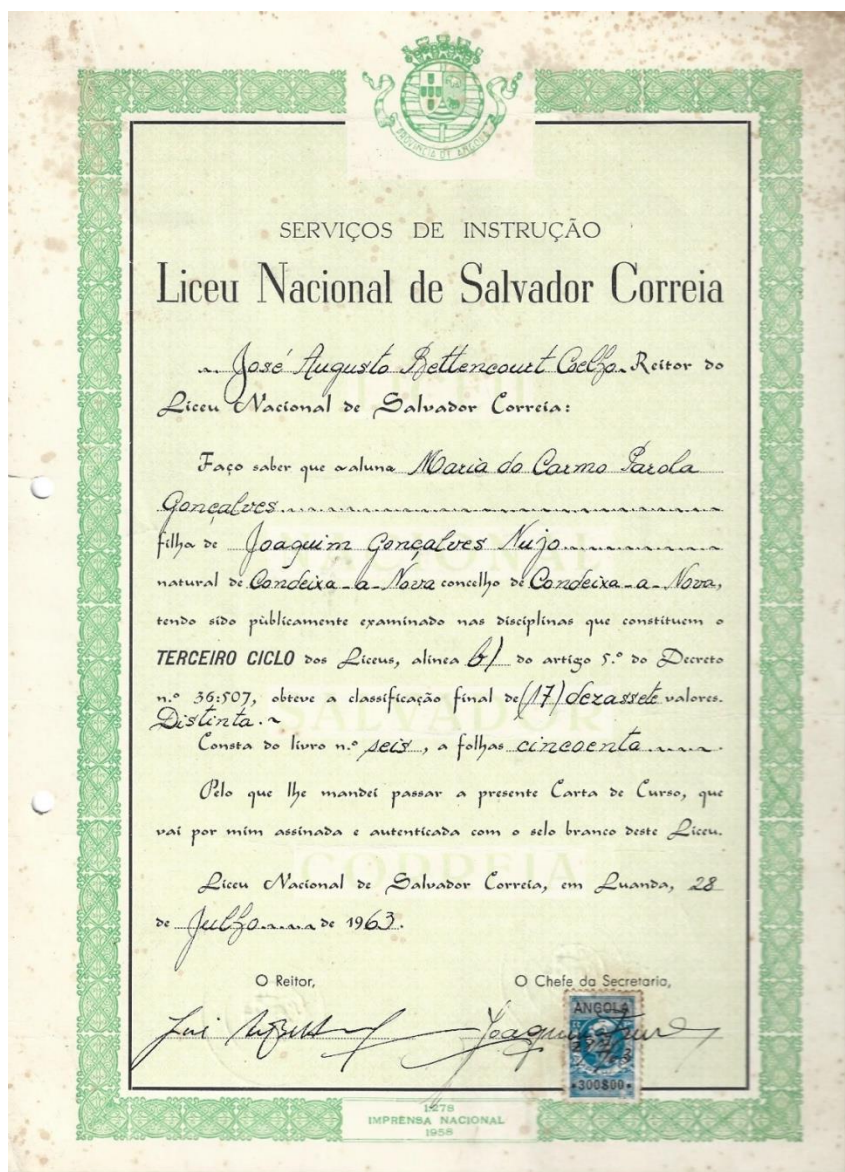


Fig.12 - Diploma do 7.º ano.

Depois da realização das provas escritas, foi à prova oral a Português no dia 20 de Julho de 1962. Foi a única prova oral a que foi sujeita e por indicação/exigência do seu Professor de Português, também reitor do Liceu Salvado Correia de Sá e Benevides, então o único com o 6.º e o 7.º anos e que por isso tinha turmas mistas nesses dois anos. O Professor não concordava com a classificação de 14 valores da prova escrita e, depois de fazer a oral, nesse dia 20 de Julho, saiu com a classificação final de 17 valores.

No mês seguinte, precisamente no dia 20 de Agosto, foi trabalhar como dactilógrafa no Tribunal de Relação de Luanda, graças a uma cunha do seu Professor de Filosofia, o Dr. Barata. Aí permaneceu até 28 de Fevereiro de 1963, visto que se ia casar daí a uma semana. A sua função – e vencimento – era de dactilógrafa, mas, como era a única que sabia Latim, língua que o Presidente do Tribunal muito usava nos seus acórdãos, além de uma caligrafia quase ilegível, ficou adstrita a esse juiz, cuja especialidade ou gosto eram os chamados “crimes de sedução”. O que aquela alminha aprendeu sobre a maldade dos homens valeu por uma vacina mais do que eficaz contra “as canções do bandido” dos rapazes...

Convém explicar que ela foi muito insistente em querer arranjar emprego depois de uma ocorrência que a futura professora de grandes considerou ultrapassar as fronteiras do admissível. Acontece que a loja do pai, no musseque, não podia legalmente estar aberta ao sábado de tarde e ao domingo, precisamente os dias em que havia mais movimento na parte de comidas e bebidas. Se os fiscais apanhassem uma loja aberta, era muita pesada. Por isso tinha-lhe sido entregue uma tarefa, naquela fase a seguir ao acidente, mas que ainda se mantinha quando ela já estava a frequentar o 6.º ano do liceu: ficava na rua, sentada num banco onde também se encontrava uma pedra, encostada a uma porta fechada, com a tarefa de avisar se visse o carro dos fiscais. Nesse caso, bateria na porta com a pedra e os clientes ficariam em silêncio absoluto ou saíam pela chamada “porta de cavalo”, uma grande conveniência nas lojas pobres daquele tempo.

E o que fazia ela, ali sentada? Aproveitava para estudar e tirar significados de Latim e Alemão! Mas uma tarde o que ela viu aproximar-se foi um jeep da Polícia Militar que reduziu a marcha ao mínimo e de onde lhe vieram estas perguntas:

- A como levas hoje? Que tal tem corrido o dia? Muitos clientes?

As ordens que ela tinha era para não responder a provocações, “porque mulher séria não tem ouvidos”, mas ser tratada como uma prostituta em serviço foi a gota que rebentou a vesícula das mágoas acumuladas. Mais tarde, num livro de que muito gosta, “A Cidadela”, de J. Cronin, leu uma frase e disse para consigo: “Que frase tão perfeita para retratar aquela situação!” A frase é: “Eu ouvia o riso trocista dos deuses”.

PARTE 6: O CASAMENTO, MALANJE À VISTA



Capítulo 1: Um casamento estranho... E a chegada a Malanje?!

Mas chegou o dia 7 de Março, já não havia mais possibilidades de continuar a estudar, não havia Faculdade de Letras em Angola, o noivo tinha sido colocado no distrito de Malanje, para trabalhar e residir numa casa completamente apetrechada numa pequeníssima povoação chamada Moma, na Baixa de Cassanje. Pouco antes do casamento, contudo, ocorreu um ataque brutal naquela zona e foram canceladas as residências fora dos centros urbanos. Precisamente por causa desse ataque, ela casou sem noivo, sem procuração, devido à fé que nela depositou o Padre Giovanni, da Missão de S. Paulo, que acreditou na vontade expressa do noivo de querer casar mesmo. É demasiado estranho e rocambolesco para ser contado, se não houver testemunhas presenciais e fidedignas por perto!

Chovia muito naquela tarde de quinta-feira do seu casamento e apesar disso e de ser a um dia de semana, havia as curiosas do costume que comentaram o que viam dizendo: “Ele deve ser muito rico. Já tão velho e ela tão novinha, coitadinha!” (É claro que ela não lhes ia explicar que o “velho” era o pai que, a muito custo, acedera a substituir o noivo.) (Fig. 13)



Fig.13 - A noiva com as maiores amigas: Isaber Serrão e Isabel Pina.

Naquela mesma tarde, após a cerimónia, ainda foi à companhia de aviação, para lhe devolverem o dinheiro do bilhete do seu marido, que na altura já o era... visto que agora iria sozinha para Malanje. E no outro dia lá foi ela de manhã, muito cedo, para o aeroporto, levada pela sua querida Amiga e madrinha de casamente, a Isabel Serrão. Era um avião pequeno, comparando com os de hoje, no dia 8 de Março. Ficou muito admirada, porque quando se aproximou do avião viu muitos padres a entrar e um senhor todo paramentado, com umas vestes mais luxuosas do que os outros... No avião é que ela descobriu: era o novo Bispo, Dom [Pompeu de Sá Leão e Seabra](#), o segundo bispo da Diocese, que já tinha sido nomeado em 1962 mas só agora iria ocupar a cadeira episcopal. Para comemorar a efeméride, iria ser feriado em Malanje.

Era uma sexta-feira, e quando chegou a Malanje e olhou pela vigia do avião, assustou-se: o campo de aviação parecia um campo de futebol, não havia nada: sala de recepção, controlos de voo, nada. O que se via era um enorme quadrado rodeado de gente por todos os lados. Pensou: “Como é que agora encontro aqui o meu marido, no meio disto?”

Era a única leiga que ia no avião. O Bispo e ela chegaram os dois à porta, ao mesmo tempo, e começaram, como é costume, cheios de delicadezas e salamaleques, cada um deles a convidar o outro a sair primeiro:

- Por quem é, por favor, Vossa Eminência primeiro!

- Minha senhora, faça favor, tenho muito gosto em que saia em primeiro lugar.

E então aconteceu o que acontece muitas vezes nestas situações, quando começamos com muitas delicadezas - vá V. Exa., vá a senhora - foram os dois ao mesmo e quase caíram pelas escadas abaixo. Mas ele lá disse:

- Faça favor, a senhora saia, então a senhora saia.

E ela saiu. Tinha 20 anos, e estava com um vestido muito travado, estampado em tons de castanho, de marrocan, que tinha mandado fazer para parecer mais velha. Era muito travado e viu-se aflita para descer as escadas. Olha para todos os lados, vê vir um polícia com um ar muito divertido e sorriso de gozo, com um jovem a atravessar o campo em diagonal. Era o seu marido, que tinha estado a explicar ao polícia o que se passava. Como houve um passa-palavra rápido, quando ele chegou ao pé da noiva e se beijaram, levaram uma valente salva de palmas. Na altura, ficaram na dúvida se as palmas tinham

sido para o senhor Bispo ou para eles. A dúvida foi curta porque ele tinha-a ido buscar de jipe, um jipe alto, daqueles de andar no mato. Quando chegaram ao jipe, com aquela saia travada, nunca mais conseguiria entrar. Então o marido pegou nela ao colo, sentou-a no jipe e foram saudados com outra valente salva de palmas. Desta vez não tiveram dúvidas de que as palmas tinham sido mesmo para eles! Coitado do Senhor Bispo! Estragaram-lhe a recepção, sem querer, (que nestas coisas não há recém-casados que queiram passar por tal!). E foi assim que eles tiveram que ficar na cidade, ao princípio na Pensão Flaviense, até poderem mobiliar e equipar casa.

Sem mais escola, liceu ou faculdade, sem Tribunal da Relação, ela acompanhava o marido todas as segundas-feiras de manhã muito cedo e por lá ficava, no Moma, a aprender a cozinhar e a fazer pão com o cozinheiro do Sr. Paulino, o Chefe do Posto, isto é, o autarca local, e que vivia paredes meias com a casa que lhes tinha sido atribuída para viver antes do casamento. Voltavam à capital de distrito na sexta-feira, já ao fim da tarde. Teria sido em Moma que se fixariam, se as coisas tivessem seguido o previsto.

Capítulo 2: S. José de Cluny outra vez no seu caminho.

Com o seu sonho suspenso, depois de três anos tão duros entre a sua vinda a Portugal e o casamento, o sonho parecia mais do que suspenso: adormecera! Conformara-se! Até que, numa tarde de Domingo, estando ela na varanda da primeira casa que arrendaram, e que dava para uma grande praça que começava a ser ajardinada, vê vir, do lado direito, uma fila de meninas de uniforme azul e branco, duas a duas, com uma freira à frente. Reconheceu a freira imediatamente: era a lendária Madre Helena do Colégio de S. José de Cluny de Luanda, lendária pelo seu grau de exigência e uma certa rispidez. No momento em que se ia voltar para trás para murmurar, para o marido, “vem aqui uma freira que eu conheço”, não chegou a dizer nada porque a freira, nesse preciso momento, parou de repente, olhou para cima e perguntou apenas:

- Oh Parola, o que é que estás aí a fazer?

- Vivo aqui, Madre Helena.

- Então não foste para a universidade?

- Não, Madre Helena. Casei-me.

- Olha, na terça-feira à tarde vai ter comigo ao Colégio, pois quero falar contigo.

Se não souberes onde é, pergunta.

Não havia dúvidas: era mesmo a Madre Helena! E continuou a andar com o seu rebanhinho de meninas internas, cujos pais viviam no interior. Quanto à mulher do jovem engenheiro, ainda um bocado agastada por ter sido chamada pelo apelido de que ela menos gostava, logo ali jurou que não iria a lado nenhum na terça-feira à tarde, porque estaria no Moma. Mas o Manuel foi muito persuasivo: ficaria mais descansado se ela ficasse na cidade, nunca se sabia o que poderia acontecer nas viagens ... Ela refutava que também não ficaria descansada se ele fosse sozinho, pelas mesmas razões, blá, blá, mas lá se deixou convencer a ir ao Colégio na data combinada.

Foi recebida pela Madre Superiora, muito amável, que começou por conversar sobre política internacional,(!) dizendo uma frase que ela nunca esqueceu e que, no presente, a faz pensar:

- Andam todos a rezar para a Rússia se converter, mas o verdadeiro perigo está na China!

Depois, explicou-lhe que tinham umas alunas internas, do 5.º ano, que nem eram de Malanje e estavam ali mais ou menos como castigo. Seria ela capaz de lhes dar umas

explicações de Português, especialmente sobre os Lusíadas porque o exame do 5.º ano estava à porta?

Certa de que não lhe valeria a pena recusar, aceitou e começou a ir ao Colégio duas vezes por semana. Eram alunas já bem crescidas, praticamente da sua idade e que estavam ali contra a sua vontade. A primeira aula não foi fácil, na segunda resolveu pô-las a comparar as possibilidades de ambas as partes e elas ficaram do lado da jovem explicadora. Tendo em conta a Professora de Português que tinha tido, a Dra. Hermínia Roberts, ensinar a compreender os Lusíadas não era tarefa, era prazer.

Capítulo 3: Professora de Macau e um par de percalços.

Os resultados foram tão bons que as freiras, conhecidas pelo seu pouco gosto de abrir os cordões à bolsa, lhe pagaram praticamente o dobro do combinado, a aconselharam vivamente a concorrer para dar aulas no ano lectivo seguinte na Escola Comercial e Industrial de Malanje, “e, se for preciso, nós damos uma carta de referências”. E foi assim, “a pedido de várias famílias”, como se costumava dizer, e também por impulso das freiras que, no dia 22 desse Setembro de 1963, ela estava a tomar posse como professora provisória de Português e Inglês na Escola Comercial e Industrial de Malanje.

Eram tão jovens! Fig. 14)



Fig.14 - Com 21 anos, ela e o marido no dia do baptizado do Carlos. Eram tão jovens!

Mas gostava tanto do que fazia! Era tão capaz de entender aqueles jovens que não tinham ido para o liceu porque eram pobres, até porque nesse ano também ainda nem havia liceu em Malanje. Ela conhecia o meio ambiente daqueles poucos negros que frequentavam a Escola, dos mestiços e brancos pobres e cada triunfo deles, por pequeno que fosse, sabia-lhe a muito. No entanto, para seu grande pesar, continuava a ser apenas “professora de Macau” – era assim que então se classificavam as imitações

baratas de coisas boas – e custava-lhe muito! Sem curso universitário, com um filho nos braços e outro no regaço, já se via resignada a ser professora de segunda toda a vida. Desse tempo, recorda. como de uma irmã se tratasse, a Isabel Leão, casada com o Jorge Monteiro, a D. Piedade Panta, duas professoras chamadas Maria de Lurdes, uma de Português e outra de Francês, (antítese uma da outra), uma antítese da outra, uma senhora ruiva, muito linda, casada com um administrador, professora de inglês e o adorado Dr. Terêncio, que era uma instituição.

Durante os dois anos em que foi professora na Escola de Malanje lembra-se da paciência que era precisa para ensinar adolescentes com muitas carências, a todos os níveis, perante conteúdos programáticos que nada lhes diziam. Mas recorda-se também de uns irmãos brancos, três de oito no total, uma família que vivia com as dificuldades de um só salário, que eram excelentes e a quem fez o possível para incentivar a ir mais longe, mais além. Numas férias da Páscoa em que não se encontrava um ovo em Malanje, a mãe deles foi a casa da professora levar uma dúzia de ovos, porque, dizia ela “a senhora é fraquinha, está grávida e está a puxar pelos meus filhos.”

Quando aquele rapaz mestiço tirou o tampo da cadeira onde ela se sentava no princípio da aula, apenas para escrever o sumário, estava grávida quase de oito meses do primeiro filho. A cadeira era larga, ela enfiou-se por ali adentro, o bebé entrou em sofrimento e a “professora de Macau” teve que ir para o hospital, de emergência. Enquanto internada pensou muito no que aconteceria àquele rapaz se fosse expulso da Escola: não se poderia matricular em nenhuma escola pública e onde teria a família capacidade para o pôr num colégio qualquer?

Por isso, e porque tinha a certeza que não tinha havido maldade no acto, antes uma brincadeira estúpida, assumiu a responsabilidade, por escrito, de ele não ser expulso e ser apenas reprovado por faltas. Aquele documento tinha por objectivo ilibar o Director “de qualquer consequência se a criança nascesse com algum problema devido ao incidente”. Assim, tal e qual...

O texto que assinou era um tanto dramático mas ela pensou em como gostaria que a Escola actuasse se um dia o seu filho, quando tivesse 14 anos, fosse tentado a fazer uma semelhante. Ela gostaria que, além da punição houvesse compaixão. As professoras mais velhas acharam-na muito complacente, mas a mãe do aluno, quando

a professora voltou à escola, entrou um dia, de rompante, na sala dos Professores e beijou-lhe os pés, a situação mais embaraçosa da sua vida.

Desse incidente, quem diria, viria a nascer uma capoeira! Logo que era tão “boazinha”, recebeu de presente tantas galinhas que teve que mandar construir uma capoeira. Mais tarde, verã porquê, andou a dá-las pela vizinhança.

Mas o Carlos nasceu lindo, escorreito, inteligente, gozou uma licença de parto não paga de oito dias, cada vez a gostar mais de ser professora “mesmo assim”, enquanto o Manuel ia e vinha para a Baixa de Cassanje todas as semanas. Aliás, o seu nascimento dá para contar uma das coisas boas que lhe aconteceram na vida, da gente boa que encontrou em toda a parte.

O seu primeiro filho nasceu a 10 de Abril de 1964. Ela já não ia com o marido para a Baixa de Cassanje, claro. Vivia mesmo ao lado da Escola e, como era muito miúda, parecia muito grávida, com o característico andar “à pata” (pata, fêmea do pato...) No dia 8 de Abril, uma quarta-feira, estava a sair da Escola depois de duas horas de aula (que começavam às 7.30h) passou por ela o Dr. Teotónio, que era o Director do Hospital. Tinha um ranchinho de filhas, todas vestidas de igual e ele só a conhecia pessoalmente por causa do incidente da cadeira sem tampo. Então, aquela santa alma, olhou para ela e disse:

- A senhora anda-me a tirar o sono! Sei que está sozinha e se tem de ir para a maternidade de noite?

- Ora, Dr., se a sua esposa sabe que lhe tiro o sono ainda se zanga... Mas muito obrigada pela lembrança.

- A senhora vai para casa, arranja a sua mala e quem a venha trazer à Maternidade. Ainda hoje. Eu falo com a Irmã Paulina.

-Dr. Timóteo, mas eu tenho que dar aulas!

- E vai dar na mesma! Dorme na maternidade, levanta-se de manhã, toma o pequeno-almoço e vai para a Escola!

Parece mentira, não parece? Pois foi assim. Chegou a casa, pegou na mala, que estava já pronta, pediu ao cozinheiro Manuel que fosse com ela e lá foram os dois a pé para a maternidade. Ainda lá dormiu a noite de 8 para 9, foi dar aulas, almoçou em casa e voltou para a maternidade. Na madrugada do dia 10 entrou em trabalho de parto e o seu menino nasceu às 9.25h da manhã desse dia. Quem lhe fez o parto foi a Irmã Paulina,

um pedacito de gente, que durante os partos tratava todas as mulheres por tu e não gostava que as parturientes gritassem muito. Quando era preciso, tinha uma força que não dava para acreditar e era capaz de levar uma parturiente em peso para a sala de partos.

Como não gritou muito (tinha uma teoria pessoal, mesmo muito pessoal...) ficaram amigas. E ia-lhe dizendo:

- Ai filha, que isto não te custou nada! Daqui a 11 meses estás cá outra vez! Recorda bem o momento em que se tornou Mãe. Que sentimento tão profundo! Parecia a dona do mundo e achava que o seu filho era o mais lindo bebé que já vira! Era sexta-feira e ao almoço comeu feijoada, era o prato do dia... Por volta das seis da tarde, sujo, suado, apareceu o Pai da criança, que só a espreitou. Não se achava digno de se aproximar antes de tomar um bom banho.

Quer dizer aqui que o Dr. Timóteo, com quem nunca mais teve oportunidade de privar, nunca lhe saiu do coração.

Cabe aqui contar a história da Marta. Era a Marta, coitadinha, que tinha para aí onze anos. E a professora deixava-lhe o filho, de meses, enquanto ia para a escola trabalhar. Ao fim deste tempo, a professora dá por si a pensar: “Como é que nós vivíamos assim? Porque não soubemos dar outro futuro àquela gente?” A Marta... Uma vez... Moravam ao lado da escola, e um dia, da sala de aula, a professora ouviu a Marta a gritar desesperadamente. Pensou logo que tinha acontecido alguma coisa ao filho, o Carlinhos, então bebé. Saiu da escola, atravessou a rua a correr e a correr subiu as escadas para encontrar o cozinheiro, que também se chamava Manuel, a dar uma grande tareia à garota. O que foi e o que não foi, ele estava muito perturbado (é o termo) porque descobrira que ela tinha dado vinho ao bebé para o adormecer! E certamente não teria sido a primeira vez! Teve que lhe tirar a miúda das mãos, antes que acontecesse algo mais dramático, mas a verdade é que o Carlos sempre foi um aluno excelente, mesmo brilhante, e nunca se poderá ter a certeza de que até que ponto aquele acidente da cadeira que aconteceu com a mãe e o vinho que ele bebeu dado pela Marta contribuíram ou não para isso.... Além disso, é um belíssimo profissional; portanto, aquele vinho aos poucos meses também não lhe fez mal nenhum! Coitada, a Marta tinha onze anos!

Uma vez, quase no fim da gravidez do Carlos, estava a Marta ainda em “estágio” para ama, a futura mãe comprou uma caixa de bolachas de baunilha que viu, quase por acaso, porque não era fácil arranjar bolachas baunilha ali por Malange. Em casa, usando da sua prerrogativa de grávida, comeu umas poucas de seguida, mas não se esqueceu de dar uma à Marta que a seguia com olhos ougados enquanto comia. Esta cena repetiu-se algumas vezes, com a desculpa dos desejos. Por acaso ou por feitio, tinha sempre o cuidado de dar uma também à Marta se ela estava por perto porque ficava com aquele olhar das crianças e talvez porque, quando estamos grávidas ficamos também mais sensíveis. Um dia, chegou lá para tirar bolachas e a caixa estava vazia. Perguntou:

— Mas então, onde é que estão as bolachas? — Perguntou ao marido, ao cozinheiro, mas nem lhe passou pela cabeça perguntar à Marta. Mas ela, a balbuciar, disse:

— Senhora, fui eu. Eu tirei uma, tirei uma, tirei uma, tirei uma e quando eu dei conta já não tinha nenhuma.

Não conseguiu zangar-se, até se riram todos do “tirei uma, tirei uma”. Tem fotografias dela, era uma criança... Era uma vítima do sistema, como ela tinha sido, a níveis diferentes.

Em Julho do ano de 1965 nasceu o Rui, o segundo filho, também a uma sexta-feira e um tanto apressadamente, empurrado, aos oito meses da gravidez ainda incompletos, porque o irmão mais velho, rechonchudo, saltou para cima da barriga da mãe, porque queria “cavalinho”, enquanto ela lia o Êxodo, de Leon Uris, deitada na cama e tão absorvida na leitura que não ouviu o pedido...

Mas não foi por ser prematuro que o parto do Rui foi atribulado. O Carlos era gordinho, o seu prato predilecto era comida, e, no primeiro momento, ela assustou-se, pensando que o peso dele pudesse ter causado algum problema, mas parecia não haver nada de especial. Deitou-o, tratou das suas coisas para o dia seguinte e foi para a cama. Nessa altura tinha lá em casa o irmãozito mais novo, com uns 11 anos, a passar uns dias e também ele dormia. Por volta da meia-noite acordou, sentindo que alguma coisa não estava bem. Quando se levantou, confirmou aquilo de que já desconfiava: tinham rebentado as águas!

A vizinha do lado, da mesma idade e colega a dar aulas também na Escola, a Isabel Leão, casada com o Jorge Monteiro, também estava grávida, mais ou menos do mesmo

tempo, mas uma grávida de primeira viagem, e ainda por cima muito nervosa e impressionável.

Imagine-se como ficou quando, àquela hora, a vizinha Ihe foi bater à porta e pedir que o Jorge a levasse à maternidade. Ficaram os dois, o Jorge e a Isabel, tão aflitos que não sabiam o que haviam de fazer, enquanto ela arrastava um colchão para a sala deles para o seu irmão e o Carlinhos dormirem.

Finalmente, meteram-se no carro deles. Talvez alguém ainda se lembre que o banco da frente dos carros era corrido, não estava dividido em dois e, naquela confusão, a Isabel sentou-se também à frente, ao lado dela, as duas grávidas, e mais o condutor, muito apertadinhos. A Isabel estava tão assustada que os joelhos dela batiam um no outro, descontroladamente. Teve que Ihe dizer para se acalmar porque quem ia ter a criança era ela, a vizinha,

Chegaram à maternidade e o Jorge foi à frente avisar na recepção, onde estava um funcionário negro de serviço. E foi aí que ocorreu uma diversão que ajudou a acalmar os ânimos. Disse o funcionário para o Jorge:

- Ué, qual das duas é que fica? Então afinal branco também tem duas mulheres? E ficam grávidas ao mesmo tempo? Nunca vi!

A professora lá Ihe explicou o que se passava, subiu para a maternidade e pôs-se nas mãos da Irmã Paulina. Às 10.30h do dia 30 de Julho, nascia o Rui, muito pequenino, de oito meses, que parecia mesmo um bonequinho, mas Ihe parecia tão lindo! Era outra vez sexta-feira, era dia de voltar a comer feijoada ao almoço e de o Pai chegar do mato, sujo e suado, para espreitar o bebé de longe, depois de chegar a casa e saber que o segundo filho se tinha apressado.

Estes dois casais eram como irmãos e ainda hoje o são. Ainda bem, porque podem confirmar tudo o que ela conta no que se passou em Malanje. E quando nasceu a filha deles, a Paula Cristina, como a Isabel trabalhava e ela estava no período de decidir se vinha ou não para Portugal, a menina ficava com ela. Com os dois da mesma idade, e como ela dava de mamar, o primeiro que chorasse é que mamava e o outro bebia pelo biberão. Há alguma coisa no nosso leite que é inexplicável, como o prova a relação mútua entre ela e a Paula.

Mas antes de o Rui nascer tinha acontecido o segundo percalço dos dois únicos que teve na sua via profissional no que a alunos diz respeito. Aconteceu porque o tal

director faleceu inesperadamente e foi substituído por aquela linda senhora ruiva, Professora de Inglês, que tinha ido para Angola por ter casado com um administrador e pediram à professora de Macau que a substituísse numa das turmas. Era um segundo ano do Curso Geral de Comércio e no primeiro dia de aulas, grávida do Rui, a professora chega à sala e os alunos não parecem gostar da sua juventude. Estavam mesmo mal-encarados, provavelmente porque teriam pensado que iriam ficar uns tempos sem aulas. Quase rosnaram... já naquela altura, há mais de 50 anos – isto é bom para os professores saberem que indisciplina, imaturidade, falta de educação sempre existiram. E que tudo depende da maneira como lidamos com elas.

Para amenizar o ambiente, disse-lhes que naquela primeira aula o que iria fazer seria conhecê-los, saber em que parte do programa estavam, se havia algum problema especial... Até que um aluno chamado Albano, que era enorme, poderia engoli-la, nas calmas, se ele quisesse, avisou:

— Ó sra. Doutora, olhe que eu — (que não era nada doutora, mas isso também faz parte da história) — eu costumo ter ataques epilépticos, e quando eu tenho ataques epilépticos, agarro-me às pessoas. A senhora fique avisada, porque se eu tiver um ataque, sou capaz de a agarrar; portanto, a senhora fuja! Cheia de força na sua bata branca de professora, ela retorquiu:

— Ó Albano, não te aflijas. Olha, ficamos ambos avisados: eu fico avisada de que tu te agarras às pessoas, e tu ficas avisado de que eu não fujo. Numa segunda-feira, quase a seguir, estava ela a querer começar a sua aula, descansadamente, e o Albano a falar em futebol: «Benfica para a frente, Sporting para trás...» que o Porto, naquela altura, não mandava nada por lá, pelo menos em Malanje... Ela a querer dar a aula e ele a futebolar com o colega do lado.

Irritou-se a sério e exclamou:

- Ó Albano!

- Que é que foi? Fale para mim, quando eu falar para si!

Senhores, ela atravessou aquela sala, com a barriga empinada, foi ao pé dele, que era maior do que ela, deu-lhe um par de estalos. Um par, um de cada lado. Quando acabou de lhe dar o par de estalos arrependeu-se imediatamente. Não por tê-lo feito, sejamos sinceros, mas porque pensou: «Eu agora viro as costas, e este rapaz desfaz-me, a mim e ao bebé». Mas não, ele ficou com os estalos e nunca teve nenhum ataque

epilético na aula dela, coisa que era muito frequente com outros professores. Sorte sua, claro!

Na verdade, fosse ou não, seja ou não pedagogicamente correcto, naquela altura pareceu-lhe ser a melhor decisão. E continua impenitente!

Capítulo 4: A Dra, Salomé Montenegro a ajudar à Missa.

Foi nesse seu segundo ano de serviço que houve mais um sinal: tinha sido criado o Liceu Nacional de Malanje, tinha sido nomeado um reitor e a esposa dele, Professora licenciada, do Quadro, como se dizia, acompanhou-o mas ficou colocada na Escola Comercial. A Dra. Salomé Montenegro! Uma senhora muito gordinha, com aqueles joelhos roliços onde apetecia sentar e pedir colo! A querida Dra. Salomé fez uma grande festa à sua antiga aluna, que, muito envergonhada, lhe disse:

- Senhora Dra., eu digo-lhes (aos alunos, queria ela explicar e justificar-se) que não sou doutora, que me chamem senhora D. Maria do Carmo, mas eles dizem que isso é muito difícil de dizer.

E muito placidamente, a Dra. Salomé, como se lhe quisesse dizer “se tens sede, por que não vais beber água?”, replicou:

- E eu pergunto por que não vais tu tirar o curso. É uma pena, uma aluna como tu ficar por aí!

E ali na sala dos professores logo propagandeou que aquela “professora” tinha sido várias vezes a melhor aluna da Província de Angola, o que só serviu para embaraçar a protagonista do elogio. Que ficou sem palavras e logo na sexta-feira seguinte, quando o marido chegou do mato, lhe contou:

- Sabes, está agora na Escola uma senhora que já foi minha professora no liceu e... Contou-lhe a história, já a sabemos, É então que recebe outro choque eléctrico quando aquele Homem que Deus lhe tinha destinado, disse com a sua calma tão pessoal:

- Também já me tenho perguntado por que não vais tirar o curso.

- Como? Aqui? Com um filho e outro quase a nascer?

- E qual é o problema? Ficamos até ao fim do ano lectivo, depois pegamos no que pudermos levar e vamos para Portugal. Hei-de arranjar lá emprego, com certeza.

Com tanta inspiração, com tanto Amor e desprendimento, como poderia ela recusar o destino? Estava decidido: ia ser mesmo Professora de grandes!

PARTE 7: OUTRA VEZ EM PORTUGAL



No princípio de Setembro, sentaram-se a uma mesa, começaram a fazer contas e resolveram arriscar. Ambos ganhavam muitíssimo bem naquela altura e a vida era barata em Angola. Pagavam duzentos e tal escudos de renda de um andar, tinham cozinheiro, lavadeira, criada para os meninos, a Marta. Portanto, contas feitas, ideias arrumadas, já não fez o requerimento para dar aulas no ano seguinte, começaram a vender as tralhas para virem para Portugal, a distribuir galinhas e frangos por empregados, amigos e vizinhos. O marido tinha uma promessa de emprego para quando chegasse. Promessa, note-se!

Despediram-se dos amigos, brancos, negros e mestiços. Especialmente do Raimundo, o "branco de Macau", mestiço que era ajudante do marido no trabalho na Baixa do Cassanje. Pegaram no que tinham e queriam trazer, passaram o Natal em Luanda com os pais dela e depois meteram-se num daqueles grandes barcos de passageiros que levavam e traziam pessoas e mercadorias de um continente para o outro. Lembrou-se então do cozinheiro, de quem se tinha despedido quase em lágrimas e que lhe recomendara várias vezes:

- Não deixa o Carlinhos enfiar o barco na cabeça! (referindo-se vigias dos barcos).

Passaram o Ano Novo no mar e aportaram ao Cais da Rocha do Conde de Óbidos no dia 6 de Janeiro de 1966. Foram viver para casa dos pais do marido, numa aldeia do concelho de Condeixa-a-Nova. (Fig. 15)



Fig. 15 - A casa em Anobra, em 1966.

Chegaram no Inverno, o que foi uma provação. Naquele tempo, a aldeia não tinha água nas casas nem eletricidade. Não havia possibilidade de contratar alguém para ajudar, pois nessa época do ano as mulheres andavam a mondar e a replantar arroz, naquelas águas geladas do Mondego, com lama quase até à cintura, mas era a única altura em que eram bem pagas. E depois, a recém-chegada não era nenhuma doutora, ora essa, trabalhasse, então ela não era a neta de Fulana de tal? O que a ajudou a minimizar as dificuldades foi a sua sogra, uma mulher excepcional. Era uma senhora com um coração, com uma inteligência, com uma humanidade, com uma vivência extraordinárias. Ainda hoje há na aldeia quem lhe recorde a generosidade com que deu de comer a tantas crianças, sempre no resguardo da maior discrição. Uma inspiração! Quando, mesmo sem querer, comparava as suas condições de vida com as que tinha tido em Malanje, costumava dizer, para se animar: “Pareces o Pedro Cem, que teve e já não tem!”.

O tempo foi passando, o Inverno deu lugar à Primavera, seguiu-se o Verão e no fim da estação foi, finalmente, matricular-se em Filologia Germânica na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pois o curso não existia então no Porto.

PARTE 8: FINALMENTE, NA UNIVERSIDADE!



Capítulo 1: Também eles conhecerem o Senhor Cavia.

E por que falar no Porto? Porque o Manuel só tinha conseguido arranjar emprego na Junta Nacional do Vinho, seis meses depois de terem chegado, e em Gaia. Era o que havia, e o senhor Cavia é sempre muito prestável, desde que se lhe reconheça o préstimo... Infelizmente, por causa de o emprego ser em Gaia, ela não pôde usufruir de uma bela Bolsa que a Fundação Calouste Gulbenkian lhe concedera, em parte por já ter dois filhos e também pelas altas classificações que trazia de Angola. Teve de se matricular como voluntária, o que lhe retirava o direito à bolsa e obrigava (Fig. 16) a deslocar-se a Coimbra, para assistir a algumas aulas, duas vezes por mês.



Fig.16 - A Faculdade de Letras, onde só ia duas vezes por mês.

Valeu-lhes o irmão mais velho do marido, o Padre João, que vivia nas Torres do Mondego, uma freguesia de Coimbra. Com o seu pequeno Fiat 600 vinha buscá-la e trazê-la, a ela e aos filhos, tinha-os na sua pequena casa paroquial e providenciava alimentação e cuidados aos sobrinhos enquanto ela assistia às aulas possíveis. Além do Padre João, ficou a dever muito a um funcionário, o senhor Alves, a quem alguns acusavam de certos feitos mas que copiava os sumários e lhos mandava, à sua custa, para Gaia, onde eles moravam agora. Um dia, e ela conta isto por graça, quando chegou e procurou o senhor Alves, ele estava com um pequeno grupo de estudantes, raparigas muito novas, bonitas, no auge da minissaia. Com alguma deferência que ela não compreendia, ele cumprimentou-a e perguntou pelos “meninos”. Aconteceu então este delicioso diálogo:

- Tu tens filhos? Tu és casada?

- Sou, onde está a admiração?

- Vocês estão a ver isto? A gente esmifra-se para arranjar um homem e esta fulana, que não tem nada que a recomende, é casada e tem filhos!

- Olhem lá, vocês, por acaso, já tentaram usar saias mais compridas e largar a boquilha?

Grande risada do senhor Alves, a que “aquela fulana que não tinha nada que a recomendasse” se associou.

Foram anos de muitos sacrifícios, um só salário e pequeno, renda de casa, alimentação e... alguns poucos livros para saciar a sua vontade de ler ou estudar tudo para o que as bibliografias fornecidas pelos Professores apontavam. Mas é nestas alturas que a Fé convoca pequenos grandes milagres. Este foi tão grande que ela nem sabe se, sem ele, teria conseguido chegar ao fim!

Capítulo 2: O Milagre da Livraria Almedina.

Um dia, estava ela a namorar uns livros na Livraria Almedina, ali junto ao Arco do mesmo nome, ao fundo da Escada de Quebra-Costas, e não fazia a mínima ideia de que o Sr. Joaquim Machado, que era o dono da Almedina, e ela nem conhecia, estava lá por dentro a verificar se alguém rapinava alguma coisa. Parece que era frequente, com alguns estudantes mais afoitos, e nos casos em que ele os apanhava, retirava os livros furtados e resolvia o assunto com um par de bofetadas. Estava a namorar a *Paideia*. Custava uma fortuna, era muito caro, nem pensar em comprá-la. Mas a professora de História da Cultura Clássica tinha-a referido como de consulta imprescindível e claro que ela não podia andar pela Faculdade a fazer as consultas e por isso ali estava a namorar a *Paideia*. O senhor Machado deve ter ficado desconfiado lá dentro, pois ela olhava para a *Paideia*, pegava na *Paideia* e voltava a pô-la no sítio. Era em espanhol, uma versão espanhola, porque não havia ainda em Português. Estava na hora de se despedir dela e sair. Mas ele veio atrás da desconsolada estudante e disse-lhe:

— Olhe, venha cá, venha cá. Diga-me uma coisa: porque é que não leva o livro?

— Porque é muito caro.

— Mas precisa dele?

— Eu preciso daquele e de uns poucos mais.

— Então porque não leva?

— Não levo porque não posso. Não posso pagá-los, sabe porquê? Olhe, não moro cá, moro no Porto, sou voluntária, não tenho dinheiro para isso. O que o meu marido ganha não me permite comprar essas coisas. Nem lhe vou dizer nada para não o incomodar. O que eu tenho que fazer é procurar isto lá na Biblioteca do Porto.

— Não. Nós vamos fazer aqui um contrato: você leva este livro, leva outros que queira e paga quando puder, ou à medida que puder.

Meu Deus, que alegria! Aceitou, apeteceu-lhe abraçar-se a ele e, depois, andou durante três anos a comprar os livros de que precisava e ia pagando às pinguinhas.. Era a aluna que, praticamente, tinha mais livros. Ia pagando e comprando. Para pôr fim ao episódio, convém acrescentar que ela só pagou a última prestação quando já estava em S. João da Madeira, a trabalhar no Colégio Castilho. Chegou à Livraria, quis falar com ele, agradeceu-lhe profundamente, desta vez abraçou-o e disse-lhe:

- A próxima obra que vou comprar, e há-de ser a dinheiro, é o Pantagrue! Gosto muito de cozinhar.

O senhor Machado não disse nada, mas na terça-feira seguinte, na sua casa da Rua Alão de Morais, em S. João da Madeira, o carteiro deixou um pesado volume com o Pantagrue dentro, e o nome dela fora, oferecido por aquele Homem com um grande coração. Mantiveram-se em contacto durante muito tempo.

As aulas como voluntária não eram pêra doce, principalmente com Catedráticos que viam os voluntários com pouco apreço e ainda mais os que se atreviam a obter boas classificações. Entretanto, houve alteração do currículo, quando foram criados os bacharelatos e, de repente, ela viu-se com o bacharelato completo, o quinto ano feito, parte do 4.º ano, faltando-lhe apenas um Seminário para o completar. Só que o Professor que dirigia o seminário, a quem merecidamente os seus filhos tinham posto a alcunha de “Corvo”, depois de ela já ter comprado toda a obra de Bernard Shaw mais umas tantas sobre o escritor e a sua obra, (como tinha combinado com o Professor, visto que ele teria que estar de acordo com o tema) não lhe permitiu a matrícula, pois os alunos matriculados na cadeira teriam que assistir obrigatoriamente a dois terços das aulas. Nem pensar!

Por dever de justiça, tem de mencionar também que, em Coimbra, teve outros apoios inesperados. Ainda hoje os reconhece e agradece. Como a da D. Arminda Seguro, modista de noivas, que era comadre do cunhado dela, o Padre João. Essa senhora reparou que a estudante-mãe de família andava quase sempre com a mesma roupa e muitas vezes mal agasalhada naquele frio de Coimbra e um dia disse-lhe:

— Menina, eu vou-lhe fazer um casaco, um casaco comprido, à minha maneira. Compro o tecido e tudo e depois paga-me quando e como puder.

Como recusar aquela gentileza? Aquele casaco foi a sua salvação, de uma lã muito fininha, castanho cor de mel. Podia andar com ele até Maio e não precisava de trazer mais nada de especial, qualquer vestidinho servia para o efeito! Enquanto andou na Faculdade, e quando ia para Coimbra — lembremo-nos de que ela vivia em Gaia — usava sempre aquele casaco, que era o ‘tapa-misérias’. Durou imenso! Mais tarde, deu-o a quem precisou dele mas ainda hoje se arrepende de não ter guardado aquele “diploma”.

Capítulo 3: Dois anos em S. João da Madeira.

Tinha sido convidada pelo Director e proprietário do Colégio Castilho para ir ensinar Inglês e Alemão e agora era completamente impossível cumprir aquela exigência descabida de ir assistir a dois terços das aulas. Ela tinha concorrido para o Liceu de Gaia, mas não fora colocada e uma tarde, andava ela de joelhos no chão a esfregar o soalho, quando tocaram a campainha com uma certa pressa. Levantou-se, abriu a porta, e deu-se com um senhor não muito alto, com muito bom ar, que, sorrindo, lhe disse:

-Podia chamar a senhora D. Maria do Carmo? Preciso de falar com ela.

Bem, já nem sabe bem como deu a volta ao texto, mas disse que era ela, não tinha empregada e que o serviço tinha que ser feito. Ele apresentou-se era o Dr. Adácio Viieira Araújo, Director do Colégio Castilho, em S. João da madeira, precisava de uma professora para ensinar inglês e alemão e, como de costume, tinha ido aos liceus a ver o currículo e classificações de quem não tinha sido contratado. Deram-se tão bem que ela foi logo trabalhar daí a dois dias. Ia e vinha de camioneta, até resolveram alugar lá uma grande casa e quem ia e vinha passou a ser o Manuel.

Esteve dois saudosos anos a trabalhar no Colégio, com uma série de regalias extra: os filhos frequentavam o Colégio de graça, tinha transporte casa-colégio, colégio-casa, deu umas explicações de Português a um dos filhos do Director, mais uma vez sobre Os Lusíadas, e em breve tinha a seu cargo e com salário extraordinário, a preparação para o exame do 5.º ano de Português dos alunos luso-venezuelanos que tinham muitos problemas de expressão. Bendita seja para sempre a Dra. Hermínia Roberts pela forma como lhe ensinou a conhecer, amar, compreender e partilhar Os Lusíadas!

Estava, pois, a agora professora semi-Macau (era só bacharel) e a família a viver na terra dos sapatos e chapéus e o Manuel ia e vinha todos os dias para o Porto, então já como Técnico da Câmara Municipal do Porto. Ela já podia concorrer oficialmente às escolas e evitar que o marido tivesse que ir e vir todos os dias pela estrada nacional 1, cheia de trânsito, e com muitos troços em mau estado de manutenção. Mas o carinho e as manifestações de gratidão que tinha recebido no Colégio, a lembrança dos resultados obtidos a Português pelos “seus” alunos e alunas, tornaram tão difícil a decisão de sair, de se despedir do Director e da sua esposa, que precisou de um mês para ganhar coragem.

Vieram viver para Mafamude, Gaia, e foi colocada na Escola Preparatória Teixeira Lopes, em Gaia também, e ficou grávida da Joaquina. A partir de uma certa altura da gravidez, as joaninhas apareciam lá por casa e colavam-se à roupa dela. Os dois filhos que já tinha, o Carlos e o Rui, que, como os pais, não sabiam quem vinha, disseram que, se fosse menina tinha de ser Joaquina.

Capítulo 4: Agora começo eu!

Mas antes, quando chegou um dia a casa, vinda de Coimbra, onde fora repetir uma oral para subir a classificação, gritou para cima, para o terceiro andar, enquanto ainda estava à entrada do elevador: Acabei! Acabei!

E de lá de cima, o Manuel respondeu: Que bom! Agora chegou a minha vez!

Aqui está a medida do verdadeiro amor: desinteressado, generoso, capaz de se sacrificar pelo bem de outrem! Tinha aceitado todos os sacrifícios que os estudos da sua mulher lhe exigiam, tinha ficado sozinho grande parte de cada mês durante anos, tinha-se sujeitado à economia forçada para que ela tivesse os seus livros, o seu tempo, ajudou-a em muita pesquisa – e não havia internet... - e, afinal, também ele queria aumentar as suas qualificações académicas!

Entrou para a Universidade através do exame ad hoc de admissão para maiores de 23 anos, naquela altura mais fácil do que estar à espera de equivalências e foi um estudante-trabalhador brilhante na sua Licenciatura a Geografia, a que se seguiu imediatamente o estágio e logo o cargo de orientador de estágio durante alguns anos. O seu retrato, o seu perfil ficaria incompleto se não referisse que, desde a adolescência sofria de uma doença degenerativa rara da espinal-medula, umairingomielia, ou antes, vivia com a espada de Dâmocles sobre a sua cabeça, com a ameaça de um corte na medula que o paralisaria e levaria ou não à morte, dependendo do local onde se desse esse corte. Tem um enorme orgulho em poder dizer que nunca afligiram os filhos com esta doença, de que elas só vieram a ter conhecimento já quase adultos.

Este Homem bom foi um professor amado, especialmente na Escola Secundária Filipa de Vilhena e foi ainda o autor de uma vasta bibliografia de manuais escolares de Geografia, do 7.º ao 12.º ano, e de uma disciplina criada para o final dos cursos secundários, Introdução ao Desenvolvimento Económico e Social, geralmente designada por IDES.

A seguir à independência de Angola, foi requisitado por esse país, pessoalmente, embora através do Ministério da Educação e Ministério da Cooperação, para ir organizar o curso de Geografia de Angola, tendo igualmente elaborado manuais pro bono para esse país que ele também amava tanto.

A professora pede perdão por dedicar este espaço, que poderá parecer longo, para falar do marido. Mas o que teria sido dela sem este homem desprendido, paciente, calmo, generoso?

Capítulo 5: Está na hora de ser Professora a sério.

E o que tinha ela feito desde aquele dia em que dera a notícia de ter acabado e melhorado classificações em Coimbra e de o Manuel ter declarado o seu propósito de ir para a universidade? Engravidou da sua filha, fez o Curso de Ciências Pedagógicas enquanto estava a trabalhar na Escola Preparatória de Vila Nova de Gaia, a Joana nasceu em Julho de 1973, mas a uma quarta-feira, ela inscreveu-se para fazer o estágio pedagógico no ano de 1973-74. Foi colocada na então ainda designada por Escola Comercial Oliveira Martins, masculina, para fazer o estágio a Inglês e Português. Ter-se-ia submetido ao Exame de Estado no dia 1 de Maio de 1974, se não tivesse acontecido o 25 de Abril. Recorda com afecto e saudade o seu metodólogo de Inglês, O Dr. Joaquim Domingos Santos Costa, um verdadeiro gentleman. Teve muito boas classificações para a época, que não era de “larguezas” e, no ano lectivo de 1974-75 ficou na mesma Escola mas com um cargo: responsável pelo Refeitório.

A ginástica, a paciência e uma coisa que ela na altura não sabia que tinha, a resiliência (como vivemos tantos séculos sem ela?...) que lhe foram exigidas para enfrentar aquele tempo de falta de alimentos no mercado, de exigências muitas vezes desmedidas, de pressões de colegas para transformar o refeitório num restaurante de classe, ainda não estão esquecidas. Valeu-lhe o Espírito Santo que a levou à Casa da Manutenção Militar com o Domingos Rocha Rodrigues, do Conselho de Gestão, e entre pedidos e ameaças, conseguiu ter sempre produtos alimentares e a bom preço. Pois se havia comida a bom preço para soldados que já não estavam em guerra, por que não para os alunos carenciados?

Nesse ano começou a leccionar também cursos nocturnos, o que era mesmo um desafio: turmas muito heterogéneas na idade, num tempo em que começava a impor-se uma certa indisciplina – uma vez um aluno disse-lhe, de caras, na aula, que ele, bancário, ganhava muito mais do que ela! A resposta, rápida, veio-lhe nem ela sabe de onde:

- Olhe que bom! Deus o acrescente e a mim não me falte!

Não sabe explicar como nem por que razão, mas aquela frase, em vez de uma descompostura, valeram-lhe a estima e a defesa de todos. Foi nessa altura que lhe deram um nome que ela ainda hoje recorda com saudade: era a Senhora da Noite! Parecia um título de Jorge Amado...

Criou um laço muito forte com os alunos da noite, porque quis sempre saber por que faltavam, quais os seus problemas, de casa ou do trabalho, o que lhes perturbava o aproveitamento. Quando algum queria desistir, a professora “ameaçava” que o/a iria buscar a casa, porque com ela ninguém estava autorizado a desistir. E quando havia alunos muito bons – que os há sempre - e outros tantos muito pouco preparados, sempre conseguiu a colaboração dos primeiros para ajudar os segundos. Sempre voluntariamente! Este procedimento foi muito útil para mais tarde lidar e dar formação nos Cursos do Sistema de Ensino por Unidades Capitalizáveis.

Gostaria muito de dizer que esta relação especial com os alunos dos cursos lhe tinha vindo de ter lido Sebastião da Gama, o Poeta e Professor, que a morte levou muito cedo, talvez porque, como diziam os Gregos “morrem cedo aqueles que os deuses amam!”. Também Sebastião da Gama fora professor de cursos nocturnos e sabia-se que quando alguns alunos adormeciam, de puro cansaço, ele começava a falar mais baixo, para não os acordar.

Capítulo 6: Nem tudo foram rosas: dois anos para esquecer.

No ano lectivo 1975-76 foi colocada como efectiva na Escola Secundária de Vila Nova de Famalicão (havia uma norma muito interessante, que impedia que no primeiro ano um professor pudesse ficar efectivo a menos de 30km de casa...) mas foi requisitada pela recém-nomeada Directora da Escola do Magistério Primário do Porto, para a coadjuvar na direcção. Aí permaneceu durante dois anos difíceis, em que a pressão política se sobrepunha, muitas vezes, aos conhecimentos, empenho e competência dos alunos. Ser militante de alguns partidos era aprovação garantida, enquanto, para outros, trabalhadores e responsáveis, era preciso defendê-los.

Só tinha uma turma por ano mas apenas consegue recordar com orgulho o que conseguiu para as alunas de fora do Porto (eram mesmo só alunas): alimentação numa Escola sem refeitório, mini-refeições compartilhadas, assim como nos passes. Valeu-lhe estar nesse momento no SASE uma pessoa de coração: a Dra. Manuela Eanes.

Sem saudades, saiu para se integrar no quadro da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, com os seus alunos muito *sui generis*. Foi ali que ela decidiu pedir aos alunos que a tratassem por Professora, com a preocupação de desanuviar o ambiente que lhe pareceu pouco saudável entre os doutores e os mestres. Os mestres não tinham nenhuma licenciatura, tinham cursos, experiência, competência para produzir belas aulas práticas. Eram ourives, marceneiros, entalhadores e eram tratados por mestres. Mas os jovens, mais generosos, começavam a tratá-los também por Drs., como a tinham tratado a ela em Malanje, quando era “professora de Macau”. Eles eram professores, ela era professora, o seu título mais amado depois de Mãe.

Entretanto, o Curso de Germânicas chegara à Faculdade de Letras do Porto e ela esperou pacientemente que começasse o 4.º ano para realizar aquele famoso seminário que tinha ficado por fazer em Coimbra. Mas o currículo do Porto não era igual ao de Coimbra e a nossa já não tão jovem professora teve que fazer de novo o 4.º e o 5.º anos. E fez, não morreu nem adoeceu por causa disso. Diz, na brincadeira, que entre as duas faculdades fez cadeiras que dão para um casamento...

Capítulo 7: Não se pode ser trabalhador em Portugal...

No segundo ano de colocação nas Artes Decorativas Soares dos Reis fez parte do órgão de direcção, que então se chamava Conselho de Gestão. Relembre com saudade um grande Professor, o Dr. António Mouzinho, a quem os outros professores tinham um grande respeito que raiava o receio... A par com ela, no apreço e respeito àquele professor, estavam os alunos. O Dr. Mouzinho foi a sua grande biblioteca durante anos, o seu consultor de pedagogia e de literatura, o seu porto seguro para encontrar soluções..

Mas ela queria voltar a ser só professora e ao fim de quatro anos, conseguiu voltar à Oliveira Martins. Um primeiro ano sereno, com duas turmas de dia e o resto à noite. Um ano de que ela recorda como “conquistava” os alunos de dia pedindo-lhes que lhe ensinassem alguma coisa. E quantas coisas eles lhe ensinaram: os seus anseios, o que queriam fazer, as músicas de que gostavam, os medos. E o que ela lhes ensinou a eles! Especialmente a serem persistentes. A não desistir. A acreditarem em si mesmos.

Um só ano, porque logo a seguir entrou para novos trabalhos, outra vez na direcção, outra e outra vez, durante 9 anos. Naquela sexta-feira à tarde em que lhe apeteceu dar um estalo a uma pessoa que por lá andava e dizia que era professor, em que dificilmente resistiu à tentação, disse:

- Chega! Quero ver-me com alunos, não com gente desta.

Sim, porque há docentes que não merecem o nome de professores, porque nunca o foram e nada fazem para o serem. Nem sequer “dão” aulas, porque as vendem por alto preço. Não aguentou mais e apesar dos laços criados com tantos colegas, com alunos e alunas, de dia e de noite, resolver mudar de escola. Juntamente com o marido, concorreram e foram os dois colocados na

Escola Secundária Filipa de Vilhena, aquela que se veio a tornar a escola do coração deles, onde ficaram até à aposentação de cada um deles, ele em 2001 e ela em 2003.

PARTE 9: A ESCOLA DO CORAÇÃO



Fig.17 - A Filipa de Vilhena, escola do seu coração.

Capítulo 1: A Gestão Escolar.



Na Filipa e Vilhena começou por ter turmas diurnas do 9.º ano e turmas do secundário nocturno e quando foi lançado o Sistema de Ensino por Unidades Capitalizáveis, alinhou imediatamente. Realizou a formação que lhe foi oferecida, que lhe pareceu pouca, e fez pesquisas sobre pesquisas para fundamentar as suas estratégias. Em breve estava credenciada como formadora neste sistema de ensino, voltado prioritariamente para o aluno adulto, mas de muita exigência e alguma ubiquidade para o professor, coisa de que só tinha memória ter acontecido a Santo António. Ainda não tinha aparecido Harry Potter...

O seu entusiasmo, apesar do aumento do trabalho que o sistema exigia, devia-se ao sentimento de, no chamado “ensino regular”, se sentir por vezes incapaz de ajudar os alunos mais capazes a render mais. Numa turma normal, os alunos brilhantes tendem a tornar-se invisíveis para o professor, tão obrigado se sente a “tratar” aqueles que apresentam dificuldades. Não que ela alguma vez tenha sido apologista de turmas de elite, mas preocupava-se bastante em querer “continuar a ver” os bons alunos. No Sistema de Ensino Por Unidades Capitalizáveis o aluno trabalhava e avançava ou não ao seu próprio ritmo.

Mas logo no segundo ano a seguir à colocação nesta Escola, (Fig. 17), voltou a fazer parte de uma lista para a direcção, continuando a sua “especialidade” de ser responsável

pelos cursos nocturnos (as tais Unidades Capitalizáveis). Foi ficando (é o termo certo) até aceitar com muito gosto e boa vontade voltar a concorrer, naquela que seria certamente a última vez, porque seria um privilégio trabalhar com a professora que a tinha convidado, a Professora Paula Aires Pereira. Foi secretário do Conselho Executivo, última designação antes de se regressar aos directores.

A experiência de participar nos órgãos de gestão, excepto no último, deixava-lhe um certo travo de desânimo. Afinal, esteve quase 23 anos da sua carreira envolvida na direcção das Escolas. Alguém a obrigou? Nunca ninguém fez qualquer pressão, senão a da Amizade, no caso da última temporada. Mas, com o tempo, apercebeu-se que não se deveria ser muito empreendedor. Assim que uma pessoa começava a fazer mais do que lhe era pedido pelo cargo, assim que tinha uma iniciativa ou se oferecia para uma tarefa, era (e é) certo que, mais dia, menos dia, ia ser convidado para a gestão. Não é que ser membro de um órgão de gestão não tivesse aspectos positivos, porque, quando a equipa era boa, podia fazer-se algo de bom. Até em coisas simples, como organizar os horários de forma a resguardar os alunos mais frágeis perante alguns docentes. Quando um Conselho Executivo funcionava em equipa e a pensar nos alunos, acolhia propostas ou promovia parcerias interessantes. A Filipa de Vilhena teve uma parceria com o IPATIMUD cujos efeitos se fizeram sentir. Remodelou a sua biblioteca, ainda antes da renovação da Escola e convidou bons escritores para virem falar aos alunos. No caso da Informática, por exemplo, houve desde sempre uma envolvência da Direcção que fez toda a diferença, mas isso também porque tinha uma equipa de professores, naquela altura muito jovens, e que vestiam mesmo a camisola, e que se sentiam incentivados e respeitados. Todos os anos, a um sábado, realizava uma viagem de estudo para os alunos adultos e toda a Direcção os acompanhava, depois de um plano que tinha de ser pedagógico e do interesse dos alunos.

Um dos grandes problemas do seu pelouro de gestão era o do pessoal auxiliar de acção educativa, como então se designava. Porque não tinha formação, ganhava pouco e não tinha chefes de serviço que fossem líderes honestos e justos.

Como ganhavam pouco e não tinham formação, eram logo dois handicaps que tinha de enfrentar. Normalmente, notava-se uma grande subalternização das mulheres. Os homens não queriam fazer a limpeza, apesar de ela constar das funções que lhes eram atribuídas... Mas Conselho Executivo onde ela participasse, e porque ganhavam

todos por igual, todos faziam igual. Se houvesse trabalho de limpeza para fazer, fazia-se. A primeira vez que disse a um funcionário para limpar os vidros, que estavam imundos e eram altos, ele retorquiu, enfasiado: “Ah, Sra. Dra., eu limpar os vidros?!”, “Vai, sim senhor.”, “Mas eu nunca limpei!”, “Pois, olhe, agora é uma boa altura de começar, Sr. Miguel.” E pronto. E procurava que a distribuição das tarefas fosse equitativa, o que também era muito difícil, porque os chefes tinham muito poder, faziam ou tentavam fazer chantagem emocional, eles ameaçavam as funcionárias, e se uma pessoa não andasse em cima dos acontecimentos, (e ela não tem nem tinha qualquer pretensão de saber tudo o que se passava), havia pessoas que eram mais sacrificadas do que outras. E dentro das mais sacrificadas, lá estavam as mulheres.

No princípio do ano lectivo fazia o levantamento das salas, suas características, corredores, quartos de banho, ginásios, refeitório, secretaria, recepção, telefone, tatatata... e tentava fazer uma distribuição o mais equitativa possível. Mas as faltas de presença, especialmente do pessoal já efectivo, furava a justiça a todas as distribuições. Quando havia faltosos, o que acontecia diariamente, tinha que gerir aquela ausência e redistribuir o serviço.

Outro aspecto que muito a incomodou nas chefias e a levou a algumas reacções mais drásticas, era o facto de, volta e meia, verificar que as funcionárias eram ofendidas, por exemplo, oralmente, pelo vocabulário usado por eles, e de que abusam. Não eram respeitadores. E também não conseguia deixar sem resposta opiniões como estas:

- Ó Sr. Euclides, olhe que a D. Teresa está muito sobrecarregada, é uma pessoa frágil e está grávida.”

- Sra. Dra., muito bem está ela! Havia de ver o ano passado. Então o ano passado é que era injusto”.

- Mas o facto de ela estar melhor do que o ano passado, não quer dizer que esteja bem! Não está. Não está bem e eu não quero isto. Portanto, se faz favor, tire uma sala a esta senhora, dê a outro, tire mais aquela e dê àquele, porque aqueles estão mais aliviados.”

- Ah, então a senhora vai pôr o Sr. João, que já tem cinquenta e tal anos, a fazer limpeza?!”

- Olhe, eu tenho quase sessenta e também faço limpezas quando é preciso. Portanto, o Sr. João não é melhor do que a sra. Maria. O trabalho que é para a sra. Maria também é para o Sr. João.”

Era muito difícil, uma coisa que não dava prazer nenhum... excepto quando era possível dar alguma formação. Que nem todos queriam...

Com o tempo, a este problema juntou-se outro, que realmente a preocupou: começou a cansar-se, especialmente quando deu por si a sentir que estava a perder a sua fé na docência. Deve ter contribuído o facto de O Primeiro de Janeiro, de saudosa memória, a ter convidado a escrever sobre Educação. Fê-lo durante três anos, à sexta-feira, começou com uma coluna de 2000 caracteres, uma simples coluna, passou a meia página e quando terminou tinha uma página inteira para si. Esse compromisso obrigou-a a olhar ainda mais profundamente para o que se passava nas escolas e aí apercebeu-se de algo que lhe vinha escapando: os Conselhos Executivos tinham muito pouca autonomia e muita responsabilidade. Teve a certeza de que começava a perder algo precioso quando lhe apeteceu escrever cartas ao Menino Jesus a expor-lhe os problemas...

Sinceramente, olhando para trás, conheceu muitos bons professores, mas outros eram mesmo muito maus. Eram menos, sim, mas eram eles que estragavam a fruta na fruteira: um mau professor faz um mal imperdoável aos alunos, deve ser infeliz e consegue passar uma visão negativa sobre toda a classe. E o sistema de avaliação era tremendamente injusto, pois com um relatório muitas vezes até copiado, passavam de nível com um “Satisfaz” que não a satisfazia a ela.

Por isso, recusando-se a sair da Escola com a mesma classificação de “Satisfaz” que muitas dessas maçãs podres (perdoem o plágio futebolístico...), quando estava para atingir o último escalão, requereu uma prova, com um trabalho escrito e uma defesa pública, que lhe valeu a classificação de Bom com Distinção. Porque “Muito Bom” parecia queimar os lábios de quem tinha criado a legislação, tão raro era.

Capítulo 2: O Melhor são mesmo os Alunos.

Quando se tratava de casos da relação alunos-professores que chegavam ao C.E., começou a sentir que perdia a paciência com muita facilidade com os professores. Ainda chegou a pensar que seria da idade, mas não era, pois não perdia a paciência com os alunos. Perdia a paciência com a falta de brio profissional de muitos, com a falta de paciência de muitos professores, por eles não se lembrarem que já tinham sido também jovens, adolescentes... Com aqueles que vêem tudo pelo lado negativo, que dizem que é tudo mau, mas que não compravam um livro novo e só faziam formação à força. Aqueles professores que começavam um período com esta pergunta: “Quando é que começam as férias?”, que nunca sabiam de nada que se passava na Escola, que não iam a uma visita de estudo, que nunca tinham tempo ara nada.

Gostava e gosta de pessoas optimistas, activas, que se metem em iniciativas e actividades extra-escolares, que se envolvem, que têm orgulho na sua escola. Por isso andou metida em coisas em que até se podia expor ao ridículo, como naquelas férias em que deu aulas de culinária na cantina da escola para ocupar alunos em férias (e recebeu um louvor escrito!) ou quando resolveu apresentar um trabalho sobre os Testes como elementos de Avaliação, em sessão pública, com uma larga audiência de três colegas a assistir... Ou quando apresentou os problemas do Currículo Oculto e só teve dois assistentes...

Capítulo 3: Ensinar a estudar.

Quando começou a trabalhar com as Unidades Capitalizáveis, logo, com alunos adultos, apreendeu uma realidade que sempre tinha estado à frente dos seus olhos (e de quem quisesse ver): os alunos não sabiam estudar! Não sabiam ler para estudar, consultar um dicionário ou fazer pesquisa numa enciclopédia, ouvir o professor com proveito, não sabiam o que e por que sublinhar, encontrar as ideias principais de um texto, tirar notas e apontamentos, fazer um resumo, elaborar o seu horário de estudo de acordo com as suas disponibilidades de tempo, decidir por onde começar e porquê. Até aconteceu que, quando mostrou aos alunos a função de certas palavras e expressões que nós, professores, usamos quase automaticamente, nas aulas expositivas, houve risos.

Elas, essas palavras ou expressões, são, na maior parte das vezes, conectores, isto é, palavras de ligação, de conexão, e dão-nos pistas excelentes para melhor entender e seguir o que estamos a ouvir.

Digamos que as podemos classificar em três grupos:

- Palavras progressivas, isto é, que indicam que se vai alargar e desenvolver o que se está a dizer: e, além disso, também, conseqüentemente, portanto, logo, etc.;
- Palavras-pausa, isto é, indicam que não vamos avançar, mas vamos insistir na mesma ideia, provavelmente com alguma relação nova: já que, especialmente, com isto, porque, etc.;
- Palavras regressivas, isto é, que apontam para um retrocesso na informação ou uma oposição: mas, todavia, contudo, por outro lado, apesar de, pelo contrário, etc. E foi nesta situação que a professora se deu verdadeiramente conta de que, também nós, os professores, como emissores, muito podíamos fazer para facilitar a compreensão dos que nos ouvem, recorrendo, com propriedade a estas expressões.

Os alunos diziam que nunca ninguém os tinha ensinado a estudar e ela deixou de se questionar sobre a causa desta omissão. Pôs-se à procura de pistas, havia alguns materiais com técnicas de trabalho, mas não em Português, foi organizando as técnicas que lhe pareciam mais oportunas, realistas e eficazes e tomou uma decisão: decidiu “perder” três valiosas semanas de aulas para ensinar os adultos a estudar e, como pais, a transmitirem essas ajudas aos filhos.

A pedido de colegas de outras escolas, nunca a pedido da sua escola, começou a dar uma tarde de formação, apresentando as “suas técnicas de trabalho” Que foram “suas” durante pouco tempo, pois rapidamente apareceu um pequeno manual com o seu trabalho apenas reescrito e, em certos casos, sem sequer se terem dado a esse trabalho. Custa-lhe ter sido vítima de plágio, mas ainda mais porque toda essa formação que andou a fazer foi gratuita.

Foi nesta altura que se certificou da baixa auto-estima de muitos alunos adultos, e de como seria importante fazer surgir algum optimismo. Eles voltavam à Escola porque precisavam de mais habilitações, normalmente para progredir na carreira, mas muitos começavam vencidos à partida. Resolveu estudar a Teoria das Inteligências múltiplas de Howard Gardner – tinha chegado até ele nas suas pesquisas sobre o SEUC - e criou um longo questionário a que os alunos poderiam responder se quisessem, descobrindo as capacidades em que se sentiam mais aptos. Diz sem vaidade que foi um êxito por, perante a chave que concebeu com as achegas que Gardner e lhes forneceu, era possível a cada um encontrar um ou mais campos de actividade em que as suas capacidades sobressaíam.

Diz sem vaidade que foi um êxito: perante a chave que concebeu, com as achegas de Gardner e do Professor José Paz Rodrigues, e que lhes forneceu, era possível a cada um encontrar um ou mais campos de actividade em que as suas capacidades sobressaíam, e sentir-se mais capaz.

Talvez já esteja ultrapassado, mas era este o inquérito a que os alunos respondiam, se quisessem:

CONHECE-TE A TI MESMO! TESTE PARA IDENTIFICAR AS NOSSAS INTELIGÊNCIAS

1. Gosta de fazer jogos com letras, palavras ou números? (Palavras cruzadas, sudoku, etc.)
2. Costuma oferecer-se, em casa, para procurar números de telefone, horários?
3. Gosta mais de desenhar do que de escrever?
4. Gosta ou gostaria de poder fotografar e filmar a seu bel-prazer?
5. Gosta de adivinhas e de resolver jogos?
6. Quando lê um livro policial gosta de procurar as pistas e fazer também de detective? Ou quando lê a notícia de um crime no jornal?
7. Gosta de ler e por isso procura ter sempre algo para ler?
8. Gosta mais de trabalhar sozinho do que em grupo? Ou prefere o contrário?

9. Acha que os números não têm poesia nenhuma?
10. Sabe de cor os números que o identificam? (Cartão do cidadão e número fiscal)
11. Tem um número ou uma palavra da sorte?
12. Gosta de música? De ouvir? De tocar? De inventar?
13. A música relaxa-o(a)?
14. Gosta de estudar com música de fundo?
15. Gosta de comunicar com familiares e amigos por escrito?
16. Gosta de participar em debates? Prefere assistir?
17. Pensa por palavras ou por imagens?
18. Gosta de usar só uma cor na escrita e nos seus sublinhados ou prefere livros e cadernos coloridos?
19. Quando faz sublinhados usa um código de símbolos seu para realçar a sua importância relativa e/ou a sua emoção?
20. As cores têm muito, pouco ou nenhum significado para si=
21. Gosta de construir puzzles ou de fazer construções?
22. Gosta de efabular, contar as coisas à sua maneira, mesmo sem estar a mentir?
23. Gosta de fazer papéis diferentes? (O inteligente, o coitadinho, o espalha-brasas, etc.)?
24. Sabe adivinhas, lengalengas e/ou canções tradicionais?
25. Gosta de praticar desporto e da disciplina de Educação Física?
26. Gosta de aulas de laboratório?
27. Gosta ou gostaria de participar em concursos de mímica?
28. Gosta mais de chamadas ou de testes escritos?
29. Quando está a estudar ou a preparar um trabalho tem facilidade em organizar esquemas?
30. Tem à-vontade para expor as suas ideias e opiniões?
31. Quando solicitado a relatar algo, prefere contar ou escrever?
32. O que mudaria em si, fisicamente, se pudesse?
33. Está satisfeito com a sua altura? E com o seu cabelo?
34. Gosta de cantar? Sente-se à vontade para cantar em público, mesmo inesperadamente?
35. Quando está no meio da natureza sente-se bem, integrado? Gosta de saber o nome dos seres vivos e das rochas e minerais?
36. Interessa-se por programas sobre a natureza?
37. Prefere cinema, teatro ou TV?
38. Gosta de ficção científica?
39. Tem poetas ou poemas de que gosta muito?
40. Sabe textos de cor, especialmente poemas?
41. É capaz de inventar uma letra nova para uma música que já existe?
42. Sabe orações de cor? Há quanto tempo? Por que as aprendeu?
43. Nas férias, prefere ler, ver filmes e ouvir música?

44. Nas férias gosta de caminhar, nadar, dançar, fazer trinta por uma linha?
45. Gosta de ter muitos amigos?
46. Costuma ser escolhido para receber confidências?
47. Gosta da lógica e objectividade da Matemática?
48. Pensa que se fazem poucas experiências na Escola?
49. Gostaria de trabalhar no Teatro, Rádio, televisão ou cinema?
50. Tem sentido crítico objectivo e, por isso, costumam pedir-lhe opinião?
51. Consulta e usa as redes sociais com muita frequência?
52. Prefere amigos virtuais?
53. Publica factos e opiniões nas redes sociais que, por timidez, teria dificuldade em exprimir em público?
54. Tem facilidade de recordar pormenores de algo que presenciou ou em que participou?
55. Pensa que tem razão mais vezes do que os outros aceitam?
56. Pensa que é incompreendido?
57. É capaz de ver o ponto de vista dos outros?
58. Gosta mesmo de estar sozinho?
59. Quando compra um novo aparelho tem dificuldade em começar a trabalhar com ele?
60. É bom a mexer nos aparelhos lá de casa quando há uma avaria?
61. Desiste dos seus projectos com facilidade?
62. Qual a sua relação com o computador? Boa, sofrível ou detesta?
63. Sabe as datas dos aniversários de familiares e amigos?
64. É pontual? Assíduo?
65. Confia nas suas capacidades ou tem geralmente medo de não conseguir realizar o que se propõe?

CHAVE PARA AS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS

Eis a chave que os alunos tinham para identificar o(s) seu(s) tipo(s) de inteligência, a partir das teorias de Gardner conjugadas com as do investigador e Professor José Paz Rodrigues, nascido na Galiza e grande divulgador em Educação,

Que há de comum entre Albert Einstein, Cristiano Ronaldo, Richard Wagner e Kobe Bryant? Fácil, não é? Todos eles mostraram, mesmo os que já são nossos contemporâneos, que são ou foram excelentes nas suas actividades, ultrapassando largamente a média. De acordo com o psicólogo americano Howard Gardner, que chefiava, na década de 80 do século passado, na Universidade de Harvard, uma equipa de investigadores que tentava aprofundar o conceito de inteligência, não há um tipo único de inteligência, mas vários. Segundo ele, há sete tipos principais de inteligência e

todos nós temos um pouco de cada uma delas dentro de nós. Mas, ainda mais importante, cada um tem igualmente um ou dois desses tipos mais desenvolvidos e que se sobrepõem aos outros. Entretanto, o professor galego acima referido, tinha acrescentado mais duas, publicando o seu trabalho na Internet.:

1. “Inteligência linguística e verbal: Os componentes centrais da inteligência linguística são uma sensibilidade para os sons, ritmos e significados das palavras, além de uma especial percepção das diferentes funções da linguagem. É a habilidade para usar a linguagem para convencer, agradar, estimular ou transmitir ideias. Gardner indica que é a habilidade exibida na sua maior intensidade pelos poetas. Em crianças, esta habilidade manifesta-se através da capacidade para contar histórias originais ou para relatar com precisão experiências vividas. Como exemplos de pessoas que destacaram nesta inteligência temos Tagore, Pessoa, Jorge Amado, Neruda, Jiménez, Camões, etc.

2. Inteligência musical: Esta inteligência manifesta-se através de uma habilidade para apreciar, compor ou reproduzir uma peça musical. Inclui discriminação de sons, habilidade para perceber temas musicais, sensibilidade para ritmos, texturas e timbre, e habilidade para produzir e/ou reproduzir música. A criança pequena com habilidade musical especial percebe desde cedo diferentes sons no seu ambiente e, frequentemente, canta para si mesma. Destacados músicos como Bach, Mozart, Tagore, Vivaldi ou Verdi tinham muito elevada esta inteligência.

3. Inteligência lógico-matemática: Os componentes centrais desta inteligência são descritos por Gardner como uma sensibilidade para padrões, ordem e sistematização. É a habilidade para explorar relações, categorias e padrões através da manipulação de objectos ou símbolos, e para experimentar de forma controlada; é a habilidade para lidar com séries de raciocínios, para reconhecer problemas e resolvê-los. É a inteligência característica de matemáticos e cientistas, como Einstein, Newton, Bento de Jesus Caraça ou Madame Curie. Gardner, porém, explica que, embora o talento científico e o talento matemático possam estar presentes num mesmo indivíduo, os motivos que movem as acções dos cientistas e dos matemáticos não são os mesmos. Enquanto os matemáticos desejam criar um mundo abstracto consistente, os cientistas pretendem explicar a natureza. A criança com especial aptidão nesta inteligência demonstra facilidade para contar e fazer cálculos matemáticos e para criar notações práticas de seu raciocínio.

4. Inteligência espacial: Gardner descreve a inteligência espacial como a capacidade para perceber o mundo visual e espacial de forma precisa. É a habilidade para manipular formas ou objectos mentalmente e, a partir das percepções iniciais, criar tensão, equilíbrio e composição, numa representação visual ou espacial. É a inteligência dos artistas plásticos, dos engenheiros e dos arquitectos. Em crianças pequenas, o potencial especial nessa inteligência é percebido através da habilidade para quebra-cabeças e outros jogos espaciais e a atenção a detalhes visuais. Destacaram nesta inteligência o arquitecto António Palácios, o pintor Picasso, Michelangelo, Niemeyer ou o nosso escultor Faílde.

5. Inteligência cinestésica: Esta inteligência refere-se à habilidade para resolver problemas ou criar produtos através do uso de parte ou de todo o corpo. É a habilidade para usar a coordenação grossa ou fina em desportos, artes cénicas ou plásticas no controle dos movimentos do corpo e na manipulação de objectos com destreza. A criança especialmente dotada na inteligência cinestésica move-se com graça e expressão a partir de estímulos musicais ou verbais demonstra uma grande habilidade atlética ou uma coordenação fina apurada. Os grandes desportistas Ronaldo, Nadal, Pelé) destacam neste tipo de inteligência.

6. Inteligência interpessoal: Esta inteligência pode ser descrita como uma habilidade para entender e responder adequadamente a humores, temperamentos, motivações e desejos de outras pessoas. Ela é melhor apreciada na observação de psicoterapeutas, professores, políticos e vendedores bem-sucedidos. Na sua forma mais primitiva, a inteligência interpessoal manifesta-se em crianças pequenas como a habilidade para distinguir pessoas, e na sua forma mais avançada, como a habilidade para perceber intenções e desejos de outras pessoas e para reagir apropriadamente a partir dessa percepção. Crianças especialmente dotadas demonstram muito cedo uma habilidade para liderar outras crianças, uma vez que são extremamente sensíveis às necessidades e sentimentos de outros. Gandhi, Tagore, Luther King e Mandela destacavam neste tipo de inteligência.

7. Inteligência intrapessoal: Esta inteligência é o correlativo interno da inteligência interpessoal, isto é, a habilidade para ter acesso aos próprios sentimentos, sonhos e ideias, para discriminá-los e lançar mão deles na solução de problemas pessoais. É o reconhecimento de habilidades, necessidades, desejos e inteligências

próprios, a capacidade para formular uma imagem precisa de si próprio e a habilidade para usar essa imagem para funcionar de forma efectiva. Como esta inteligência é a mais pessoal de todas, ela só é observável através dos sistemas simbólicos das outras inteligências, ou seja, através de manifestações linguísticas, musicais ou cinestésicas. Com este tipo de inteligência destacaram Confúcio, Buda, Jesus ou a Madre Teresa de Calcutá.


8. Inteligência naturalista: Este e os seguintes modelos de inteligência foram incorporados posteriormente por Gardner. A naturalista tem muito a ver com o desfrute do ser humano de tudo aquilo que envolve a Natureza: animais, plantas, flores, ecologia, relações entre os seres vivos, os rios, o mar, o céu, os astros, sol, lua, a beleza da paisagem, etc. Nas crianças há uma tendência inata para apreciar os animais e as plantas, por isto desfrutam nas escolas cuidando dos jardins e dos parques escolares. Entre os que destacaram neste tipo de inteligência temos Darwin, Mendel e mesmo Francisco de Assis.

9. Inteligência existencialista: Podíamos relacioná-la também com a afectiva e emocional. É própria de pessoas que desfrutam ajudando os demais. Amantes da paz e da não-violência, de fomentar o respeito entre todos os seres, da irmandade humana, da solidariedade e da compreensão. Tagore, Gandhi, Dalai Lama, João XXIII e o Papa actual Francisco estariam dentro dos que destacam nesta inteligência muito relacionada com os sentimentos positivos e do amor ao próximo. Que também há que cultivar entre as crianças, fomentando as aprendizagens apreciativas e a educação para a paz.”

Um pouco longo, mas ser-nos-ia impossível falar do assunto em menos espaço. E vale bem a pena, para sabermos que cada um de nós é inteligente à sua maneira. Temos que descobrir os nossos pontos fortes!

PARTE 10: RECORDAÇÕES PARA SEMPRE

Prof: Maria do Carmo Cruz



CONVITE

Os Alunos do 11.º Ano, Turma I, têm o prazer de convidar todos os elementos da comunidade escolar

Escola Secundária Filipa de Vilhena

para a apresentação do seu **Projecto de Trabalho Área-Escola**, que terá lugar no dia **23 de Abril, quinta-feira**, no Ginásio Grande, de acordo com o seguinte horário:

1.ª Sessão: 10.30h
2.ª Sessão: 14.30h
3.ª Sessão: 16.30h

PROGRAMA

1. Apresentação da Programação
2. **Sonhos Reais**
(ou o que acontece aos Reis quando têm indigestão)
3. **Júpiter De Cid**
(ou as atribulações de quem quer arranjar uma boa reforma)
4. Telenovela - **A Rota prà Índia**
(ou o que acontece quando os anéis ficam sem os dedos)

Capítulo 1: Um Professor é sempre professor.

Costuma dizer que passa a vida a dar aulas, isto é, que é sempre professora. Nas salas de aula, nos corredores, no bufete, na sala dos professores, porque um professor é sempre professor. Não pode deixar de reagir como professora só porque não está na sala. E também porque sentia que as funções directivas lhe roubavam muito o contacto com os alunos. Agora, faz de professora até no atendimento das lojas, nos supermercados, onde lhe parece que vale a pena. Claro que nem sempre é bem recebida, mas não desiste.

Foram eles, os alunos, até hoje, aqueles que lhe ofereceram as experiências mais gratificantes. Daquelas que marcam. Como o caso daquela aluna de um curso nocturno que lhe entregou o teste para avaliar uma Unidade, que, ao fim e ao cabo, funcionava como um exame que determinava a sua passagem à Unidade seguinte, e que daí a uma hora foi ter com ela à Sala da Direcção e perguntou:

- Professora, a senhora já corrigiu o meu teste?
- Não, ainda agora o fez, Carolina! (nome suposto)
- Então, sra. Dra., por favor, não o corrija. Rasgue-o!
- Porquê?
- Olhe, só lhe peço que o rasgue, por favor. rasgue-o.
- Mas está assim tão mau? Vocês são tão negativos... Se calhar até está bom...

Quase a chorar, atalhou:

- Então, professora, não o veja, logo que não o quer rasgar, não o veja até ter notícias minhas.

Pranto, 'notícias minhas', o que é que a professora pensou? «Correu-lhe mal, ela vai dormir sobre o assunto, e daqui a dois dias ...»

Não, meus senhores, daí a dois dias, recebeu uma carta pelo correio, que guardou religiosamente, com o selo e tudo, em que ela dizia: «*Sra. Dra., eu quero pedir-lhe que não considere o meu teste, que o rasgue, porque eu tenho vergonha. Porque eu vou-lhe dizer uma coisa: eu, por forma que agora não lhe digo, tive acesso ao teste antes e, portanto, eu sabia tudo o que ia sair, e acho que a senhora não merece que lhe faça uma coisa destas.*»

Não é a única carta que guarda na pasta do seu currículo, juntamente com os louvores lavrados em Acta quando saiu das Escola Soares dos Reis e da Filipa de Vilhena, propostos pelos Conselhos Pedagógicos. Todos os alunos a avaliaram no fim da carreira.

Capítulo 2: A Psicóloga de serviço.

Não se tem por uma professora excepcional, mas sente-se realizada pela abertura que os alunos sentiam nela, pela confiança que depositavam na sua opinião, pela generosidade com que recebiam “outro tipo de lições”. Gostava de conversar com os alunos, mas eles também a procuravam. Houve uma altura em que houve muitos divórcios e comovia-a o facto de alguns rapazes, individualmente, claro, irem ter com ela para desabafar, para tentar perceber o que tinha acontecido aos pais. Marcava um ponto numa folha de papel e fazia sair desse ponto duas linhas, com o mesmo comprimento, dizendo:

“Estas duas linhas a sair deste ponto são os teus pais quando se casaram. Estavam no mesmo patamar, viam tudo da mesma maneira. Depois, a vida, o trabalho, as circunstâncias, são tantas as causas, fazem com que as linhas da vida de cada um não cresçam ao mesmo ritmo, talvez nem sequer na mesma direcção. Quando isso acontece, é preciso que haja inteligência, compreensão, tolerância da parte dos dois para manter a ligação. Não existe culpa, não deixaram de gostar de ti, ninguém rompe um casamento sem sofrimento. O teu sofrimento, o deles, o do resto da família. Tenta não complicar nem tomar partido, por muito difícil que te pareça. Não consegues imaginar como o Tempo cura.”

Ela bem sabia que a sua explicação não era, muitas vezes, verdadeira, mas nem sempre a mentira é filha predilecta do demónio e sabia que os acalmava, que aquela explicação tornava menos doloroso o corte. Ficava feliz quando os ouvia dizer que se via por que o casamento deles (ela e o marido, claro) era feliz.

Lembra-se dos namoros curtos em que alguém era preterido e pensava que era o fim do mundo. Recorda aquele caso da aluna que arranjava sempre pretextos para dizer mal do pai, que estava desempregado, em casa. Da coragem que foi preciso para resolver o assunto entre portas, como se costuma dizer. Das vezes em que, discretamente, convidava uma aluna a ficar no fim da aula para lhe dizer que, a não ser por necessidade, não ficava bem usar um sutiã branco com um top preto ou vice-versa, que havia uma coisa que se dizia em inglês, “dress code”, que nos dizia que nem toda a roupa era admissível em algumas circunstâncias.

Capítulo 3: Aquela Área-Escola.

Esta proximidade ajudava-a a ser mais humana, a acreditar mais em si própria. Foi o que sentiu quando lhe pediram que coordenasse uma Área-Escola, quando passou a ter apenas aulas de dia e ensinava Técnicas de Tradução de Inglês. Tinha sempre duas turmas, as Turmas I e J, que acompanhava no 10.º e no 11.º anos. Uma dessas, a Turma I, só tinha raparigas, boas alunas, educadas, mesmo delicadas. Era aquela turma inesquecível em que o professor podia ser ele mesmo, não tinha que se defender de nada.

Um dia, ano lectivo 1997-98, juntaram-se todas e pediram-lhe para as orientar na Área-Escola. Essa função era geralmente exercida pela directora de turma, pelo que ficou surpreendida quando lhe disseram:

— Ó professora, olhe uma coisa, temos que fazer uma área-escola. Mas como sabe, a nossa directora de turma não gosta e tem raiva a quem gosta da área-escola.

— Não digam isso, não sejam queixinhas e antipáticas. Isso é verdade?

— É verdade. — (Era uma belíssima professora de Português, mas não aderiu a essas coisas.)


— Então, o que é que vocês querem fazer?

- Ó professora, a gente tem tudo preparado. Queremos só que coordene.

É claro que teve que dar uma palavra à directora de turma, que até ficou aliviada e depois resolveu aceitar. E divertiram-se tanto a fazer aquilo! Foi das coisas mais divertidas em que participou. Porque elas eram muito criativas. E ela pensava “que pena não me reformar este ano!” Para ficar com essa recordação.

De que constava o projecto? Era no ano 1998, portanto o ano da Expo, dos oceanos, e elas fizeram toda aquela a Área-escola sobre isso, mas pegaram-lhe sob a forma de apresentação do programa diário de televisão. Uma noite de televisão. O papel da professora foi arranjar uma pessoa para as ensinar a entrar e a sair de cena, um operador de câmara, e pôr-lhes “água nas fervuras”, para limar umas saídas um bocadinho mais picantes... Todas as quintas-feiras de manhã, porque a turma e a professora não tinham aulas, eram dedicadas aos ensaios. (Figuras 18 e 16)

Prof. Maria do Carmo Cruz



CONVITE

Os Alunos do 11.º Ano, Turma I, têm o prazer de convidar todos os elementos da comunidade escolar

Escola Secundária Filipa de Vilhena

para a apresentação do seu
Projecto de Trabalho Área-Escola, que terá lugar no dia
23 de Abril, quinta-feira, no Ginásio Grande, de acordo com o seguinte horário:

1.ª Sessão: 10.30h
2.ª Sessão: 14.30h
3.ª Sessão: 16.30h

PROGRAMA

1. Apresentação da Programação
2. **Sonhos Reais**
(ou o que acontece aos Reis quando têm indigestão)
3. **Júpiter De Cid**
(ou as atribuições de quem quer arranjar uma boa reforma)
4. **Telenovela - A Rota prà Índia**
(ou o que acontece quando os anéis ficam sem os dedos)

Fig. 18 - Cartaz da Área Escola.

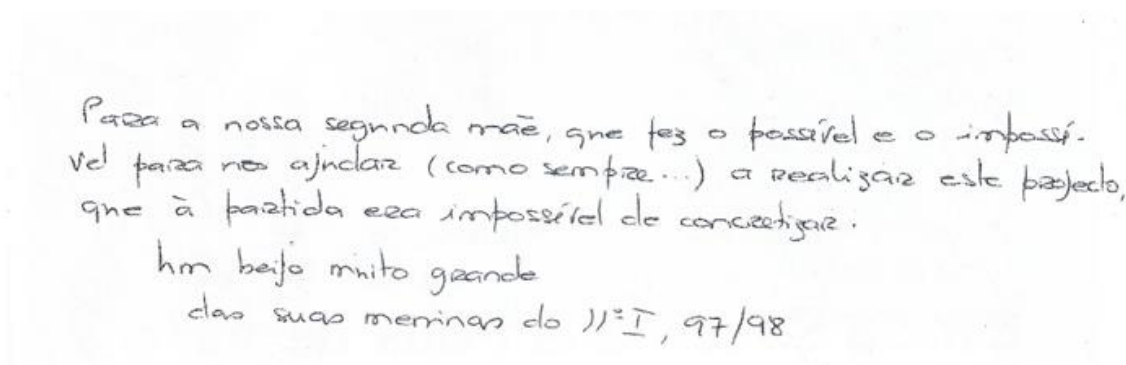


Fig. 19: O agradecimento filial.

Resultou uma coisa linda, que gostou imenso de fazer com as alunas. E mais: provava como uma Área-escola, de facto, podia ser útil, em todos os sentidos. Em termos de relações humanas e em termos de aplicação! Porque aquilo era uma galhofa

do princípio ao fim, mas a turma aplicava os conteúdos em estudo. Lá aparecia o velho do Restelo, o sonho de D. Manuel com os dois grandes rios, a emigração em massa para as terras descobertas para enriquecer depressa. Os diálogos eram hilariantes e ainda hoje ninguém lhe tira da cabeça que o slogan “Novidades, novidades, só no Continente” lhes foi roubado. De facto, num dos diálogos, quando uma esposa dizia ao marido, que ia partir para a Índia, que tinha uma novidade, ele, cheio de pressa, interrompeu-a: “Não, novidade, novidade só no outro continente!”

Esta Área-Escola foi apresentada ao público, no ginásio da escola e teve tal êxito que tiveram que repetir a exibição várias vezes, sempre com ginásio cheio. Ah, e não pode deixar de mencionar que uma colcha pirosa até dizer chega, que tinha recebido como prenda de casamento, foi um magnífico manto real para a Sara Martinho no papel de D. Manuel !.

Capítulo 4: Mais umas gabarolices para acabar em grande 1998.

Antes que se esquecesse, escreveu quase tudo o que fizeram e disseram naquela Área-escola, mas, nesse mesmo ano, também no 3.º período, teve mais um momento alto da sua vida professoral. Esta turma I estava em constante competição com a turma J, com muito boa gente, mas talvez com menos talentos, de uma maneira geral. Ora no 11º ano, a professora decidiu que um determinado teste de Técnicas de tradução, que teria como tema “A Publicidade”, seria diferente do habitual.

Já tinham concluído que a publicidade e a poesia eram dois tipos de textos muito difíceis de traduzir por causa da mensagem oculta, da subjectividade. Tinham traduzido muita coisa e resolveu apresentar a seguinte proposta:

- Hoje não vamos propriamente traduzir. Gostaria que inventassem um slogan, em Português e depois o vertessem para Inglês, a um produto real ou imaginário. Criem a marca, definam o meio que escolheriam para difundir a publicidade e apresentem os passos para concretizar. Podem consultar o manual.

Foi então que uma aluna, a Daniela, excelente - ainda adolescente já tinha uma bela madeixa branca, que lhe nascia mesmo na raiz da testa, tal como a professora e por isso dizia que “Deus as tinha marcado” - lhe disse com ar preocupado:

— Ó professora, eu hoje não estou nada inspirada. Não sei o que é que hei-de vender.

— Olha, vende-me a mim!.

— Vender a professora?

- Porque não? É que eu hoje, no noticiário, ouvi dizer que venderem o Figo...

E a Daniela, muito veemente:

— A professora não diga mais nada, não diga mais nada.

E então fez um anúncio que a professora conservo, é um dos seus diplomas mais estimados. O que é que ela compôs?

Vende-se: Uma professora de TTI

Slogan: Se quiser ter o sol na sua vida, compre esta professora de TTI

Meio: Vídeo, a divulgar pela televisão

Primeira cena: sala de aula — pela janela, vê-se o sol lá fora, as flores no jardim, ouve-se o mar, sente-se o ambiente de um jardim... Dentro da sala há silêncio, só se ouve um som monocórdico e predomina o tom cinzento.

Segunda cena: a professora de TTI aproxima-se, o cinzento começa a mudar de cor, entra, espera lá, entram as flores, entra o sol...

Terceira cena: Há diálogo, há boa disposição, há sorrisos.

E o que aconteceu na Turma J?

A Turma J tinha o mesmo teste imediatamente a seguir, não se preocupou, não era teste de copianço. Lá aconteceram as mesmas perplexidades iniciais, mas a n.º 2, a Andreia, por coincidência ou “espírito santo de orelha” também pensou em vender “a mesma mercadoria”. Mas de uma forma completamente diferente.

É preciso recordar ou informar que o marido era professor de Geografia das mesmas turmas e que o afecto entre ele e os alunos e alunas chegava a causar-lhe – a ela - uns certos despeitos...

Pois a Andreia, depois de escolher a rádio como meio de divulgação, no sistema de televendas, fazia uma descrição exaustiva da professora, tanto física como profissional, incluindo a informação de que ela sabia fazer profiteroles, e seria uma óptima aquisição para dar aulas aos filhos de quem a comprasse. Terminava assim:

“Este produto não está à venda nas lojas! Se quiser adquirir esta professora, ligue para o...” (lá pôs o número de telefone certo, que sempre dera aos alunos, para a poderem contactar se tivessem necessidade), e em “Nota” A primeira pessoa que telefonar para comprar esta professora, leva de brinde um óptimo professor de Geografia.”

Se eram testes, como é que a professora ficou com eles? Com um truque: corrigiu os testes, avaliou-os, entregou-os e pediu-os de volta, para lhe serem entregues na aula seguinte. Deu a justificação de que gostariam de os guardar como exemplo de uma forma diferente de avaliar. Pediu-os todos, claro, mas os que estão por cima do lote são estes dois.

Capítulo 5: Podemos ser professores na rua?

Já em 2003, quando andava na Loja do Cidadão a tratar das diligências por causa da sua viuvez, um dia, vinha ela já ao lado da Igreja de Santo António das Antas, quando duas garotas atravessaram a rua, sem sequer olhar para o semáforo, aproximaram-se dela e perguntaram assim:

- Olhe, sabe como é que podemos ir daqui para a Escola Ramalho Ortigão?

_ Olhe? Olho para onde? Olhe não é nome de ninguém. Estas duas meninas tão lindas, que querem ir para a Escola Ramalho Ortigão, vão passar outra vez para aquele lado da rua, e vamos fazer como no teatro. Vamos ensaiar: só passam quando estiver verde para os peões e depois voltam para aqui e perguntam assim: “Bom dia. Pode dizer-nos, por favor, como se vai para a Escola Ramalho Ortigão?”

Não sabe o que elas pensaram, mas medo não tiveram, porque ela tem um ar muito inofensivo e cara de avó. Mas a verdade é que voltaram para o outro lado da rua, regressaram para junto dela quando o semáforo estava verde para peões e repetiram a pergunta como devia ser, ao que ela respondeu:

- Ai que meninas tão bem educadas! É pena não ter tempo, porque senão até ia lá convosco, mas é assim: vão em frente até...

Perguntou-lhes como se chamavam mas disse primeiro o seu nome, e, em ar de brincadeira, ainda lhe disse que, em Portugal, se dizia “Se faz favor” e “Obrigado/a” e que não era simpático chamar a atenção das pessoas chamando-lhes “Olhe”. É claro, que como eram pouco mais do que crianças, não lhes disse que “Olhe” era nome de sogra... Deve ser um petit nom!

Elas agradeceram e, antes de virarem as costas, uma perguntou-lhe: - “A senhora é professora, não é? “

São estas coisas que tornaram a vida de professora uma maravilha.

Capítulo 6: E deu mais alguma coisa à Escola?

Bem, quando a Escola comemorou o seu cinquentenário, que também poderia ser o seu centenário, escreveu um pequeno livro com a sua história. Teve a colaboração de uma antiga colega que tinha sido Directora da Filipa antes e depois da Revolução dos Cravos, a Dra Maria Alice Castro, providenciou antigas pautas, cursos, mudanças, fotografias. Publicaram um belo volume, de capa dura, sobrecapa em papel azul. Tinha mexido os seus cordelinhos, conseguiu o apoio total daquela tal editora escolar com quem colaborara. Mil exemplares, em capa cartonada e em capa dura, sem qualquer custo para a Escola. (Fig. 20)

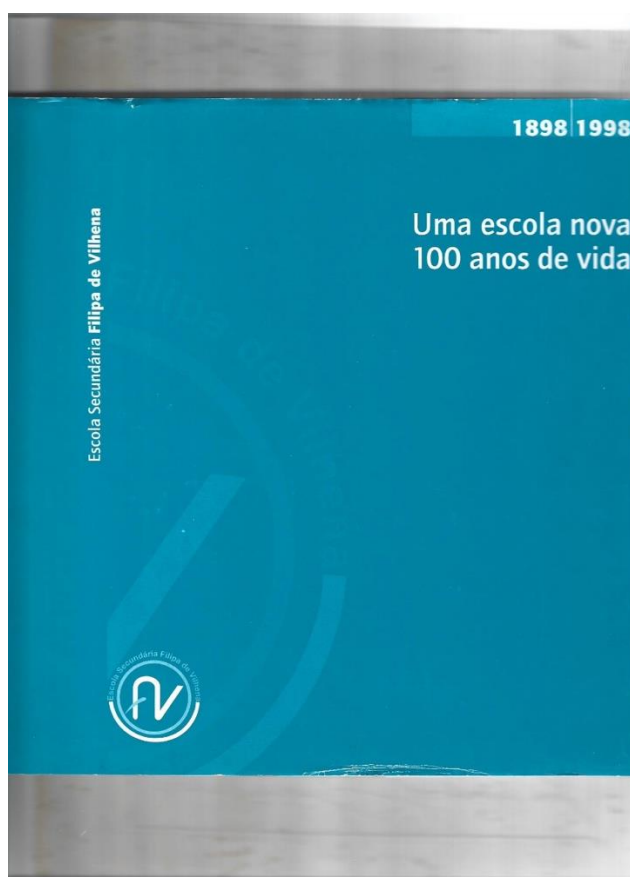


Fig. 20: Livro da Escola: Cinquenta ou cem anos?

Os alunos pediram-lhe para, num colóquio em que eles promoviam saídas profissionais, lhes falar de como se sentia como professora, e o que era, na sua opinião, um bom professor. Talvez lho tivessem pedido porque lhes tinha proporcionado visualizar um filme que ela muito aprecia: “Teachers!” Este filme, de 1984, considerado uma comédia negra sobre escolas e professores na América suburbana, tem algo que a

toca, pois nele aparecem exemplos de vários tipos de professores e os alunos reconheciam-nos. Não só eles, de facto...

A professora fez várias cópias deste filme e até mandou uma ao Senhor Ministro da Educação que agradeceu a oferta telefonicamente e lhe sugeriu que a usasse numa sessão de abertura de um ano lectivo... Ela respondeu ao senhor ministro que achava uma boa ideia mas não tinha seguro de vida...

Voltando ao perfil do bom professor, fez um levantamento honesto das qualidades que considera indispensáveis: espírito optimista, sentido de humor, criatividade, gosto pela mudança, sentido de responsabilidade, capacidade de interacção, sentido da verdadeira justiça, conhecer bem a diferença entre igualdade e equidade, estar seguro do que tem a ensinar.

Também lhes disse que o professor deve ter sempre disponível um lenço, um ombro e uma esferográfica. E que não há mal nenhum se uma vez, muito de longe em longe, parecesse pateta. Para que os alunos soubessem que o seu professor ou professora era de carne e osso...

Essa frase não é sua, é de uma obra que costumava recomendar muito, “501 Dicas para Professores”, da editora Replicação. E a última dica é esta: “Você é professor? Congratule-se. Não há nada melhor.”

Promoveu pelo menos duas visitas de escritores à Biblioteca da Filipa, que falaram aos alunos da sua experiência como pessoas e como escritores. Estiveram lá Manuel António Pina e Lídia Jorge.

Promoveu igualmente um concurso de escrita criativa, integrado nas comemorações natalícias, e em que os alunos poderiam concorrer em Português, Inglês, Francês ou Alemão. (Fig. 21)

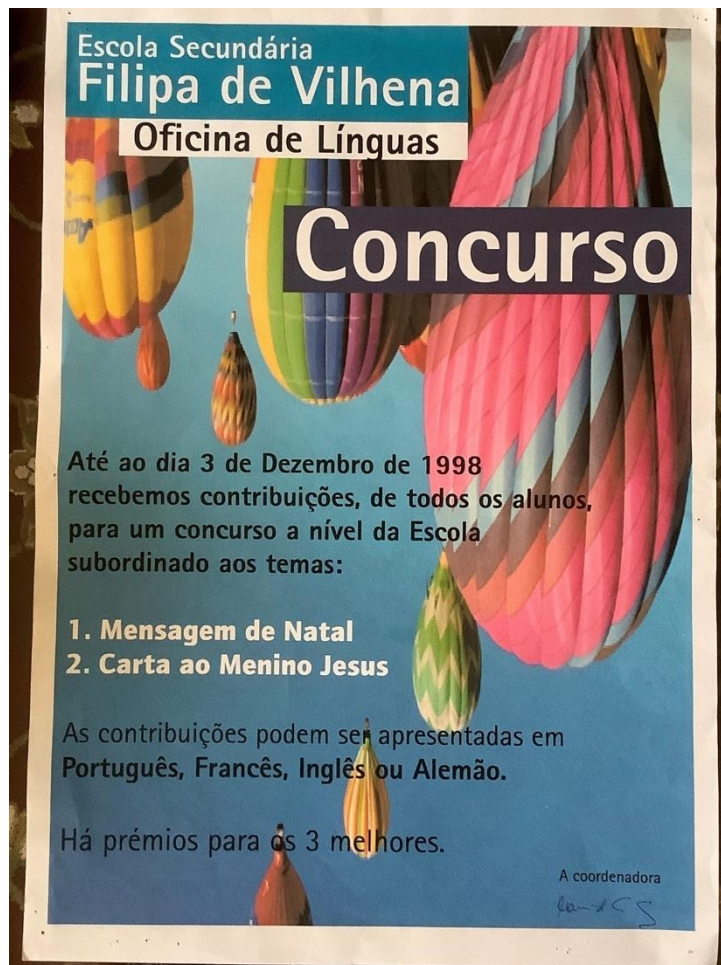


Fig. 21: O cartaz da Oficina de Escrita.

Foi também perto do início de umas férias de Natal, talvez em 1999, que ocorreu algo que a impressionou. No âmbito de uma campanha para angariação de brinquedos para crianças necessitadas, foi tarefa sua ir a algumas salas de alunos do ensino secundário falar sobre o assunto. Referiu a importância de que um brinquedo, um só que seja, se reveste para uma criança desprovida. Numa turma predominantemente masculina, notou algum cepticismo que lhe doeu, primeiro pela juventude dos descrentes e depois porque lhe parecia que era “dor de barriga cheia”.

Deu por si, de repente, a falar do sentimento de perda, de infelicidade mesmo fisicamente dolorosa de não receber um presente no Natal, quando se vêem as outras crianças com tantos. E, sem se dar conta, em breve estava a contar-lhes uma história que tinha lido no jornal A Província de Angola, em 1952, e que lhe tinha ficado marcada a fogo no coração. Era um poema, não sabe qual era o autor, ela tinha 10 anos e só fixara a estrofe final. Aqui vai a história.

Uma lavadeira, negra, é claro, levava sempre o seu pequeno, de uns seis, sete anos, com ela, quando ia buscar a roupa à senhora para quem trabalhava. Lá existia um garoto branco da mesma idade, talvez um pouco mais velho, que, uma vez, excitadamente, lhe disse que ia ser Natal daí a dias e o Menino Jesus lhe viria pôr muitos brinquedos no sapatinho. O garoto negro lamentou então o único senão que se opunha a que ele também fosse beneficiado: não tinha sapatos. Mas aí, com a generosidade das crianças, o menino branco disse que estava o caso resolvido, porque ele próprio lhe ia oferecer uns sapatos velhos que tinha. E, depois de pedir à mãe, foi o que fez.

O negrinho levou os sapatos para a sua cubata de musseque, colocou-os ao pé do lume, à noite, quase só brasido já, mas uma cabra que também dormia dentro da cubata, na sua fome eterna e um estômago capaz de digerir pedras, empurrou os sapatos para as brasas e, no dia de Natal, nem brinquedos nem sapatos aproveitáveis. Quando a lavadeira voltou a levar a roupa, o menino branco mostrou todos os seus presentes ao amigo negro e depois perguntou-lhe o que tinha recebido. E o menino negro respondeu. Respondeu nessa estrofe que foi a única que a professora fixou e que ali lhes recitou, com a voz já um tanto trémula:

"Menino Jesus não foi no meu cubata,
ou com medo que a gente comesse Ele,
ou receio, talvez, que minha pai lhe bata.
Branco é rico, vive felizmente,
Mas preto, ser mais pobre que ninguém,
Está tão coitadinho, tão marmente*,
Que nem um Jesus para ele tem".

Seguiu-se um silêncio tão gritante que ainda HOJE a comove. E jura que havia muitos olhos demasiado brilhantes. E aquela turma, da Escola Filipa de Vilhena, foi capaz de dar muitas alegrias a alguns meninos, naquele ano.

*Marmente_ Malmente, muito mal

Concluindo, foram os alunos e a Escola que lhe deram algumas das maiores alegrias, que lhe proporcionaram momentos extremamente gratificantes, que a têm ajudado a manter-se mais jovem, pelo menos por dentro. Quem é que pode envelhecer no meio de tanta juventude? Por isso, se fosse preciso, voltaria a fazer todos os

sacrifícios para se poder sentir como membro do que considera uma das mais nobres profissões do mundo.

PARTE 11: DEUS TIROU-LHE O CHÃO



Capítulo 1: A festa dos 40 anos

A vida familiar, nesta fase, era uma graça de Deus! Filhos criados, casados, já fora de casa, era uma vida sem história, como a das famílias felizes. Estavam em velocidade de cruzeiro, sem grandes ondas. (Fig. 22) O Manuel reformou-se em 2001, não só porque tinha começado a trabalhar antes dela, como porque o tempo de trabalho em Malanje contava a dobrar, como incentivo para que as pessoas aceitassem trabalhar em zonas perigosas. Ela continuava com as suas turmas I e J, sempre renovadas ano a ano e sempre com gente que só lhe dava satisfação como professora e como pessoa.



Fig.22 - Se fosse numa revista cor-de-rosa, diriam que eles eram “muito cúmplices...”

Ele adorava a casa e as terras que tinha herdado na tal aldeia do concelho de Condeixa-a-Nova e ia para lá agricultar quase semana sim, semana não e organizavam-se para a professora ir lá passar os fins de semana. Tinha aulas às sextas de manhã, metia-se no carro a seguir ao almoço, e lá ia ela gozar daquela paz e fingir que sabia tratar do jardim... Mas o pároco, hóspede frequente de almoços para reconhecimento entre o pastor e as suas ovelhas, em breve lhe arranjou uma ocupação: pediu-lhe, em Setembro de 2002, que tomasse conta de um numeroso grupo de adultos e jovens (mais de 20) e os preparasse para receberem o Crisma.

Todos os sábados à noite se reuniam na igreja, mas a partir de Outubro o frio era tanto que, muitas vezes, a catequese era mesmo feita na grande sala-cozinha da casa do casal, onde uma fogueira crepitava durante horas.

Também foi nesse ano que ela, não sabe como nem porquê, resolveu comemorar os 40 anos do casamento deles. O marido começou por torcer o nariz à ideia, mas já conhecemos a persistência dela. Condescendeu sob condição de que a festa seria no primeiro sábado de Maio, dia 3, pois o tempo de Março é geralmente muito instável. Convidaram os seus melhores amigos, serviram um copo-de-água como se teria feito 40 anos antes, tudo feito com a ajuda das três filhas (a Joana, a Fátima, a Vera, a sua filha e as duas noras, palavra feia da língua portuguesa!) e a colaboração da D. Odete, uma pessoa que fazia limpezas quando era necessário. A boda foi lauta, com entradas de presunto, vários tipos de enchidos, petinguinhas e joaquinzinhos fritos, com e sem escabeche, fritadas feitas no momento, de peixe e de carne, várias feijoadas, leitão assado, e muitas sobremesas.

Mas o maior cuidado desta noiva foi com a cerimónia religiosa: Missa às quatro da tarde, autorização do senhor Bispo para ser lida a Epístola de S. Paulo aos Coríntios, que não era a do dia, e autorização para ela fazer a homilia.

O Manuel leu a Epístola, um tanto tímido, talvez um pouco embaraçado: a igreja estava cheia. A seguir o Padre Natário leu o Evangelho e deu a palavra à noiva. E foi então que ela lhe pôde fazer, em público, a homenagem, o elogio ao seu Amor tão especial. O Amor do Manuel, tal como o descrevia S. Paulo:

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o sino que ressoa ou como o prato que retine.

Ainda que eu tenha o dom de profecia, saiba todos os mistérios e todo o conhecimento e tenha uma fé capaz de mover montanhas, se não tiver amor, nada serei.

Ainda que eu dê aos pobres tudo o que possuo e entregue o meu corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me valerá.

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha.

Não maltrata, não procura os seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor.

O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade.

Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

Quando finalmente chegou a vez de ela falar, ansiosa por dizer o que queria, declarou:

- Este foi o Amor com que o Manuel me amou sempre. Colocou as minhas prioridades à frente das suas, foi paciente, tolerante, bondoso, Orgulhava-se dos meus êxitos, nunca se vangloriava do que fazia, era honesto, justo, e eu nem sei se o tenho amado como ele merece.

Ainda continuou a falar dele, e para espanto seu, quando levantou os olhos do papel onde tinha registado as ideias principais, viu que alguns homens choravam.

Foi um dos mais belos dias da sua vida.

Capítulo 2: Os caminhos de Deus são inescrutáveis!

Daí a três semanas, no dia 24 de Maio, o Senhor Bispo de Coimbra, D. Albino Cleto, deslocou-se a Anobra, a tal aldeia, para celebrar o Crisma. Os paroquianos ofereceram-lhe um almoço festivo e eles, marido e mulher, estiveram na sua mesa. Voltaram para o Porto no dia 25, Domingo.

No dia 26 desse mesmo mês de Maio, segunda-feira, por volta das três horas da tarde, quando dormia a sua querida sesta, o seu Manuel morreu, sem um ai, sem um queixume. Um aneurisma cerebral não lhe tinha dado a mínima hipótese. Morreu como ele tanto pedia a Deus. Ela ficou sem chão, sem vontade, sem luz.

Como ela se zangou com Deus! As coisas que lhe disse, os galões por que puxou! Então tinha sido para aquilo que ela tinha andado, desde o mês de Setembro anterior, a correr para a aldeia aos fins-de-semana, sujeita aos perigos da estrada, que reservara todos os fins de semana para a Igreja, que tanto desconforto invernal passara para fazer a catequese de preparação para o Crisma? Era esse o pagamento que recebia? Não conseguia aceitar, por mais que tentasse.

E assim, sem o mínimo aviso, ficou sem aquele Homem, simples, calmo, disponível, com um sentido de humor tão fino que não passava despercebido a ninguém, aquele Pai extraordinário que tantas vezes e tão bem tinha feito de Pai e Mãe, por ela. Ele que tinha sido o seu verdadeiro criador, que fizera dela tudo, tudo o que ela era. A pedra angular que lhe tinha segurado os sonhos, que a tinha levado à Faculdade, que tinha apoiado todas as suas iniciativas, o seu primeiro e melhor crítico, que se orgulhava das vitórias que ela vencias, que tinha paciência para as impaciências dela!

Não eram almas gémeas, eram absolutamente complementares. Tão complementares que, quantas e quantas vezes, um respondia ou perguntava sobre o que o outro estava precisamente a pensar.

Claro que tinham opiniões diferentes sobre muitas coisas, que às vezes se zangavam, que amuavam, que tinham passado por muitas dificuldades, mas ele era a sua fortaleza, o seu pilar. Eram felizes porque ambos investiam no casamento, porque davam e cediam, porque sabiam que se pode trocar de carro, de fogão, de mobília, mas que as pessoas não são coisas, não se trocam, só porque não trazem garantia. Porque as pessoas só se podem abandonar se forem hediondas, se contagiarem com o Mal, aquele com maiúscula.

Quando andava a preparar a festa da comemoração dos 40 anos de casamento contou às alunas da Turma I, o que se passava. Lembra-se de que tinha decidido fazer uma espécie de intervalo, num certo dia em que as alunas estavam um tanto alvoroçadas. Perguntou-lhes o que se passava e a Catarina, hoje uma autarca respeitada de um concelho do Grande Porto, respondeu:

- Oh Professora. não se preocupe, são as hormonas a funcionar.

Talvez ela devesse ter dado um raspanete, mas achou graça aquela honestidade e franqueza: disse-lhes que não se lembrava de alguém a ter autorizado a ter as hormonas a funcionar e resolveu contar-lhes os seus afazeres e intenções. Estiveram a ouvi-la sem interrupção, depois perguntaram como ia ser a boda, que ela disse que ia ser "à moda antiga" e pediram que, depois, lhes mostrasse o filme.

Essas e muitos outros foram, no dia 27 de Maio, à igreja de Paranhos, dar-lhe um abraço de coragem. Achou um pouco estranho ir apenas um ou uma de cada vez. Soube depois porquê: entre todos, só uma aluna tinha um blusão escuro e agora, vestidas das cores vistosas da primavera, usaram-no à vez, em respeito pelo luto da professora. E disseram-lhe, como se todos tivessem combinado: "Professora, coragem, tem tanta coisa bonita para contar! E não se esqueça de nos trazer o filme do seu segundo casamento".

Daí a pouco tempo terminava o ano lectivo e ela despediu-se das suas duas turmas. Escreveu no quadro de cada turma: "Façam o favor de ser felizes!" Não foi uma sessão muito divertida, mas profundamente sentida. (Fig. 23)



Fig.23 - A Turma J, 10.º Ano, de 2002-03.

Deram-lhe, em cada turma, um ramo de flores e um pequeno e bonito caderno com as suas mensagens. Depois, teve que ir a dois jantares, um para cada turma. Todos estão no seu coração e parece que a professora está no deles, porque ainda se reúnem, organizam jantares, até a Naiana, filha de um professor universitário brasileiro e famoso pelo seu livro sobre a história do futebol – Todo esse lance que rola - a Naiana que vive no Brasil, tenta estar cá quando há reuniões. Ainda lhe telefonam, se lembram do seu aniversário, lhe vêm mostrar os filhos e os maridos. E até um aluno da Escola Filipa, que nem sequer foi seu aluno, e que uma vez veio a casa dela trazer um pequeno envelope caprichado, onde tinha escrito que esta professora tinha sido a única que tinha acreditado nele. Veio visitá-la há pouco tempo, com a esposa, a Helena, namorada da Escola! Que belo ramo de flores mas ainda mais belo o cartão:

“A belezas destas flores até poderá ser comparável aos sentimentos que nutro por si, porém, é efémera, ao contrário do carinho e estima que serão eternos. Vinte anos de reconhecimento e gratidão, por ter visto o que mais ninguém via...”

É o Ricardo Ribeiro, que ainda há pouco a veio visitar com a Helena, sua esposa e namorada desde o tempo da Filipa. (Fig. 24)



Fig.24 - Com o Ricardo Ribeiro, aluno da Escola. Dizia que ela era a única pessoa que tinha acreditado nele. Veio visitá-la, em 2021.

Em 2003 tinha mais de 40 anos de serviço, por causa do tempo prestado em Malanje. Já tinha pedido a aposentação, graças ao cuidado da D. Nair, que lhe lembrou

o tempo que os anos passavam. Tinha perdido o ânimo. Foi aposentada em Agosto, e passou a maior parte desse mês na casa da aldeia. Em Setembro, já aposentada, ainda foi ajudar na Escola a organizar os cursos nocturnos, mas não havia nada que a preenchesse e não conseguia fazer o luto. Precisava de fazer alguma coisa, de se ocupar e procurou algumas instituições para fazer voluntariado. Desiludiu-se com o que viu e ouviu, sentiu-se enganada por muito do que ouvia sobre a generosidade. Descobriu – e ainda pensa assim, cada vez com mais razões – que a caridade se estava a transformar numa “indústria”, com as excepções que fazem a regra.

PARTE 12: MOÇAMBIQUE: O QUE É E ONDE FICA MUMEMO?



Capítulo 1: A escolinha do André.

Foi então que leu na revista do Expresso que se pediam padrinhos para crianças moçambicanas. Tratava-se do apadrinhamento dos alunos da Escolinha do André, uma série de escolas primárias construídas em Moçambique por um ex-diplomata, Dr. André Gonçalves Pereira, que tinha sido ministro dos Negócios Estrangeiros. (Fig.25)



Fig.25 - A Escolinha do André, 2003.

Foi perto do Natal e ela telefonou para a APOIAR, a organização que fazia o pedido, ofereceu-se para ser madrinha e aproveitou para perguntar se não precisariam dela para fazer mais alguma coisa. Pediram-lhe que voltasse a telefonar em Janeiro, depois das festas, e ela assim fez. As senhoras que então estavam à frente da APOIAR, - Laura Madeira (esposa de André Gonçalves Pereira), Luísa Schmidt e Maria do Carmo (perdoem o esquecimento do sobrenome) - quiseram conhecê-la, eram pessoas que se dedicavam realmente ao que faziam e precisavam de conhecer quem quisesse trabalhar com elas em África, pois era o continente que a sua organização apoiava. Foi ter com elas a Lisboa, reuniram-se na Pastelaria Mexicana, perguntaram-lhe qual era o seu perfil, e embora ela soubesse perfeitamente o que lhe estavam a perguntar, pôs-se de lado, à egípcia, e disse: “É este!”

Riram-se, disseram que era bom ter sentido de humor, porque não era fácil fazer voluntariado. Falaram-lhe das cheias que, em 2000 tinham matado centenas de pessoas em Maputo, que destruíram casas e famílias, e que havia um projecto que precisava de gente. Mal ela sabia até que ponto!

Pouco tempo depois recebeu uma carta de chamada da Fraternidade S. Francisco de Assis, na localidade de Mumemo, e começou a tratar do visto no Consulado de Moçambique. No dia 10 de Abril de 2004, Sexta-feira Santa, e aniversário do seu primogénito, aterrava em Maputo.

Tinha à sua espera o cheiro a terra vermelho molhada e as lágrimas começaram a fazer o seu papel purificador. E também estava lá a Irmã Susana Custódio Marques, da Congregação das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição, aquela Mulher que ela aprendeu a amar e a respeitar tão profundamente. Levou-a primeiro à Madre Superior, no Convento de S. José de Lhanguene e depois para Mumemo. A maioria das mortes tinha ocorrido no Bairro do Chamanculo, mesmo por detrás do convento, e as irmãs tinham sido as primeiras a ajudar. (Fig.26)



Fig.26 - A Irmã Susana nunca estava parada.

Capítulo 2: O que era Mumemo?

Mumemo, (um nome criado através do levantamento de grandes líderes que tivessem vivido no local e que ficou, mais ou menos, como seu patrono) é uma comunidade de reassentamento dos sobreviventes daquelas cheias de 2000, que estava a ser criada de raiz, ali ao lado da Estrada Nacional n.º 1, Maputo-Xai-Xai, a meio caminho entre a capital e Marracuene.

Quando a voluntária lá chegou estava mesmo no princípio, ainda andavam a construir e distribuir casas, a plantar árvores, a tratar de órfãos e velhos. (Fig.27)



Fig.27 - Atribuição das primeiras casas.

Mas havia já uma longa história de solidariedade em que as Irmãs da Confhic foram as grandes protagonistas e o Dr. Bagão Félix, na altura ministro da Cooperação, teve igualmente um papel fundamental. Antes de chegar aquele ponto do projecto, tinham batido a muitas portas, tinham procurado um espaço suficientemente grande para o que tinham em mente: uma comunidade com igreja, centro de saúde, escolas, casas que podiam crescer, água local, electricidade. O plano que sujeitaram a aprovação era nada mais nada menos do que este:

Zona residencial,

Zona social,

Zona comercial,

Zona da saúde,

Espaço para Igreja,

Ruas com 10 a 15 metros de largura,

Pontos estratégicos para os furos de águas (pois havia sido feito um estudo dos pontos de melhor caudal hidráulico).

Havia tanto que fazer, era tão estimulante! Ela iria renascer em Mumemo! E voltaria a ser professora de grandes e de pequenos. Logo no sábado de manhã tirou a primeira foto com os pequenos que lhe entregaram para fazer Catequese. (Fig. 28)



Fig.28 - A primeira foto em Mumemo, 11 de abril de 2004.

Nesses dias de tempo pascal, viveu as experiências de difícil descrição da Vigília Pascal e do Domingo de Páscoa. Mumemo não tinha ainda espaço para uma igreja, e foi na de Marracuene, com aquelas fantásticas cenas da Via Sacra pintadas por Malangatana, que ela foi tocada pela alegria daquela Fé. Os fiéis dançavam, cantavam, eram eles, de acordo com as suas necessidades que faziam, cada um por si, a Oração dos Fiéis. O Ofertório era em espécie e cada um dava o que tinha e podia dar (Fig. 29) um cacho de bananas, batata doce, mandioca, mangas, laranjas, maracujás. Ela fazia, geralmente, um bolo de cenoura coberto de chocolate e, de vez em quando, sonhos ou os famosos “bolinhos de chuva”. (Fig. 30)



Fig.29 - No Ofertório. O sacerdote apresenta a oferta ao povo.



Fig.30 - Os bolinhos de chuva que iam no tabuleiro

Na Fraternidade havia outra Irmã, professora, a Irmã Aurélia, a pessoa mais doce e cândida que ela conheceu. Era mesmo professora formada e dava aulas numa grande escola mesmo ao lado da povoação a nascer, que a Rainha Sofia e a ONG espanhola, Manos Unidas, tinham mandado construir. (Fig. 31)



Fig.31 - Escola de Mumemo, vista do pátio interior.

Naquela altura as pessoas ainda tinham muito medo e a Irmã Aurélia e uma outra mais jovem, eram especialmente medrosas. Logo na segunda-feira à noite, ouviram bater à porta, com uma certa insistência. Quem será? Alguém que julga que a recém-chegada traz dinheiro? Pois foi mesmo a recém-chegada que foi ver o que se passava: era um bando de garotos que “queriam escola”.

Estranho, eles já andavam na escola Rainha Sofia e ela, a professora, já tinha tarefas: organizar uma sala de costura e bordados onde ocupar um grupo de senhoras deficientes mas muito inteligentes que também eram deslocadas. Quando ela foi para Moçambique já sabia que esta seria uma das suas tarefas pelo que fora munida de moldes da Burda para poder cortar roupa. Também tinha mandado, antes de ir, uma grande mala de porão cheia de linhas, agulhas, alguns tecidos e outros artefactos e apetrechos pelos quais teve que pagar direitos alfandegários!

Voltemos aos garotos: Cada um tinha os seus problemas, a sua disciplina “maldita”, e estavam em classes diferentes. Havia uma coisa em comum, porém: ninguém tinha livros! Os professores tentavam colmatar essa enorme deficiência ditando as informações. Os pequenos traziam os cadernos e diziam-me que não percebiam nada do que liam, que não fazia sentido. Achou estranho, pegou num caderno aleatoriamente e pôs-se a ler. Os textos nem pontos finais tinham! Por um lado,

o professor não ditava os sinais de pontuação e, por outro, os alunos não sabiam interpretar a entoação e as pausas do professor.

Quando percebeu o que se passava e começou a ler, com a entoação correcta, visto que conhecia os conteúdos, a menina dona do caderno disse: “Mas isso não está aí escrito!”

Pois é, adivinharam, eles não entendiam o que tinham escrito na escola porque não estava pontuado! Como podem imaginar, daí por diante passou muitas horas daquelas belas noites estreladas de Mumemo a ler, simplesmente, com a devia entoação e a ditar os pontos, as vírgulas, o ponto e vírgula, os dois pontos, o travessão e assim por diante. E as coisas entendiam-se muitíssimo melhor! Também deu por si a fazer demonstrações de conteúdos, porque dizer que um solo é poroso, calcário, argiloso, arenoso, etc. e tal, é muito bonito, mas explicar as diferenças já exige muita imaginação. E quando o que temos ao nosso dispor é só um tipo, temos que arranjar maneira de mostrar.

O que fazer? Tinha levado um computador, mas não havia internet. Não havia livros para tanta dúvida: então, começou a organizar aulas à noite, cada dia para uma disciplina e uma determinada classe. Verdade seja que não se pode gabar dos êxitos, mas que melhorou bastante aquele grupo, isso é inegável e ela ficou grata pelas pistas que o Espírito Santo lhe mandava.

De dia trabalhava com as senhoras da costura e orientava um alfaiate, para dar préstimo a umas máquinas de costura que tinham sido oferecidas (Fig.28). E ia-se embrenhando na organização da Fraternidade, pois a irmã Susana teria que vir a Portugal em breve, por motivos de doença e haveria de por lá ficar até Julho, e só então poderia voltar a Portugal, depois de entregar o testemunho.



Fig.32 - A alfaiataria em acção, ainda em 2004.

Durante esses três maravilhosos meses pôde aperceber-se de algumas situações que lhe causavam estranheza: numa terra como aquela, os caules das couves pareciam palitos e as folhas não podiam ser mais enfezadas. Pôs-se a apreciar o sr. João, o horticultor, e reparou que ele semeava a semente mas depois não transplantava as couvinhas, afastadas umas das outras, para poderem crescer. Infelizmente aquela colheita já não se aproveitava, mas aproveitou-se ela da Irmã Rita, que tinha vindo para Mumemo e conduzia. Falou com ela em particular – não se podia ofender o sr. João, ainda por cima uma branca, portuguesa e ida da Europa – e foram comprar couve para plantar ao mal-cheiroso Mercado do Fajardo, em Maputo. Deixaram as couves mais velhas como estavam e plantaram as outras. E disseram ao sr. João que a diferença estava na qualidade da semente. Ele era suficientemente inteligente para perceber... Foi nesta altura que soube do enorme apreço pelo repolho, que cresce mesmo debaixo de água e se pode comer cru, em tempos de calamidade. E deram-lhe um nome tão engraçado: “Se não fosses tu!”

Outra das suas tarefas era organizar, escrever e responder para a Comunidade de Santo Egídio, em Roma, que apoiava financeiramente a creche que já funcionava, (Fig.29) mas que eram muito rigorosos na apreciação das facturas que se mandavam, porque tudo tinha que ser provado e justificado. Quem tinha feito o serviço, até então, tinha sido a Irmã Rita, que, coitada, não percebia por que não lhe aprovavam as contas há dois anos.



Fig.33 - A creche já estava a funcionar quando ela chegou.

A nossa professora puxou dos seus galões de matemática, somou, tornou a somar, conferiu, verificou e as contas estavam todas certas. Que se passaria? Resolveu investigar os livros de contabilidade, aqueles de Deve e Haver e, em breve, descobriu o problema: a querida irmã Rita, quando registava as contas, que até estavam registadas em facturas ad hoc , escrevia “mercado negro” em vez de “mercado informal”. Fartaram-se de rir as duas quando ela explicou o conotação da designação que ela usara. Assim como também se riram, naquele dia da compra das couves, quando, a caminho, a Irmã Rita (fig. 34) lhe disse, muito séria:

- Eu admiro-me muito consigo!

- Porquê?

- Então uma pessoa que vive lá em Portugal, na luxúria, depois vem para aqui, come com a gente, vive com a gente, isso faz-me admirar.

Ainda ela estava a falar e a professora a corrigi-la, num rompante:

- Irmã, eu posso ter muitos pecados, mas o de luxúria não. Juro!

E, com calma, lá lhe explicou que luxúria era uma coisa e luxo era outra. Nesse momento teve de concordar que, comparando, ela, em Portugal, vivia no luxo.



Fig.34 - Com a Irmã Rita, à procura de um rato para o computador.

Capítulo 3: Vamos criar uma Escola Profissional?

A Irmã Susana ia dirigindo as duas e a Fraternidade pelo telefone e avisou a voluntária para estar atenta porque a Cooperação Portuguesa iria mandar um grande contentor com muito material. Ela teria que se munir de uns tantos cadernos e assentar cada item, com o seu nome e a quantidade entregue. Para evitar deslizes...

Quando chegou um camião cheio de peças para equipar as oficinas então já existentes e cujo inventário de recepção demorou 8 horas a realizar, ela já mal dormiu nessa noite. Quando a padaria começou a funcionar, (fig. 27) quando os espaços para o fabrico de blocos e a carpintaria começaram a ter encomendas contínuas, quando olhou para os adolescentes que, todos os dias, se levantavam de madrugada para caminhar até à escola em Marracuene (15 quilómetros a pé), a Irmã Susana e a professora, a mais de 6 000 km de distância uma da outra, começaram a sonhar alto: era preciso uma Escola Profissional em Mumemo!



Fig.35 - Os primeiros pães da padaria de Mumemo, já em 2005!

Afinal, tinham boas instalações, equipamento, “clientes”... Faltavam professores, sim, mas a Irmã não era de desanimar por tão pouco.

Conversaram, e como a roda já tinha sido inventada, não havia necessidade de perder tempo a inventar outra: sabiam que os Padres Salesianos eram pioneiros do Ensino Profissional e tinham uma Escola em Moamba. Um telefonema, marcação de uma conversa com o Padre José, estudo do funcionamento da Escola e, finalmente, vir

para casa e começar a delinear o Projecto Educativo de Mumemo: o que queriam para a sua gente?

Queriam, para começar, cursos úteis, em que pudessem aproveitar o material que tinham, sim, mas tal não poderia ser determinante. O que realmente interessava era formar jovens em profissões que, no imediato, oferecessem possibilidade de emprego e/ou de criar trabalho. Ali, tão perto de Marracuene e não tão longe de Maputo, serralheiros, mecânicos, electricistas, modistas/alfaiates, carpinteiros, informáticos, eis as profissões que seriam realmente necessárias.

Foi preciso nova reunião com o Padre José, dessa vez já em Mumemo, para pedir mais conselhos, programas, sugestões e para se ligarem, de alguma forma, à Escola de Moamba, o que lhes facilitaria enormemente a tarefa junto das autoridades educativas.

O problema docente era mais sério, especialmente nas disciplinas teóricas, mas após um anúncio que se fez circular, em breve estavam a fazer a selecção tão cuidadosa quanto possível, visto que pretendiam algo realmente importante: associar as entidades governamentais ao Projecto, pois, pelo menos numa primeira fase, a Fraternidade de S. Francisco de Assis não tinha possibilidades de pagar aos professores, o que exigia, por si só, mesmo que essa fosse já a intenção, grande cuidado escrutinador.

Porque nada acontece por acaso, o sistema de ensino usado e aconselhado pelos Padres Salesianos era o sistema modular e a professora era adepta confessa do mesmo e tinha formação para o seu exercício (lembra-se das Unidades Capitalizáveis?). Essa preparação facilitou a tarefa de fazer uma rápida formação aos professores, enquanto se faziam milagres para organizar os horários de forma a não sobrecarregar os docentes. Quanto aos alunos, não havia problema, pois assim que se soube que iria funcionar uma Escola Profissional, imediatamente começaram a aparecer inscrições.

Alguns candidatos vinham de longe e pensou-se que seria bom disponibilizar algumas das casas, umas para rapazes e outras para raparigas, pelo que se tornou necessário criar um regulamento simples, de maneira a que todos soubessem, de forma clara, as regras a cumprir. Um dia destes viu-o e não pôde deixar de sorrir: era o seu regulamento mas escrito em Português de Moçambique...

O Regulamento da Escola foi criado a partir das disposições oficiais moçambicanas e do que pareceu ser melhor em termos de funcionamento, tanto de alunos como do corpo docente. Foi elaborado em conjunto com a Irmã Susana, alguns professores com

mais experiência e ela própria, a partir de um documento-base. Sabiam bem o que pretendiam: uma atmosfera de respeito mútuo, disciplina, formação global, trabalho, pelo que a pontualidade, a assiduidade e o cumprimento de tarefas se tornavam pilares incontornáveis. Assim se fez. Teve que aprender o hino, que se cantava de manhã, às sete horas, antes de entrar para as aulas. (Fig. 36)

A Irmã Susana era a timoneira daquele barco, embora estivesse altamente assessorada, pois a sua frase mais frequente era esta: Deus providenciará! E Ele nunca lhe faltou, talvez porque ela nunca se fiou da Virgem quando era preciso correr!



Fig.36 - Início das aulas da manhã: em sentido e a cantar o hino nacional.

Parece (e parecia) tudo tão fácil! Mas a realidade é bem outra, quase sempre, e começaram a surgir os constrangimentos, precisamente nos aspectos que considerávamos essenciais para a formação de um bom espírito perante o Trabalho como Direito, Dever e Privilégio do Homem: alguns professores eram pouco pontuais, pouco assíduos, não dominavam as matérias, não se preparavam. Alguns alunos consideravam-se privilegiados por estarem na Escola, não por terem a possibilidade de aprender, mas pelo estatuto. Era necessário, novamente, um espírito de liderança, uma autoridade natural, uma capacidade de corrigir, tantas vezes quantas fossem necessárias, para se atingirem os objectivos definidos, para concretizar, afinal, o Projecto Educativo.

A Escola começou a designar-se, desde o seu início, por Escola Profissional S. Francisco de Assis. A professora sempre se sentiu honrada por a sua sugestão ter sido aceite nos meandros administrativos. Moçambique é um estado laico... A Fraternidade ali era a de S. Francisco, e ela, a professora, nascera no dia dele.

Tinha voltado a Mumemo no dia 29 ou 30 de Dezembro de 2004, para completar as tarefas que nasciam todos os dias , especialmente as da organização da Escola Profissional que tinham ficado à sua espera. Ficou até meados de Maio de 2005. Começou a trabalhar com mulheres jovens, era preciso ensinar umas noções de economia doméstica, sugerir ocupações viáveis e, o melhor de tudo, criar uma associação de mulheres. Se a professora duvidasse da acção do Espírito Santo, a criação desta cooperativa e do seu regulamento eram a prova provada da Sua acção.

Capítulo 4: A Associação de Mulheres.

A associação nasceu sob a designação de “Tchivirica Manana Clara”, que significa “Mexe-te, com a Mãe Clara, que a vida muda”. Baseava-se numa espécie de microcrédito, em que cada mulher recebia o equivalente a 100 dólares para os aplicar num negócio. Deveriam associar-se em grupo, com um máximo de quatro membros, de preferência com negócios diferentes e seriam solidariamente co-responsáveis pela dívida. Porquê esta condição tão específica? Porque mulheres são sempre mulheres, gostam de se ver bonitas, com as mais garridas capulanas. Sendo solidariamente co-responsáveis, era mais fácil resistir à tentação...

Entretanto, a Associação cresceu imenso, tem outros regulamentos, mas aquela foi a semente.

Foi nesta segunda estadia que custeou a construção de uma casa para os voluntários: cinco quartos, todos com a sua casa de banho, salão, cozinha, despensa, água quente e fria, com a mobília mandada fazer na Escola Profissional, aliás, tal como os blocos usados no edifício. (As figuras que se seguem são da Casa dos Voluntários):



Fig.37 - A Casa dos Voluntários vista de frente.



Fig.38 - A cozinha, toda equipada



Fig.39 - O quarto da voluntária



Fig.40 - O salão

Foi nessa altura que deu um olhar, que pouco mais do que isso, à criação de um aviário, (Fig.41) para recurso da fraternidade e para venda, pelo que se veio a provar como uma óptima fonte de receitas.

Já há muito que tinha internet, que lhe custava uma pequena fortuna mensal, mas que lhe permitia tirar dúvidas sobre muita coisa, de que, afinal, todos beneficiavam.

Curiosamente ou não, de vez em quando, de entre os mais abonados, ela recebia encomendas para fazer o seu bolo de cenoura com cobertura de chocolate, para aniversários. O Padre Giovanni deve ter feito publicidade...

Nas achegas que dava às mulheres para aumentarem o seu rendimento, ensinou-lhes a fazer “bolinhos de chuva”, que se vendiam como pães quentes, e era muito fácil para elas, que eram mestras a fazer xamuças para vender, resultado da convivência com a enormíssima comunidade indiana.



Fig.41 - O aviário: Em noites mais frias, iam aquecer os pintainhos com candeeiros a petróleo, se as lâmpadas não chegassem.

PORQUE O GRANDE SONHO DA IRMÃ SUSANA ERA QUE A COMUNIDADE FOSSE AUTO-SUSTENTÁVEL!

Mas os gestos e os costumes dos portugueses também estavam muito presentes, para o Bem e para o Mal... Quando foi a Maputo comprar apetrechos de cozinha, pôs-se a dar muitas explicações para o comerciante indiano entender o que ela queria: assim uma espátula, blá, blá, e ele atalhou: “Já sei. O que a senhora quer é um salazar!”

E num Domingo em que não tiveram Missa mas apenas a celebração da Palavra, a Irmã Susana fez uma prédica sobre o que era trabalhar e como “não querer trabalhar não era ser como branco! Branco trabalha muito, por isso é que vive bem!”

Foi também em Abril de 2005 que foi oficialmente inaugurada a Escola Profissional, com pompa e circunstância, mas em que ela andou, com um médico amigo que lá tinha ido três semanas ver as crianças, a servir os ilustres convidados... (Fig. 42 e 43)



Fig.42 - Inauguração da Escola Profissional: A Irmã Susana faz o discurso inaugural.



Fig.43 - Inauguração da Escola Profissional: as figuras públicas

Fala disto com algum pudor mas apenas para realçar quanto é importante o envolvimento, a partilha, a entrega, a confiança. Pois, entre outras coisas (casa dos voluntários, igreja, centro social, lares, sabe Deus quanto mais!), a Escola Profissional S. Francisco de Assis é o fruto do envolvimento, do interesse, da partilha, da entrega de todos os que foram capazes de ver em frente, de a localizarem no futuro, não só no seu, individual, mas num Futuro maior, o de um país, o de uma nação, o de um povo.

Capítulo 5: O Dia da Criança em 2005.

Outro ponto alto desta segunda estada em Mumemo foi a comemoração do Dia da Criança. Tanto a Irmã Susana como ela andavam muito preocupadas com o facto de muitas crianças apresentarem cabelo alourado na raiz, sinal de malnutrição. Pensou sugerir às Irmãs comemorar o Dia da Criança na Escola e, apesar de só terem três frangos e um pouco de arroz, lembraram-se de que “não pede, não ouve Deus”. Deslocaram-se à escola para convidar os alunos para o almoço do dia seguinte e que deveriam trazer um prato e colher ou garfo. As crianças acrescentaram, de motu próprio, trazer irmãos, mais velhos e mais novos...

O que tinham era tão pouco para tanta criança que ficaram a pensar em milagres... Como constava que a professora tinha muito jeito para pedir, ela acreditou, meteu-se no carro com a Irmã Rita e foram a Maputo ao Hotel Polana. Ela lá explicou a situação e vieram carregadas com frangos e um saco de arroz. Arranjaram uns tachos enormes e estiveram a cozinhar toda a manhã: as crianças tinham-se feito acompanhar, como previsto, e parecia que nunca mais acabava de se servir tanta criança! Não sobrou nada mas também ninguém ficou sem comer quanto quis. Lá porque não se pode matar a fome todos os dias, não há lei, norma ou bula que nos proíba de dar de comer quando é possível. Seguem-se algumas fotos desse Dia da Criança (Fig.44, 45 e 46):



Fig.44 - A Irmã Susana explicando o Dia da Criança.



Fig.45 - Os alunos trouxeram irmãos pequenos e grandes.



Fig.46 - As três cozinheiras...

Capítulo 6: Escolas e professores.

Já que se está a falar da Escola, é preciso que se diga que ela não era risonha e franca, como disse o Poeta: pouquíssimos professores estavam nas condições da Irmã Aurélia, eram muito absentistas, havia professores muito novos que engravidavam as alunas e depois se limitavam a pagar uma espécie de dote, uma “multa” cujo montante a escola determinava e havia-os muito, muito ignorantes.

A partir do ano lectivo de 2005, os alunos tinham que ter aulas de Educação Musical no ensino básico e, houve alguém, entretanto sem trabalho mas com algumas habilitações literárias, que se prontificou a dar essas aulas. Perguntaram-lhe se ele estava preparado e ele disse que sim. Até se admirou com a pergunta. Afinal, na opinião dele, quem é que não estaria preparado para dar uma disciplina tão agradável? E lá iniciou as aulas, com grandes cantorias, que se ouviam em todo recinto da Escola, por sinal bem grande (a tal que tinha sido construída de raiz e equipada por organizações espanholas) .

Ora acontece que, para facilitar a vida aos poucos professores que há para tantos alunos, o programa já vinha – como ainda vem - com planificações: nesta aula dá-se isto, na seguinte ensina-se aquilo, e assim por diante. Até que um dia a directora perguntou ao professor de Educação Musical se ele já tinha começado a ensinar a escrever e a ler na pauta. E, evidentemente, se já tinha dado as notas. Pauta? O que era uma pauta? Parecia até uma palavra feia. Não, não tinha ensinado nada sobre essa tal pauta, de que ele nunca tinha ouvido falar... E sobre as notas, então isso não era só no fim do período? Ainda agora tínhamos começado o ano já queriam notas? E assim lá se foi um professor de música à viola...

É que o pobre pensava que a pauta era aquela folha que se preenche no fim de cada período, com as classificações obtidas, vulgo "notas". E para cantar não era preciso muito mais do que ter voz, mesmo que desafinada. Esta história, por acaso, fá-la pensar em o que é que aconteceria em Portugal se também se procurasse saber o que certos mestres andam a ensinar. Provavelmente, não nos espantaríamos de encontrar igualmente professores de música que não conheciam a pauta de lado nenhum, com o devido respeito pelos que sabem...

Capítulo 7: A Informática e as senhoras deficientes

Nesta altura já estava em Mumemo o Vítor Barata, um voluntário português (que viria a fixar-se em Moçambique), que tinha sido de uma enorme ajuda quando, pouco antes de a professora regressar a Mumemo, a Casa das Irmãs tinha sido assaltada e a Irmã Susana e ele próprio tinham sido feridos a tiro. Ele era quase licenciado em Informática, mas, mais do que isso, era um “faz-tudo”. O seu trabalho era impagável, mesmo antes de o seu bichinho de computadores começar a dar sinais: ele sabia usar computadores e estava capacitado para dar formação. E foi nesta altura que a professora, que tinha por lema jamais usar as palavras “sempre” e “nunca” no que aos alunos diz respeito, se lembrou que as senhoras deficientes poderiam bem ser as primeiras alunas. Podiam ser deficientes motoras, mas tinham mãos de fada para bordados. Só que bordados não eram precisamente a mercadoria mais procurada no momento. Talvez começassem por duvidar das suas capacidades... Mas estava lá a D. Fátima, aquela bonita muçulmana dos seus 50 anos a quem a poliomielite tinha atirado para uma cadeira de rodas em criança mas não retirara a inteligência e a alegria de viver.

A ela foi fácil de convencer, ficou entusiasmada, mas, num primeiro momento, a Fatiminha, a Angélica, a Eunice, a Sandra e a corajosa Isaura com o seu filho Cláudio, pareceram perguntar a si próprios se seriam capazes. Todos eles deficientes físicos mas todos tão trabalhadores, alegres, bem-humorados, estava-lhes grata por lhe terem mostrado quão rica era e como somos todos tão iguais e tão diferentes. (Fig. 47 e 48)



Fig.47 - Houve uma empatia imediata entre a voluntária e as “suas” deficientes.



Fig.49 - O Vítor Barata e a Irmã Susana no primeiro dia de aulas.

E aceitaram, claro, terminaram com bom aproveitamento. Aquela conversa que tinha tido com elas, a do “sempre” e do “nunca”, vinha do tempo em que, na escola, se tinha apercebido das consequências de dizer a um aluno:

- Nunca fazes aquilo que tens de fazer! Assim, não vais longe! Nunca vais passar da cepa torta.

- Estás sempre a pensar noutra coisa quando estás nas aulas. Estou sempre a zangar-me contigo por estares a falar nas aulas.

E a diferença se disséssemos:

- Estás quase lá...

- Eu bem te dizia que eras capaz!

Parece que os alunos acreditam demais nos professores e visto que já lhes ditaram o futuro, porquê estar a incomodar-se?

Aliás, a sua parte neste curso foi estar ali com elas todos dias, dar-lhes coragem, não as deixar desanimar. Porque o teclado e o rato, afinal, também precisam de motricidade fina afinada... (Fig.49)



Fig.49 - O ar feliz da Fatiminha não engana ninguém.

Simultaneamente, e porque se encantava com as capulanas coloridas segundo a técnica do batik, patrocinou um curso com a aquisição dos tecidos-base e das tintas, o que lhe permitiu aprender outra arte muito antiga: o batik. Os produtos desse curso foram todos vendidos, sem regateios, a convidados da inauguração da Escola Profissional. (Fig.50 e 51)



Fig.50 - Curso de Batik. (Primeira à esquerda, a Fátima)



Fig.51 - Exposição-venda no dia da inauguração da Escola Profissional

Capítulo 8: Vamos para onde fizemos falta: Invinha.

Esteve em Moçambique por cinco períodos, sempre a expensas suas, foi para onde a mandavam (Mumemo, Quelimane, Invinha), fez o que podia e sabia e, quando não sabia, fez por aprender o que era preciso para ensinar.

Desta vez, a seguir a Mumemo, mandaram-na para Invinha, na Zambézia, terra do chá. Mas antes “estagiou” nas casas das Irmãs em Inhambane e em Quelimane. Invinha estava a caminho de se tornar outra Mumemo em termos educacionais, mas tinha muito pouca ajudar em termos de trabalho. (fig. 52)



Fig.52 - A primeira foto tirada em Invinha. O seu quarto era à esquerda e dele se vêem as duas janelas e a porta.

Em Invinha, no Gurué, Zambézia, esteve três meses a trabalhar numa obra fantástica que recebia e educava órfãs mas também aceitava outros alunos da zona, e onde fez de tudo um pouco: deu aulas, fez catequese, ensinou economia doméstica, a plantar couve e alface, (fig. 53), ajudou a fazer partos numa noite em que parecia que todas as crianças tinham decidido ir nascer no pobríssimo centro de saúde, só com duas camas, onde a Irmã Rosa fazia milagres. Havia quatro parturientes, o remédio era juntar as camas e deitar as senhoras atravessadas. No centro de saúde, alumiam-se com um candeeiro de petróleo e ela ainda recorda o cuidado que tinha, ao passar perto dele, para não lhe tocar. Se ele caísse...

A Irmã Rosa, de facto, fazia milagres e quando despia o hábito e ia para a machamba, sozinha, apanhar milho, de madrugada, parecia-lhe uma mulher bíblica. (Fig. 54).



Fig.53 - Estava com muita prática de transplantar alface.



Fig.54 - A Irmã Superiora de Invinha, depois de ter ido, sozinha, colher uma carrinha de milho.
À civil...

Para terem uma ideia do alcance desta obra, compare-se uma sala de aula da Fraternidade Mãe Clara, em Invinha, com duas escolas, a da comunidade e outra, construída pela OXFAM. (Figs. 55, 56 e 57).



Fig.55 - Uma sala de aulas das Irmãs



Fig.56 - A escola da comunidade. Veja-se a armação para o quadro, que o professor levava para casa, para não ser roubado.



Fig.57 - Interior da Escola da Oxfam. e alguns dos seus alunos.

Foi aí que ela recebeu um bebé cuja mãe tinha morrido no parto, em casa, e para o qual não foi possível arranjar leite apropriado. Contactou Portugal, disse que só tinha leite condensado, aconselharam-na a dar-lho, muito diluído. Assim fez, mas após entregar a criança à família, soube, no Sábado Santo, quando estava entusiasmada para a vigília, em que iam casar e baptizar os filhos muitos fiéis de Invinha e arredores, que o bebé não tinha resistido. Teve muita pena de não o ter batizado. (Fig.58)



Fig.58 - O bebé de Invinha, que não resistiu à falta de leite apropriado.

Na Sexta-feira Santa tinha passado o dia a lavar, passar a ferro vestidos de noiva, juntamente com duas Irmãs, para entregar a quem os tinha pedido. Tinha feito véus e grinaldas, mas aquilo de que realmente se orgulha foi ter convencido a Irmã Rosa a vender” os vestidos. (Fig. 59)



Fig.59 - Os vestidos de noiva eram lavados e preparados antes de serem entregues.

Estes vestidos eram enviados por igrejas portuguesas, muitos idos de Fátima, promessas de noivas. Dá-los pareceria uma decisão generosa, mas em breve estariam a ser usados no dia a dia, depois virados do avesso, depois cortados para filhas. Mas se esses vestidos fossem “comprados” com um cacho de bananas, uma saca de laranjas ou de maracujás, um cesto de batata doce ou mandioca, entravam na posse da pessoa. Tinha pago por eles! Na opinião da professora, também isto era ajudar: dar dignidade às pessoas. Ninguém a convenceu, até hoje, de que dar uma esmola a quem pode e deve trabalhar, não é ajudar, é comprar alguma parte da dignidade da pessoa. Aquele vestido, daquele dia em diante, seria usado com parcimónia, poderia ser emprestado, guardado para uma comunhão ou casamento de familiar.

E na vigília do sábado seguinte: lá estavam as noivas, os noivos, e as crianças para baptizar, num ambiente de festa difícil de igualar. (figs 60 e 61)



Fig.60 - Baptizados: Notar a pia e a concha baptismal.



Figs.61 - Estes dois véus da foto foram criados pelas mãos, que não são de fada, da voluntária., na véspera.

Foi em Invinha que descobriu que o sal é melhor presente que se podia dar a uma família, que as grávidas chupavam barro vermelho, instintivamente, porque tem muito ferro e quase todos tinham uma “capoeira” de proteínas representada por um monte formigueiro de grandes formigas transparentes (Fig. 62)



Fig.62 - Um formigueiro familiar, na machamba (horta) ao pé do milho miúdo ou massambala.

Só tinha rede para a internet debaixo de umas mangueiras que formam uma álea até à bela igreja por fora, toda delapidada por dentro

Não voltou a Moçambique depois de estar em Invinha. Recorda o dia da despedida, com o Vítor Barata de lágrima no olho,(Fig. 63) de como entreteve as meninas com uma número de mágica que nunca falha, se se tem mãos rápidas, uma roupa com bolsos (senão, onde guardar os pós de Perlim-pim-pim?) e léria para desviar as atenções... (Fig.64) E recorda com um sorriso outras mágicas em que a necessidade aguçou o engenho



Fig.63 - Confortando o Vítor Barata.



Fig.64 - A Mágica do costume, que nunca falha



Fig.65 - A necessidade aguça o engenho: o saco de café.

Fig.66 - Jura que não sabe como conseguiu, mas o saca-rolhas funcionava.

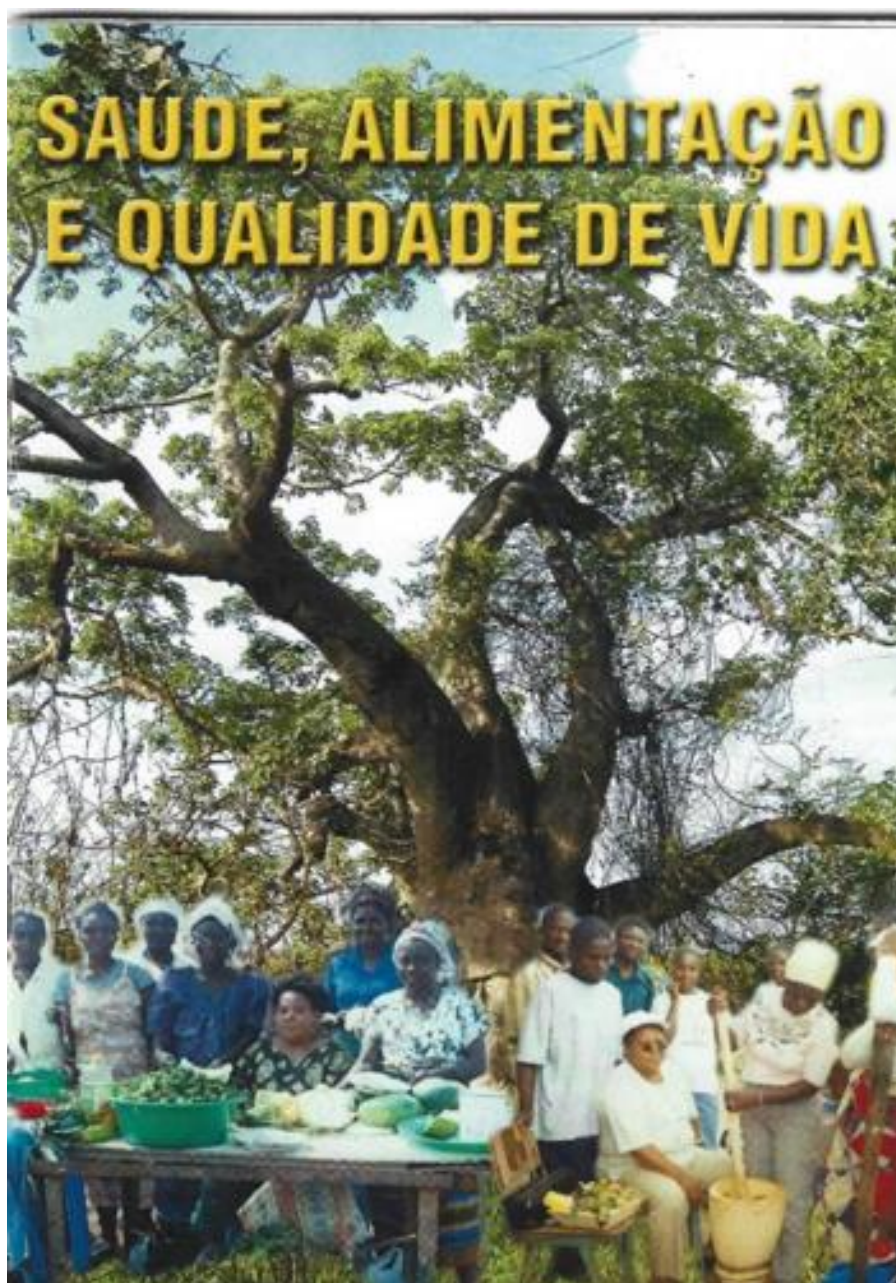
Tinha-se envolvido demasiado e, não tendo já idade para pedir a nacionalidade moçambicana nem condições familiares que aconselhassem a fixação, tornava-se demasiado cansativo andar para lá e para cá, além de um aspecto inegável: era cada vez mais difícil sair de Moçambique. Mumemo é, ainda, a sua gente, a sua família e nunca se deixa a família que se ama sem que o coração doa.



Fig.67 - Nada vale tanto como a tristeza destas carinhas na hora da despedida da Tia Carmen (como lhe chamavam)

E agora que a Irmã Susana já tinha partido para pôr alguma ordem e organização no Paraíso, até ela, apesar de mais velha, se sente um tanto órfã. Sente que trabalhou muito, em Mumemo especialmente, mas o que recebeu em troca não tem dimensão. Recuperou a alegria de viver, cada vez que vinha, os seus filhos diziam-lhe que estava mais nova. O que não sabiam é que ela trazia sempre o coração partido. Trabalhou directamente com as Irmãs até 2008. Depois, apenas em ajudas pontuais.

PARTE 13: ANGOLA, A PONTE RECONSTRUÍDA



Capítulo 1: Foi a Angola só porque a convidaram...

Em Novembro de 2005 foi a Angola. Note-se a preposição “a”, isto é, foi para voltar em breve, para uma curta visita. Quem lhe proporcionou a viagem foi a sua grande amiga da adolescência e juventude, a Isabel Serrão, sua madrinha de casamento. Andaram as duas no Liceu ao mesmo tempo, eram muito diferentes, mas ligava-as uma Amizade que perdura desde 1959. Entretanto, um acidente de viação levou-a no dia 20 de Novembro de 2014. (fig.68)



Fig.68 - A Isabel, durante a visita que proporcionou à amiga. Na Barra do Kuanza.

O verbo está no presente porque a sua força, a sua personalidade, o seu riso tão pessoal, a necessidade de conversar sobre todo o tipo de coisas ainda não diminuiu um segundo. Viúva muito cedo, com quatro filhas para criar e educar, tinha regressado a Luanda e fazia parte de uma grande empresa de consultadoria. A visitante, a retornada a Angola, levava mensagem para entregar ao Presidente do Conselho de Gestão da que era então conhecida como a melhor Clínica de Angola, a Clínica Sagrada Esperança: o médico seu amigo que tinha ido a Moçambique por três semanas oferecia os seus serviços pro bono à Clínica, pois tinha sido professor na Faculdade de Medicina do agora gestor da Clínica. Esse encontro virá mais tarde a tornar-se muito importante na sua vida de professora. Mas vamos com calma:

Ao fim de pouco mais de uma semana, tinha dois pedidos para ir fazer voluntariado: um deles provinha de uma ONG, na Ilha do Mussulo, e a outra do Centro Espírita Casa André Luís, em Viana.

Voltou a Portugal, organizou a sua vida e voltou para trabalhar com crianças na Ilha do Mussulo. É um sítio encantador, mas estava absolutamente entregue a si mesma, sem apoio nem participação da organização que lhe tinha pedido ajuda. A única coisa que ela poderia fazer era socializar as crianças, fazer umas refeições parcas para todas, impossibilitada de se deslocar a Luanda por falta de transporte, onde poderia levantar dinheiro e comprar provisões.

Capítulo 2: O Manual de Boas Práticas.

No fim dos dois meses previstos voltou para Portugal mas mal tinha chegado recebeu novamente um pedido por carta, de uma senhora que fazia parte do Ministério da Mulher e da Família e lhe pediu que voltasse, e prometendo-lhe que não ficaria desapoiada como da primeira vez.

A primeira coisa que lhe pediram foi que criasse um pequeno manual que pudesse ser entregue às comunidades e que fosse realmente útil. Naquele tempo no Mussulo não pudera fazer tudo o que gostaria, mas aprendeu a reconhecer o que fazia falta às pessoas. Aqui está a capa (Fig.69):

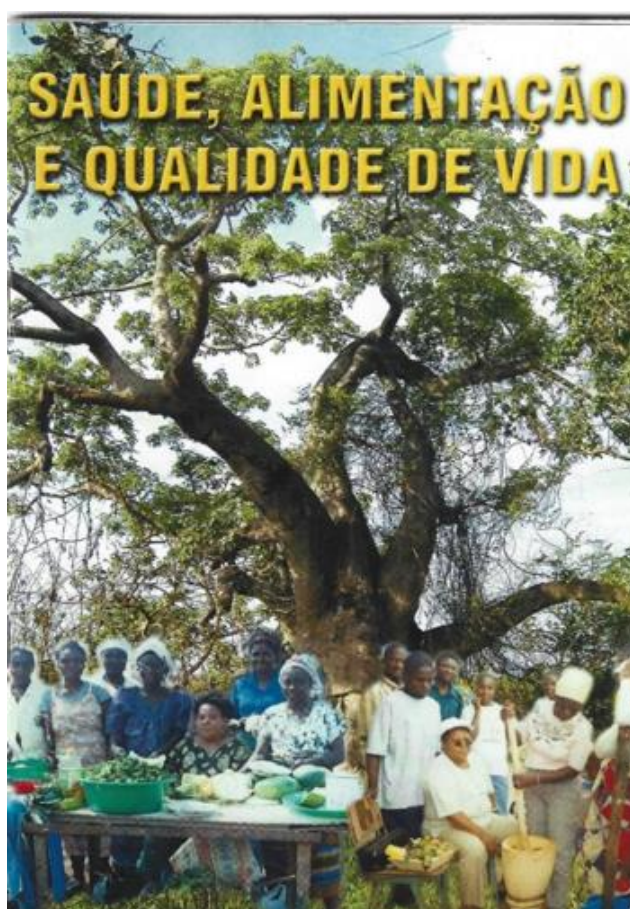


Fig.69 - A capa do Manual, produzido para distribuir nas comunidades do interior.

E este é o índice:

2. Pessoas que precisam de dietas especiais

- 4.1. As grávidas
- 4.2. O aleitamento materno e a alimentação do bebé
- 4.3. Receitas para bebé

5. Saúde e Higiene

- 5.1 Prevenção de doenças mais perigosas
- 5.2 Espaço entre gravidezes
- 5.3 Remédios tradicionais para doenças comuns na infância
- 5.4 Cuidados na utilização da água
- 5.5 Cuidados com os alimentos
- 5.6 Higiene pessoal e Higiene do Ambiente
 - 5.6.1. O lixo

A Finalizar – Educação Cívica

A produção de 500 exemplares deste manual foi patrocinada pela empresa de consultadoria da sua amiga. Só guardou um exemplar e com ele pode provar que, apesar do trabalho de pesquisa, da elaboração do texto, do acompanhamento para realizar imagens realmente legíveis e entendíveis, o seu nome não vem mencionado em lado nenhum. Existem, contudo, pessoas vivas em número suficiente para o comprovar. É que, como ela tem a impressão de já ter dito, há, de facto, uma certa “indústria da caridade” que abre muitas portas. O que se passava com ela é que lhe interessavam as pessoas para as quais trabalhava e não aquelas que tinham as ideias mas não faziam para as pôr em prática.

Estes manuais foram distribuídos por comunidades, a uma pessoa responsável e líder, que se encarregava de que pelo menos os preceitos mais ligados à saúde e à alimentação fossem cumpridos ou fosse reportada qualquer situação inesperada. Como será fácil deduzir, ela não sabia quase nada destas matérias, mas comprou “um dinheirão” de internet e fez pesquisas, umas vezes para aprender a partir do zero, outras para se certificar. Durante essa pesquisa também comprou dois livros, por sinal bem caros, que tinham a intenção de ajudar as pessoas. Um deles, nas receitas para comida de criança, mandava ligar a varinha mágica... Provavelmente a um cajueiro que, por um passe de mágica, poria a varinha a trabalhar. Nos cuidados de saúde, um outro aconselhava sumo de limão para tratar a azia. Atreve-se a referir estes exemplos porque tem os livros em casa.

A nossa professora armada em formadora de comunidades, tomou então conhecimento com a enorme variedade de folhas de que não tinha ouvido falar como

comestíveis quando vivera em Angola. Comera muita moamba, mas nenhuma feita com óleo de palma. Conheceu o coração da bananeira, “foi ao Brasil” saber o que se podia fazer com caju, com genguba, (amendoim), com o fruto do embondeiro (a múcua). Aprendeu técnicas para secar peixe, para fazer farinhas de espinhas de peixe e de ossos de frango para enriquecer as sopas, (afinal, de que e como são feitos os caldos que compramos nos supermercados?). Tem um orgulho enorme em ter aprendido e ensinado a construir um forno e uma latrina.

Permitam-lhe que apresente alguns excertos:

“Para que servem os alimentos?”

Nós devemos aprender que uma alimentação como deve ser não é a mesma coisa que comer. Todos nós sabemos que se enchermos a barriga todos os dias sempre com um prato de papa, ou só funge, ou só caça, come, pode ficar até com a barriga cheia, mas não fica bem alimentado. É preciso saber que não são só os alimentos caros que são bons. E não é preciso comer grandes quantidades.

Porquê? Porque nós não comemos por comer: comemos para crescer, para ter força para trabalhar e para prevenir e evitar doenças.

Os alimentos que nos ajudam a crescer começam com o leite da mãe. Mas depois temos a genguba, o farelo, o feijão, a soja, o leite, a carne, os ovos e o peixe. Estes alimentos são como os caboucos de uma casa. Também ajudam a evitar ou a tratar o que está mal (ossos fracos, anemia, tuberculose, por exemplo). As cascas de ovos, depois de bem lavadas e amaciadas em vinagre ou sumo de limão, são boas para fortalecer os ossos, por causa do cálcio. Os ossos e espinhas bem secos e triturados também fornecem essas bases para crescer.

Os alimentos que nos dão força ou energia são o milho, o arroz, a mandioca, a banana-pão, as gorduras (sejam elas tiradas de plantas ou de animais) e o açúcar ou mel. Funcionam como se fossem a nossa gasolina.

Os alimentos que nos protegem das doenças são os que têm **vitaminas e sais minerais**. O sal de cozinha é muito preciso. **O ferro e o cálcio** encontram-se na carne, ovos, peixe e em todas as verduras. **A falta de algumas vitaminas** causa doenças como a cegueira, a anemia, o raquitismo, etc. As vitaminas têm sempre o nome de uma letra e evitam doenças. A vitamina A, boa para a visão, encontra-se na genguba, na folha de

mandioca e nas cenouras; a vitamina B evita as doenças dos intestinos, as anemias e as dores dos ossos. Estão nos cereais, especialmente na casca, na fruta, e genguba. A vitamina C, que evita as doenças infecciosas, está em grande quantidade nas couves, tomates, abacate, limões, laranjas e outras frutas. A vitamina D ajuda a desenvolver e fortalecer os ossos e existe na manteiga e gorduras da carne e dos peixes, mas existe especialmente no Sol!

A água é também muito importante, mas tem que ser de boa qualidade. Por isso devemos aprender a tratá-la, senão ela própria pode ser causadora de doenças muito perigosas, como a cólera, por exemplo.

1.2. O que é uma dieta equilibrada?

Para ter uma alimentação equilibrada, portanto, devemos comer todos os dias, como base, um ou dois alimentos que, de certeza, existem ao nosso alcance. Pode ser o arroz, o milho, massambala, a que se junta batata ou mandioca e ainda banana-pão. Mas estes alimentos não chegam para termos força suficiente para viver e trabalhar. Por isso, é tão importante comer feijão, ervilha, genguba, a que se devem juntar sementes: de abóbora, melancia, girassol, gergelim, algodão, etc. ou frutos secos como a castanha de caju.

Para recebermos vitaminas e sais minerais, temos as hortaliças verdes, como todos os tipos de couves, gimboa, folhas de mandioca, assim como todos os tipos de frutas em que a nossa terra é tão rica. Mais exemplos aparecerão à frente.

Para cozinhar e assim entrar na nossa alimentação, devemos usar óleos: de palma, amendoim, gergelim, soja, coco, azeite de oliveira (se possível, de vez em quando). Não esquecer também o açúcar (mas em pequena quantidade) ou o mel, que existe nas nossas matas.

Sempre que possível, devemos comer alimentos ricos como carne e peixe, mas não é preciso comer carne mais do que duas vezes por semana para ter uma alimentação equilibrada. Mas se não tivermos dinheiro ou possibilidade de arranjar carne mesmo só duas vezes por semana, podemos usar pós provenientes de peixes, espinhas, ossos, cascas de ovos, etc., como veremos adiante. Podem não ter o mesmo gosto mas o que interessa é que fazem o mesmo efeito.

2. OS ALIMENTOS AO ALCANCE DE TODOS

Cada comunidade sabe quais são os produtos alimentares que existem nas suas terras e sabe que, durante muitos anos, os seus pais, avós e bisavós viveram usando esses produtos na sua alimentação. Portanto, se a terra da sua comunidade é boa produtora de arroz, milho, mandioca, girassol, genguba, hortaliças de folhas verdes, não hesite. Plante-as e use-as na sua alimentação e da sua família. Experimente semear culturas diferentes para variar a sua alimentação. Não pense que as frutas de outras terras são melhores do que as suas. A banana, nas suas diferentes qualidades, a manga, o abacate, a goiaba, o mamão, o sape-sape, o caju, a múcua, são frutos muito ricos e necessários para vivermos com saúde.

Se tem um espaço, plante na sua lavra mandioca, batata-doce, couve, tomate, beringela, abóbora, cebola, alho, pimentos, etc. Não esqueça o alho, porque é muito importante comer alho todos os dias. Num dos lados, para não fazer muita sombra, plante árvores de fruto (mangueiras, goiabeiras, mamoeiros, abacateiros, etc.) e não se esqueça das laranjeiras e limoeiros. Vão ser muito úteis, por causa da vitamina C. e porque as laranjas, os limões e as folhas das suas árvores podem servir para fazer medicamentos caseiros. Um abacateiro será um bom fornecedor de saúde, pois o abacate é um dos frutos mais ricos. E pode ser usado como fruta ou como alimento para saladas, para cozinhar, para conservar. Plante duas ou três árvores de moringa, também chamada pica-flor, para poder tratar a sua água. Outras plantas medicinais, que até poderá criar em vasos, são a erva de santa-maria, caxinde, cidreira, hortelã, ditumbate, manjerico, nime, patela, xandala.

Informe-se junto dos mais velhos acerca de alimentos que antigamente eram consumidos. Se tiver falta de carne ou peixe e não tiver problemas em comer gafanhotos, coma gafanhotos! Eles são ricos em proteínas, assim como as formigas salalé, cobras, lagartas, e nada impede o seu uso na alimentação, a não ser que sinta má vontade contra esses alimentos. Aprenda a caçar pássaros e a saber quais as raízes e folhas de plantas da mata que são boas para comer. Em Angola há muitos cogumelos. Conheça-os, colha-os no tempo deles e seque-os. Poderá depois estufá-los como se fosse carne e misturá-los com outros alimentos básicos. Mas... cuidado! Há cogumelos venenosos que podem matar!

Se não tem retrete, construa uma latrina! (Fig. 61)



Fig.70 - Três tipos de latrina

Uma **latrina** deve ser construída perto de casa mas nunca a menos de uns 20 a 25 metros de qualquer local onde haja água, para não estragar a água. Pode fazer-se com chapas de zinco, tijolo, blocos e cobrir o tecto com o que for mais fácil e útil ao mesmo tempo. A fossa da latrina deverá ter uns três metros de fundo por um de abertura. Um bidão velho, metido no solo e depois coberto também pode servir. Pense na cobertura da fossa, onde vai fazer o buraco para as fezes caírem dentro dela. O buraco não pode ser muito grande por causa das crianças e arranje uma tampa com alça para levantar e baixar.

De vez em quando deite um pouco de terra ou cinzas para cima das fezes. As cinzas vão afastar as moscas e o mau-cheiro e ajudam a formar estrume que depois vai tornar a terra mais rica e produtiva. Ensine as crianças a usar a latrina, a limpar-se e a ter cuidado depois: lavar as mãos. Ensine as meninas a limparem-se da frente para trás, porque assim evita a passagem dos micróbios para a vagina.

A Finalizar – A Importância da Educação Cívica

A Educação Cívica é um sinal de verdadeira cultura de um povo. Diz-se que uma pessoa tem educação cívica quando **respeita os mais velhos, protege e ajuda os mais fracos, (crianças, doentes, mulheres grávidas) quando respeita as ideias políticas e religiosas dos outros**. Um cidadão cívico não prejudica o ambiente, tem cuidado com a sua saúde e a dos outros, trata do seu lixo como deve ser, é um bom trabalhador no seu emprego, não falta sem razão, é um patrão justo para com os seus empregados. Não vale a pena andar na Universidade e cuspir para o chão, passar à frente das outras

pessoa numa bicha, não cumprimentar os outros com educação e respeito. Quem faz isso não tem educação cívica. Tenha civismo e, se necessário, ajude os outros a seguir as regras cívicas.”

Capítulo 3: Viver em comunidade: Quibaxe.

O primeiro lugar onde pôde exercitar estes conhecimentos, foi em Quibaxe, onde tinha existido um presídio militar no tempo dos portugueses. O palácio do governador estava tão degradado e desaproveitado que lá dentro cresciam árvores enormes, embora não se vejam neste lado da foto. (Fig.62)



Fig.7 - A casa do Administrador, antes da independência

Não foi sozinha, levou uma troupe já mais ou menos habituada a estas actividades e um tanto desconfiadas da presença de uma branca. O que é que ela sabia?, perguntavam os seus olhos.

Ficaram alojados, ela, a Tia Maria, a senhora mais velha, a Maria mais nova, e o Pedro que tinha o ensino secundário e era óptimo a falar de planeamento familiar, numa vivenda simples mas em muito bom estado, situada na rua principal da vila, com um espaço à frente onde já teria havido um jardim, um azulejo com o emblema do Futebol Clube do Porto à direita do portão e o outro com o aviso de “Cuidado com o cão”, à esquerda. Mesmo em frente, um quartel militar em funcionamento. Não tinha água corrente nem energia eléctrica, mas estava-se no tempo das grandes chuvadas e ela aproveitava para tomar banho no quintal com água da chuva, em fato de banho.

Logo de manhã, acompanhada pela tia Maria e o Pedro reuniam-se os três com a comunidade local feminina, na maior parte, depois de ter estado na véspera, à chegada, com o soba e o pastor evangélico. O respeito é uma coisa muito linda e toda a gente gosta... (Fig. 72)



Fig.72 - Com o Pastor de Quibaxe e a Tia Maria.

Ela tinha feito questão de passar por um grande armazém, onde só encontrou congoleses, mal-encarados e mal fornecidos, mas que vendiam caro. Receberam-na muito mal, talvez com o receio natural de quem está ilegal.

Tinham limpo um grande terreiro junto à casa do Pastor, bem protegido por árvores frondosas e para lá se dirigiam todas as manhãs. Apresentaram-se os quatro, porque a Maria Nova era um membro indispensável para lidar com as mulheres mais novas. No primeiro dia, apresentaram-se, disseram ao que iam, que um dos aspectos fundamentais seria cozinhar comida nutritiva, outro seria trocar ideias e ensinamentos sobre plantas ou outros produtos usados para curar, e o Pedro trataria de falar sobre planeamento familiar com os mais novos e todos falaríamos da importância da higiene e, especialmente, de ferver a água.

Ó professorinha lá do Tuga, estás a dar vontade de rir à gente! E estava mesmo: onde já se viu ferver a água?! Não chegava pôr só um pouquinho de lixívia? Só que ela se tinha prevenido com um truque: apesar de comerem pouca carne, pelo que lhes

disseram, os homens tinham tensão alta e as mulheres tensão baixa. Havia muitos abacates e chá de folha de abacate baixa a tensão, chá de caroço, sobe a tensão! E que tal se tomassem já um chazinho? (Fig. 73)



Fig.73 - Chá de folha de abacate, bem fervidinho, logo de manhã...

Assim, primeira coisa que se fazia logo de manhã, quando chegavam ao tal terreiro, era acender o lume e fazer duas grandes paneladas de chá, um para subir e outro para descer a tensão. Ela sabe que não é simpático, mas a única expressão que lhe vem à ideia quando se lembra do entusiasmo com que toda a gente bebia aquela água fervida só podia ser esta: “todo o burro come palha, o que é preciso é saber dar-lha”! Sem ofensa.

Falaram à população da necessidade da higiene dos alimentos (Fig.74) e aí o sorriso e as palavras calmas da Maria mais nova eram um excelente apoio: tudo era lavado mais do que uma vez antes de ir para a panela.



Fig.74 - A Maria Nova era perfeita no ênfase da higiene dos produtos.

Apesar de se ter apercebido da penúria da realidade, realçou a importância de comerem proteína animal, além do raro frango, nem que fosse sob a forma usada pelos seus antepassados: cobras, lagartos, gafanhotos. E usar a proteína vegetal: ginguba e feijão, que havia em grande quantidade. Foi lá que cozinharam sopas dignas de mesa rica, (Fig. 75), feijoada de verdes, (Fig.76), arroz de ginguba, (Fig. 77), caju grelhado, frito e estufado, (o caju é tão multifacetado que seria uma pena não partilhar aquele ingrediente.



Fig.75 - A nossa sopa de hortaliça tinha este aspecto!



Fig.76 - Feijoada de verdes



Fig.77 - Arroz de ginguba (amendoim)

Como a comunidade recebia apoio externo, especialmente vindo da Alemanha e destinado prioritariamente às crianças, também fizeram muitas experiências com farinhas multivitamínicas, que ficavam igualmente muito boas. (Fig.78)



Fig.78 - As duas sopas, lado a lado. (A da esquerda era para as crianças)



Fig.79 - A certa altura do campeonato, até já alguns idosos vinham assistir às sessões e o Pastor não se cansava de tirar notas.

Sujeita a terem-na por mentirosa, porque não fotografou, a nossa voluntária, que se tinha escusado a comer cobra, dizendo que também não conseguia comer enguias, teve mesmo que comer um gafanhoto. Ela bem lhes falou de S. João Baptista, mas eles riam-se e queriam saber se, “logo que fazia bem, a mãe também comia...” Pediu que lhe trouxessem uns bem grandes, “eram os seus preferidos”, fritou-os muito bem fritos em óleo de palma, até ficarem bem estaladiços e comeu à frente deles. Bem, não era assim

tão difícil como ela temera e nem sequer era desagradável. Era como se fosse um jaquinzinho demasiado frito...

Mas afinal o que é que ela comia? O mesmo que os outros! Durante aquelas três semanas nem cheirou carne, mas comeu uns peixinhos de rio muito secos e salgados que comprou aos congolese. E, fosse como fosse, a verdade é que aquela dieta era nutritiva. Não era precisamente o que ela escolheria, dada a sua dieta normal, mas seria uma falta de respeito comer outros alimentos enquanto pregava a vantagem daqueles. Além daquelas sopas, feijoadas, arroz, caju estufado, mandioca assada, coração de banana estufado, havia funge, que ela sempre adorara. (Fig. 80). E como se pode ver, só lhe faz falta a mesa: de resto, está tudo de acordo com as circunstâncias.



Fig.80 - O garfo foi levado de Portugal, tinha aprendido no Mussulo que era difícil arranjar um...

Entretanto o Pedro, rodeado de jovens (que até tinham trazido cadeiras de casa), (Fig. 81) explicava em que consistia o planeamento familiar e as suas vantagens.



Fig.81 - O Pedro, de azul, e o seu público atento ao planeamento familiar

Capítulo 4: Troca de saberes.

Algumas tardes foram dedicadas à troca de conhecimentos sobre produtos naturais para curar aqueles males que não matam mas amolentam... Viu que usavam barro vermelho para curar várias dores, desde a cabeça, a barriga a dores menstruais. (Fig. 82) Esse barro era colhido à noite e espalhado para secar logo de manhã cedo antes de o sol aquecer.



Fig.82 - Tratamentos feito com barro vermelho.

Havia também uma série de plantas para vários fins: icterícia, queimaduras, mordedura de cobras, etc. Até para abortar, Em toca, a professora só lhes disse que o chá de cascas de cebola era bom para dores menstruais, leite materno levemente amornado aliviava as dores de ouvidos dos bebês, uma longa mas suave massagem com a mão untada com óleo de palma ajudava a amolecer barriguinhas duras...

Como não parecer faltar por ali arroz, sugeriu os caldos de arroz para parar a diarreia. E partilhou um truque que usava com os filhos bebês, quando tinham dificuldade em evacuar; um talinho de couve ou de gimboa, bem oleado e delicadamente inserido no ânus da criança.

Trouxeram-lhe um ramo de flores, no último dia, só porque era bonito. Era um ramo de sabugueiro (Fig. 83) e logo ali se partilhou que aquele chá é ótimo para evitar gripes, curar resfriados e aliviar tosses. Que na Europa se fazia vinho, refrescos e até sorvete de sabugueiro!



Fig.83 - O ramo de sabugueiro que lhe ofereceram

Capítulo 5: Tarefa feita, companhia desfeita.

Ao fim de três semanas, despediu-se do soba, do pastor, dos “mais velhos”, com muitos agradecimentos de parte a parte. A professora até se foi despedir do quartel, o tal em frente à casa, pois era mesmo em cima dele se o sol se punha, todos os dias, e seria proibido fotografar um quartel. Ou antes, parecer que estava a fotografar um quartel. Então, apesar dos protestos dos companheiros, foi falar com um graduado e pediu-lhe autorização, que lhe foi dada de imediato e com muita amabilidade: Podia fotografar à vontade! Logo, era necessário agradecer.

PARTE 14: O QUE LHE QUERIA LUANDA?



Capítulo 1: Outra vez a Clínica Sagrada Esperança.

Voltou a Luanda para descansar e se alimentar mais de acordo com a sua idade e hábitos. Foi nesse período de descanso, passado em Talatona na casa da sua amiga Isabel, que recebeu uma mensagem: Importava-se de, no sábado seguinte, à tarde, ir à Clínica Sagrada Esperança falar com o Director? A Isabel emprestou-lhe o jeep e os serviços do motorista Paulo e lá foi ela, à Ilha de Luanda, ter à Clínica.

O Director tinha sabido, por portas travessas, que ela “era boa a Português” e pediu-lhe que fizesse um interregno no voluntariado para dar um curso de redacção aos recepcionistas. Então e o voluntariado, Sr. Dr.?

- Que tal se nós a substituíssemos com víveres daqueles que são criados nas nossas hortas para a Clínica? Além de que lhe podemos pagar o seu tempo e pode usar esse dinheiro para ajudar as suas instituições....

Capítulo 2: Foi trabalhar com um grupo Espírita.

Foi pensar, tinha-se comprometido com a SEAKA, (Sociedade Espírita Allan Kardec de Angola), uma associação espírita, para ir sensibilizar (foi o que lhe pediram para fazer), alguns garotos órfãos de guerra, em Viana, mesmo ao lado da Universidade Jean Piaget. A SEAKA estava a projectar ali, na chamada Casa André Luís, uma obra assistencial de longo alcance, nos campos da saúde, da educação, da assistência a jovens e idosos. Naquela altura era apenas um enormíssimo santuário de embondeiros e mangueiras, com duas pequenas residências construídas. Para lá foi a nossa professora, completamente sozinha, para “sensibilizar” os garotos. (Fig. 84)



Fig.84 - Casa André Luís, em Viana: os primeiros a aparecer, logo de manhã, no dia a seguir à chegada.

O que é que ela tinha que fazer? O que era sensibilizar?

Quando a foram levar, numa segunda-feira de manhã, foi também um carregamento de latas de leite em pó, feijão, açúcar, massa e arroz. Fizeram-na entrar para o centro de uma sala que ainda estava vazia de mobiliário e ficaram todos em silêncio uns minutos. Depois, uma das senhoras da SEAKA suspirou e disse que ela era muito bem-vinda. Percebeu que se estava a referir a espíritos e até ficou mais descansada: afinal não ficava completamente sozinha... Só que o grupo se foi embora sem explicar o que seria “sensibilizar”.

Quando os garotos começaram a vir, logo de manhã, pensou que a primeira sensibilização seria dar de comer a quem tem fome. (Fig. 84) Por isso, logo de manhã fazia litros de leite em pó para dar às crianças, juntamente com um pão que lá iam entregar ao portão.

E era aí que começava a sensibilização:

- Há leite e pão que chega para todos, ninguém precisa de roubar ao outro, basta só ficar para o fim e recebe outro copo de leite.

- Ninguém tira a vez do outro. Quando chega, fica no seu lugar.

- Os mais velhos não recebem a sua parte se roubarem os mais pequenos.

E por aí adiante.

Por volta das 11 horas começava a cozinhar uma enorme panela de arroz de peixe, ou de frango, couves, ou arroz com arroz. Outras vezes era esparguete. Às cinco horas, mais um dose de leite e mais um pão, e eles iam para casa na comunidade, nunca soube nem quis saber para onde, porque temia saber, mas sempre com a sensibilização: cuidado com os carros, não vão a correr, amanhã quando chegarem toda a gente diz bom-dia...

Nos intervalos, dos cozinhados, criou uma escola debaixo de um embondeiro, a que não faltava uma velha cobertura de carroceria, produzida pela Arvoreense, ali para os lados de Ermesinde ou Maia, que por lá encontrou. Um pedaço grande de cartão servia de quadro. (Fig.85)



Fig.85 - A escola debaixo do embondeiro

Logo que era preciso sensibilizar, escreveu uma frase no cartão-quadro sobre a Pátria deles: Angola. Aprenderam-na de cor. Mas quem se sensibilizava era ela: a fome daquelas crianças estava tão impregnada no seu corpo que ela se arrepiava ao vê-los comer mangas tão verdes, tão verdes, que, se ela as comesse, teria uma gastroenterite,

pelo menos. Era preciso que eles aprendessem a estar sentados, a não tirar nada aos outros, e ela espantava-se com a facilidade com que aprendiam desde que não tivessem fome. Tinha ido munida de giz, lápis e cadernos que adquirira em Luanda, mas o enleio deles todos era o apara-lápis: Estavam sempre a partir o bico para poderem afiar. Era uma espécie de encantamento. Aprendiam contas com muita facilidade com pedrinhas e foi com elas que atingiram os conceitos de somar, subtrair, multiplicar e dividir. Folhas de mangueira faziam de peixe que se comprava e vendia. Com quantos peixes tinha saído a peixeira? Quantos tinha agora?

No primeiro dia em que ela conseguiu levar para a “escola” uma mesa redonda de plástico que fazia parte da sua mobília, encontrou um bom pedaço de mangueira em cima da dita mesa.

- Para que é isto?

- Para bater!

- Para bater? E quem é que vai bater?

- Professora bate!

- Mas eu não bato, não preciso de mangueira, não quero mangueira e nem vou dizer obrigado por trazerem a mangueira.

Um baixinho, muito extrovertido, talvez filho de mestiço e negra – era um tanto mais claro – o Edmilson, disse:

- Fui eu que trouxe. Lá na escola, na comunidade, o professor batia muito. Batia-me.

- Por que te batia ele?

- Porque eu não aprendia.

- E quando ele te batia, tu aprendias?

- Não, não aprendia nada. Borrava-me todo.

- Estás a ver? Não é por bater que se aprende!

Seguiu-se um diálogo surrealista, após uma apresentação, acompanhada por imagens no computador:

- Olhem, eu vivo em Portugal, é muito longe, tenho três filhos, são estes, tenho três netos – sabem o que são netos? – são estes, e gosto muito de viver numa casa que tem um jardim: esta aqui. O meu marido já morreu, era professor como eu, e é por isso que estou aqui com vocês (“convosco” não ia ajudar nada...) Vamos ver quem é que já

sabe ler, quem sabe fazer contas, mas primeiro, por favor (sensibilização...) digam-me o que querem ser quando forem grandes. Gosto muito de saber o que pensam fazer no futuro.

Julião: - Quero ser professor.

- Professor? Que bom! E porquê?

Julião: Pra bater.

- Mas ainda agora combinámos que não se bate só porque se é professor! E tu,

Aleixo?

Aleixo: Quero ser polícia! Pra bater!

- E tu, Calulu, também queres bater?

- Sim, quero ser segurança, daqueles que usam arma, toda a gente tem medo.

- Alberto, queres ser o quê?

- Ah, eu quero ser engenheiro!

- Quase que me dá vontade de te abraçar, Alberto! Até que enfim, alguém que não quer bater! Olha, mas tens que estudar muito para ser engenheiro, prometes?

- Eu quero ser engenheiro porque engenheiro não trabalha, usa só roupa boa e bonita, até usa gravata, e o trabalho dele é andar na obra com as mãos atrás das costas! (E o Alberto levantou-se e representou o seu papel de engenheiro!)

Um tanto desanimada, lá continuou as perguntas, quase todas de idêntica resposta e justificação. Até chegar ao último: costumava chamar-lhe “meu filho” porque o nome pelo qual era conhecido era Canivete. Já lhe tinha dito:

- Meu filho, Canivete não é nome de pessoa, portanto quando vocês forem registados (a maior parte não era), vais escolher um nome de que tu gostes. Não tens que escolher um nome de branco, escolhe o que tu quiseres, mas Canivete não!

-Então, e tu, o que queres ser quando fores grande?

- Eu quero ser jardineiro.

- Oh meu querido, e por que queres ser jardineiro?

- Porque gosto de ver as casas bonitas, como a tua!

Ela não resistiu: abraçou-o, comovida, e prometeu-lhe que ele teria um dia o seu curso não só de jardineiro mas de agricultor, porque ela trataria do assunto. E tratou, junto da Dra. Amélia Cazalma, Presidente da SEAKA

Agora que contou estas coisas que se passaram naquele paraíso de embondeiros, que lhe ofereciam dois momentos únicos por dia, ao nascer e ao pôr do sol, e ao recordar as mulheres e as crianças de Mumemo e Invinha, sente uma dor do coração: que será feito deles? Até que ponto serviu de alguma coisa para melhorar as suas vidas? Como ficou a chamar-se aquele menino que gostava de ver as casas bonitas?

Não passava o fim de semana em Viana, ia para Luanda, pois vinham buscá-la e trazê-la na segunda de manhã, acompanhada de mantimentos para a semana toda. Na última sexta-feira que lá ia passar fez a maior feijoada da sua vida. Uma coisa a preceito, o que nunca tinha conseguido fazer em Moçambique pela dificuldade em arranjar carne de porco e seus derivados: todos os talhos que conheceu pertenciam a muçulmanos e um até a fez dar uma boa corrida...

Comeram, comeram, eles e ela estavam tristes, iam separar-se, e para desanuviar, a “sensibilizadora”, para ver se eles tinham aprendido mesmo a agradecer, perguntou-lhes:

- E que se diz agora?

Quando ela conta isto toda a gente pensa que eles vão dizer “quero mais” mas não foi isso que aconteceu: ficaram calados a olhar para ela e o Canivete quebrou o silêncio e o coração dela:

- Vais embora porquê? Tu já tens os filhos, os netos, a tua casa bonita. Não precisas de mais nada. Vais embora porquê?

E foi por isso que ela veio a chorar desde Viana até Talatona, naquela sexta-feira. Aquele pranto foi útil quando uma agente da polícia mandou parar o jeep por pretenso excesso de velocidade.

- Ai, Mãe, vais a chorar porquê?

Resposta do Paulo: Eh pá, senhora agente, ela tem estado em Viana com as crianças, agora vai embora no Portugal, então está triste.

E lá vieram eles embora sem ter que esportular uma “gasosa”, uma espécie de “imposto de mais valia”. que estava a ser solicitado, exigido, para colmatar as falhas de uns vencimentos ridículos.

Capítulo 3: Voltar a ver o Marçal.

Estava mesmo a precisar de pensar em si, de descansar. Aproveitou para ir ver se a sua casa do Musseque Marçal ainda existia. Estava lá a casa e o tamarindeiro, mas as casas da Velha Mabunda e da Mãe Jejuína já não existiam. Percorreu a Avenida dos Combatentes da Grande Guerra, andou pelo meio daquela organização caótica de construções, arranjou companhia para ir ao Mercado de S. Paulo. Ia com um propósito, porque não iria àquela tremenda confusão sem um objectivo concreto: queria comprar uns pequenos troncos que ela usava, quando era criança, como escova e pasta de dentes, ao mesmo tempo. Ficava com a boca fresca e perfumada. O Paulo levou-a a um canto do mercado mas já não vendiam disso. E gengibre e cola? Ah, isso sim, ainda havia e será que ela não queria pau de cabinda para o marido? Disse-lhes que já não tinha marido e elas confortaram-na e pediram desculpa. Foi então que se lembrou de lhes perguntar se, por acaso, tinham conhecido duas senhoras já mais velhas, de nome Jejuína e Mabunda. Sim, elas já tinham morrido, mas as suas fotografias até apareciam em livros da escola. E por que perguntava por elas? Tinham sido duas vizinhas! Que festa! Quem era, quem não era? Era filha dos Manaças? Tanto abraço que o Paulo se assustou, julgando que a estavam a assaltar. Bem, apesar de lhes ter dito que estava viúva, não a deixaram sair de lá sem um bom pedaço de pau de cabinda... Nunca se sabe quando será preciso, diziam com olhar malicioso...

PARTE 15. A FORMADORA

Capítulo 1: Clínica Sagrada Esperança, Ilha de Luanda.

Logo que pôde (não havia táxis, ou antes havia, mas o sistema era muito diferente e um tanto esquisito...) foi à Clínica. (Fig.86).



Fig.86 - A CSE tinha começado numa graciosa mas enorme vivenda destinada a férias de altos dignitários. Foi sendo acrescentada, praticamente todos os anos, dada a sua enorme clientela.

Sim, iria ficar um mês a trabalhar com as recepcionistas, se a CSE lhe conseguisse alargar o prazo do passaporte. Ficaria a residir num dos pequenos apartamentos que a Clínica tinha para alojar os expatriados – era o nome que recebiam os estrangeiros a trabalhar em Angola. Foi então que conheceu a directora da Logística, a D. Conceição Araújo, que se iria tornar mais do que amiga, sua irmã, e após um dia ou dois para inscrições, começou a Formação. Mereceu cada kuanza que a CSE lhe atribuiu, pois foi a Direcção que lhe fez o salário: não era só preciso ensinar a falar Português, era obrigatório explicar àquelas pessoas que o seu patrão, quem lhe pagava o ordenado, era o cliente da Clínica e não o Director, ou os accionistas. Aquela gente simpática e bem disposta, apanágio dos luandenses, quando vestia um uniforme, uma farda, nem que fosse de pessoal de limpeza, ficava outra: tratava os clientes por tu, dizia desaforos, obrigava a estar à espera enquanto falavam ao telemóvel...No entanto, assumiu que não seria com admoestações que conseguiria algum resultado. Pôs os recepcionistas no lugar dos clientes e criou dois pequenos manuais de trabalho: um chama-se “E se fosse eu?” (Fig. 87) e o outro “Sabe qual é a importância da primeira impressão?”

Apresentou-se como quem era, branca de segunda, tinha que se esforçar para não falar à luandense, mas aquelas expressões que, infelizmente, ainda continuam a rarear na comunicação, como “Se faz favor”, “Desculpe”, “Atendo já”, “Obrigada”, “Desculpe mas o médico ainda não chegou, há muito trânsito”, etc., começaram a deslizar com mais frequência e veracidade nas suas expressões. A formadora tinha o cuidado de passar muitas vezes por locais onde elas estivessem de serviço...

Maria do Carmo Cruz



E SE FOSSE EU?

E SE FOSSE EU?

Fig.87 - Capa do seu manual

Capítulo 2: Humanização dos Cuidados Clínicos.

Ao fim de um mês, regressou a Portugal, mas a partir de 2007 o Director começou a solicitar-lhe que fosse lá pelo menos um mês por ano. Mandava-a buscar ao aeroporto e ia directamente directamente para o seu pequeno apartamento, em cuja parede batia o mar, por períodos de um a três meses. Havia tanta coisa a fazer e a adaptar! Regulamento dos internamentos e das visitas da Clínica, Manual da Higiene Hospitalar, Manual do Atendimento, por exemplo. Então, mas a roda já não tinha sido inventada? Tinha, mas era preciso adaptar, tornar mais próxima a relação pessoal- paciente

Para realizar esses trabalhos, a que ela chamava “Humanização dos Cuidados Clínicos”, teve que comprar muitos livros, ingleses quase todos e pesquisar sites brasileiros onde se começava a tratar, a boa velocidade, da necessidade de humanizar os hospitais e centros de saúde. Todo o tempo que passava em Portugal era a preparar material para formação na Clínica. Até que um dia o Presidente do Conselho da CSE lhe disse:

- Você é professora de inglês, bem podia dar formação em inglês, aos nossos médicos e enfermeiros, para quando têm de atender associados nossos das plataformas petrolíferas e cuja língua de comunicação é o inglês.

Podia? Como podia? O vocabulário, as construções gramaticais, as expressões idiomáticas eram totalmente diferentes do inglês que ela tinha ensinado até então. Mais uma pequena fortuna em livros, CD, filmes e um enorme interesse por tudo o que pudesse mostrar-lhe como melhorar a relação médico-paciente, enquanto se preparava para ensinar a fazer as perguntas em inglês médico. Aprendeu a fazer as perguntas da história médica dos pacientes, a perguntar sintomas e sinais, a identificar os vários tipos de dor, a acalmar os doentes, a explicar-lhes os exames que iam fazer. Para aí chegar, precisou de longas horas, muito trabalho, muita pesquisa, muita leitura. Mas em breve estava a fazer essa formação, tanto na sede da CSE, como na filial em Talatona.

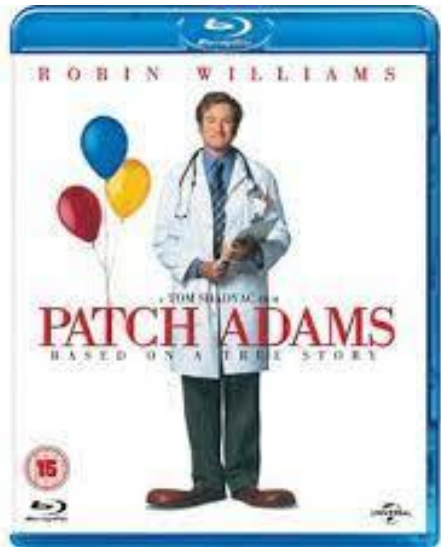


Fig.88 - O filme "Patch Adams" e o verdadeiro Patch Adams

Começava sempre com a visualização de um filme que tinha Robin Williams como protagonista. "Patch Adams" era baseado em factos verídicos, pois esse era o nome de um médico que muito tinha lutado para que os pacientes passassem a ter um nome e não um número. (Fig. 88). A serem vistos como pessoas, cada uma diferente das outras. Embora o real Patch Adams não tivesse concordado com todo o filme, a sua mensagem era cativante. Depois de ver o filme, a formação deslizava sobre rodas. E ela também, porque no dia 26 de Maio, fazia anos que o marido partira, ela partiu os ossos de ligação do pé à perna. Aqui está ela, por exemplo, escorada por canadianas humanas, depois de uma formação com enfermeiras. (Fig.89) Teve que vir de cadeira de rodas e um documento por causa dos metais que soavam no aeroporto.



Fig.89 - Após uma formação com enfermeiras na filial de Talatona.

Como não passava o dia a fazer formação, criou um Boletim Informativo mensal da Clínica, (Fig.90) que tinha sempre um longo e útil Editorial do Director, notícias do que se passava ou ia passar, calendarização de formações, uma entrevista a um ou uma funcionária a começar nas mais antigas, uma secção de Bom Português e curiosidades. Pelo menos...

Andou cá e lá, um ou dois meses por ano, trabalhando igualmente online em elaboração de textos, revisão de publicações, editora da Revista Científica da Clínica. (Fig. 91), à distância. Durante muito tempo trabalhou mesmo de graça, porque deixou de ser possível fazer pagamentos em moeda estrangeira e os kuanzas não podem sair do país. Trabalhou sempre enquanto lhe pediram, porque sempre lhe tinham pago quando o podiam fazer. Ainda mantém uma bela relação com muitos funcionários, os mais novos chamam-lhe Tia e não raro lhe pedem que reveja os seus trabalhos académicos, pois a maior parte deles estuda nos cursos nocturnos universitários, propósito que as chefias da Clínica muito aprovam.

PARTE FINAL: VALEU A PENA?

A última vez que estive a trabalhar em Angola foi em 2012. Essa foi uma época da sua vida que a preencheu a muitos níveis. Vivia mesmo junto ao mar, era estimada, mimada, gostava do que fazia estava sempre a ser desafiada,

era remunerada com alguma generosidade. O que lhe permitia a ela ser generosa também.

No entanto, não há a mínima hipótese de comparar o seu trabalho em Moçambique e em Angola. Os dois foram precisos para ela crescer como pessoa, mas em Angola, enquanto trabalhou na CSE, ela viveu anos numa gaiola dourada, protegida de todas as vicissitudes que os angolanos suportavam. Só pode comparar o trabalho em Moçambique ao que realizou em Quibaxe e em Viana. Curiosa esta constatação: trabalhar só pelo outro, aprender pelo e para o outro, é o pagamento maior que se pode receber.

Chegada a Portugal de vez, deixou-se convencer a ir fazer Catequese na Igreja na Lapa. Bendita a hora! Por lá andou quatro anos, mas agora, aos 80 anos, tinha de se reformar dessa tarefa também. Estes foram seus durante esse tempo, até fazerem a sua Profissão de Fé em 2021: a Mariana, a Francisca, o Luís, o Miguel, o Afonso e o Diogo, com a bênção de Jesus e do Padre Agostinho Pedroso.



Fig.92 - A última actividade pública: Catequista na Igreja de Nossa Senhora da Lapa.

Andava por aí mais ou menos aos caídos quando uma amiga do Facebook, a Senhora D. Helena Costa, lhe pediu que deitasse um olho à página do Facebook. “Sintaxe e Semântica do Português”. Deitou o olho no dia 14 de Julho de 2021 e por lá continua, com os seus mais de 150 000 membros.

Não quer ir lá também deitar um olho?

Enquanto ela, vaidosa e palavrosa, contava a este mundo e aos outros sete as maravilhas de ser Professora e de ser bisavó (com o número 7 nunca nos enganamos, porque ele significa a Perfeição e Plenitude), a 4.^a Pancreatite, doença com quem ela vinha vivendo desde 2012, numa convivência baseada naquele célebre pensamento científico - ou ela dava cabo da pancreatite, ou a pancreatite dava cabo dela – deu-lhe um enorme safanão no dia 1 de Março, dia de Carnaval de 2022, e descobriu, de repente mas sem dúvidas, que era tão fácil morrer!

VALEU A PENA?

TEMPO DE BALANÇO

E também mensagem para professores desanimados...

Sentada na imensa tranquilidade

Dos meus quase oitenta anos

Estranhamente liberta da idade,

De sonhos e de enganos,

Olho para trás,

E com uma calma desmedida

Vejo as coisa boas e más

Desta já longa vida.

O que parece longe e sem sentido:

A ansiedade, o medo

O Amor, tão múltiplo, diferente, às vezes tão sofrido

A solidão como uma agonia e em segredo,

O trabalho desmedido,

A procura incansável,

O tempo tantas e tantas vezes mal vivido

O não saber distinguir entre o que é ou não indispensável.

Mas também todas as outras coisas boas,

Tantas e tais, que se fosse agradecida

Deveria passar anos cantando loas

Ao Senhor da Vida.

O Amor, tão múltiplo e diferente,

Dado e sentido por tanta e tanta gente,

Mas em primeiro lugar pelo Companheiro,

Este Homem de alma e corpo inteiro

E cuja ausência

É a minha mais constante persistência.

O Carlos, o Rui e a Joana, filhos tão diferentes e entre si tão completos,

Estes três maravilhosos netos,

Que já me trouxeram os seus amores.
E a Fátima, a Vera,
A Inês e o André e o Rodrigo,
O Tiago, que já me trouxe a Sofia
E os dois me fizeram bisavó!
Que orgulho no Afonso, o meu bisneto,
Não gosto de falar em genros nem em noras,
Palavras feias da língua portuguesa.
São, sim, filhas de todas as horas,
Esta palavra, sim, cheia de beleza.
E o Trabalho,
Todo o imenso trabalho em que me envolvi
Percorrido, Senhor, por largo caminho ou por atalho,
Que fantástica riqueza!
Conheci tanta gente, Gente com letra grande,
Que tudo em que toca cresce e se expande
Numa multiplicação de Saber ou de Beleza.
Os Alunos, a Escola, esta partilha,
Este ver crescer cada um por dentro
Esta emocionante maravilha
De ajudar a usar o Pensamento
Como uma alavanca poderosa
Que cria o Conhecimento,
Tão boa que custa a acreditar-se.
Que bom, Senhor, que é viver,
Rir, chorar e sofrer
Cair e levantar-se.
Tudo é Bom, tudo Vos agradeço, nesta hora,
Mas 3 muito especialmente,
Terdes-me criado Professora.

Maria do Carmo Parola Gonçalves Pereira da Cruz

Nota Final: Faltam aqui muitos nomes, mas ela tem a certeza de que muitos se vão reconhecer como actores e motores desta vida tão cheia que ela agradece a Deus todos os dias. E ainda falta contar mais coisas interessantes que a Vida lhe tem dado.